

Estudo dos “Outros Materiais” provenientes do Museu Nacional de Machado de Castro

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Estudo dos “Outros Materiais” do Museu Nacional de Machado de Castro
Autor/a	Luís Fareleira
Orientador/a	Doutora Helena Maria Gomes Catarino
Coorientador/a	Doutor Ricardo Costeira da Silva
Júri	Presidente: Doutora Maria da Conceição Lopes Vogais: 1. Doutor Pedro Jorge Cardoso de Carvalho 2. Doutora Helena Maria Gomes Catarino Doutor/a
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Medieval
Data da defesa	24-10-2014
Classificação	17 valores



Agradecimentos

Tudo isto seria impossível se não fossem os meus pais, e o meu irmão. Por isso, e por tudo o resto, um eterno e infinito Obrigado.

À minha Orientadora, a Doutora Helena Catarino, pela sua constante presença, apoio, paciência e estímulo intelectual que me fez sempre querer chegar mais além, ver que nada acontece por acaso, e que todos os pequenos dados são extremamente importantes para o conhecimento do passado.

Ao meu Co-Orientador, o Dr. Ricardo Silva, que além do extraordinário Arqueólogo, é também um extraordinário Ser-Humano. Foi a sua orientação, motivação, e principalmente o seu apoio que me fez continuar a trabalhar todos os dias, de uma forma rigorosa e competente.

À Bruna, que tem estado sempre comigo nos bons e nos maus momentos, e que teve um papel crucial neste trabalho.

À D. Eunice do Instituto de Arqueologia, que foi sempre incrivelmente prestável desde o início ao fim deste trabalho.

À D. Gina, Raquel, Sr. Ferro, Sr. Armando, Sr. João e à Doutora Fernanda por todo o apoio que me deram durante o trabalho no Museu Nacional de Machado de Castro.

A todos os meus amigos que me ajudaram sempre, seja com uma boa conversa, seja com um bom copo de vinho. A todos, um grande abraço.

Finalmente, a Coimbra.



Resumo

Desde, pelo menos, há dois mil anos até ao presente, o actual Museu Nacional de Machado de Castro tem vindo a ser ocupado de uma forma quase contínua.

As escavações neste sítio revelaram a existência (ainda que vestigial) de estruturas anteriores à ocupação romana deste espaço. O que sabemos com certeza, é que no século I, Augusto manda erigir o fórum de *Aeminium*. Deste apenas é visível uma pequena parcela do Criptopórtico, estrutura que tinha como principal função a sustentação de um fórum que nessa colina seria implementado.

Já durante o período Claudiano, esta estrutura foi significativamente ampliada tendo em vista o próprio alargamento do complexo forense. A ocupação deste espaço durante o período que medeia os séculos V até ao X continua a ser mal conhecida. Parece certo, no entanto, que nos finais do Século XI aqui se inicia o processo de conformação do Paço Episcopal de Coimbra, que aqui permanecerá instalado até ao advento da Republica.

Em 1913, este espaço é cedido ao museu, contabilizando já 101 anos a difundir a cultura e o espírito crítico pela sociedade, tarefa tão crucial em qualquer nação que se orgulhe da sua memória colectiva, tão menosprezada pelos iluminados e ilustres governantes deste país.

Sendo este um espaço dedicado à ciência, logo aquando das primeiras obras de reestruturação, começaram também os trabalhos de escavação arqueológica, revelando assim um dos maiores Criptopórticos do mundo romano, e um dos expoentes máximos da Arqueologia Romana portuguesa.

Ainda que de uma forma intermitente, desde 1929 até 2011, o actual Museu Nacional de Machado de Castro tem vindo a ser sujeito a vários trabalhos de escavação, de onde resulta uma enorme quantidade de espólio arqueológico.

Este Relatório vai abordar uma parte desse espólio, sendo que apenas nos debruçaremos nas peças cuja matéria-prima é o metal, o osso, as pastas vítreas, o vidro, e até a madeira. Todavia, este tipo de artefactos são normalmente relegados pelos investigadores para um plano secundário.

Assim, ao focarmo-nos exclusivamente nesta realidade, temos como objectivo o tentar criar uma narrativa histórica acerca de toda uma ocupação de 2000 anos, com

materiais que ao contrário do que se pensa, nos poderão fornecer diferentes informações e perspectivas, permitindo uma abordagem diferente deste espaço.

Palavras-Chave: Artefactos metálicos, artefactos de osso, Museu Nacional de Machado de Castro, Arqueologia Urbana.

Abstract

Since, at least, two thousand years until the present, the space and the building of the Machado de Castro's National Museum has been continuously occupied.

The excavations in the archaeological site revealed structures older than the roman occupation of this place. We know for certain that, in the first century of our era, Augusto ordered the construction of the Aeminius's *forum*. Nowadays, it is only visible a fraction of its construction, which is a small part of cryptopotico. The function of this construction was to support the entire structure of the main building (the *forum*), since it was implemented on a hill.

During Claudio's rule, both *forum* and cryptopotico were extended. Later, it was possibly occupied since the 5th to 10th century, although we know for certain that on the 11th century the Bishop's palace of Coimbra was raised here.

In 1913, this space is assigned to the museum, and for 101 years it has been spreading culture and critical spirit to the society, which is a crucial task in any nation that is proud of its collective memory, but at the same time, so overlooked by the illustrious and bright rulers of this country.

Being this a scientific related space, when restructuring works began, also began the archaeological excavations, revealing one of the biggest cryptopotico of the roman world, and one of the greatest sites of the Portuguese Roman Archaeology.

Although in a intermittent way, this excavations in the Machado de Castro's National Museum took place between 1929 and 2011, resulting in a enormous quantity of archaeological material.

This report is going to approach some of that material, more specifically, in the metal, bone, glass and even wood pieces. These types of artifacts are normally left to a secondary plan.

Thus, by focusing exclusively on this reality, our objective is to create a historical narrative about this 2000 year occupations, based on materials that unlike what is assumed, it can give us different perceptions and information, allowing a different approach of this archaeological site.

Key-words: Metal artifacts, bone artifacts, Machado de Castro's National Museum, Urban Archaeology.

Índice

Resumo.....	1
Abstract	3
1. Introdução	1
1.1 Apresentação	1
1.2 Objectivos.....	5
1.3 Metodologia	7
2. O Sítio Arqueológico.....	13
2.1 O Museu Nacional Machado de Castro: Um Breve Enquadramento Histórico	13
2.2 Os Trabalhos Arqueológicos: Um Exemplo do Dinamismo da Arqueologia Urbana.	17
3. Os Objectos em Estudo	20
3.1 Organização do Estudo.....	20
3.2 Grupo da Costura, Tecelagem e Indumentária	24
As agulhas de Costura	24
Dedais.....	25
Alfinetes	27
Fusos e a Roca	31
Separador de um Tear Vertical	34
Botões	37
3.3 Grupo das Fivelas e das Fíbulas.....	41
Fivelas.....	41
Fíbulas	46
3.4 Grupo das Ligulae.....	49
3.5 Grupo de Objectos de Adorno	51
Anéis.....	51
Braceletes.....	54
Contas de Colar	56
Acus Crinalis	61
3.6 Grupo do Medalhão e Sinete	70
Medalhão	70
Sinete.....	70
3.7 Grupo dos Objectos Cortantes.....	72
Punhais.....	72

Ponteira de Bainha	73
Facas e Cabo de Facas	75
3.8 Grupo dos Objectos ligados à Segurança	78
Chaves	78
Fechadura	80
3.9 Grupo das Dobradiças e Apliques Decorativos	81
Dobradiças de Arca ou Livro	81
Apliques Decorativos	82
3.10 Grupo dos Objectos de Fixação e Reforço	85
Pregos	85
Tachas	89
Argolas	91
3.11 Grupo das Ferraduras	94
3.12 Grupo dos Objectos com baixa representatividade	98
Colchete	98
Elemento de reforço e conexão	98
Guizo	99
Peças de Jogo	100
Anilha	100
Charneira de Lingueta	100
Pinça	100
Pendente	101
Ponteiro	101
Tenaz	102
Correntes	102
3.13 Grupo das Peças Indefinidas	103
Peças feitas a partir do cobre ou liga de bronze	103
Peças de Ferro	105
Peça de Osso	106
Peça em Matéria Indefinida	106
4. Conclusão:	107
Bibliografia:	112
Anexos	117

Anexo 1: Cronograma do Estágio	118
Anexo 2: Planta da Área escavada entre 1992 e 1998.....	119
Anexo 3: Planta da Área escavada de 2001 e 2003	120
Anexo 4:Planta da Área escavada entre 2006 e 2008.....	121
Anexo 5: Planta da Área do Sector C entre 2006 e 2008	122
Anexo 6: Planta da Área do Sector D entre 2006 e 2008.....	123
Anexo 7: Planta da Área escava de 2011	124
Anexo 8: Estratigrafia da Sondagem 3, da Área I do Sector C (Silva, 2009: Figura 29)	125
Anexo 9: Número Total de Peças (891).....	126
Anexo 10: Amostra das Peças submetidas a Estudo (383)	127
Anexo 11: Acondicionamento da Amostra em Espuma de Politieno	128
Anexo 12: Ficha Descritiva	129
Anexo 13: Percentagens do Estado de Conservação da Amostra.....	130
Anexo 14: Percentagens dos Materiais que Compõe a Amostra.....	131
Anexo 15: Percentagens das peças que conhecemos o seu contexto VS Peças cujo contexto nos é desconhecido.....	132
Anexo 16: Proveniência dos Objectos relativamente às Campanhas de Escavação.....	133
Anexo 17: Percentagens das proveniências dos Objectos relativamente à datação das camadas estratigráficas associadas.....	134
Anexo 18: A representação por percentagem dos vários Tipos de alfinetes.....	135
Anexo 19: Representação por percentagem das cronologias associadas aos contextos arqueológicos dos alfinetes do Tipo 1.....	135
Anexo 20: Representação por percentagem das cronologias associadas aos contextos arqueológicos dos alfinetes do Tipo 2.....	136
Anexo 21: Esquema proposto para o Tear Vertical.	136
Anexo 22 e 23: Proposta de Utilização dos Separadores do Tear Vertical.	137
Anexo 24: Percentagem das Matérias-Primas presentes nos Pregos.....	137
Anexo 25: Exemplos de aplicação da tacha 375 nos arreios de cavalo.	138

1. Introdução

1.1 Apresentação

O presente trabalho vai abordar o Estudo dos “Outros Materiais”, ou seja, o estudo dos objectos metálicos, de osso e pasta vítrea, provenientes das campanhas arqueológicas realizadas no Museu Nacional de Machado de Castro. Este trabalho integra-se na Unidade Curricular de Relatório de Estágio, do Mestrado de Arqueologia e Território da Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra.

Decidimos enveredar pelo Relatório de Estágio, principalmente, pela grande componente prática que iria envolver. Sabemos que hoje em dia o mercado está cada vez mais competitivo, sendo cada vez mais importante ter presente o conceito do *Savoir – Faire*, o que se traduz num leque de competências em várias áreas distintas.

Embora esta modalidade seja eminentemente prática, nunca abdicaríamos da investigação científica, pois além de ser uma actividade inesgotável, e que complementa qualquer um a nível intelectual, é imperativo a qualquer Arqueólogo, que se queira denominar como tal, saber investigar.

Em conversa com a nossa orientadora, a Doutora Helena Catarino, percebemos que o estudo dos metais é algo que ainda está (muito) pouco desenvolvido, e carece de trabalhos que aprofundem estas temáticas.

Aquando do nosso primeiro contacto com o Co-orientador, o Dr. Ricardo Silva, percebemos que iria ser um trabalho complexo, não só pela amostra que iríamos abordar, mas principalmente pelos desafios metodológicos que tínhamos pela frente.

Assim, o nosso estágio começou em Outubro de 2013. Foi então aqui que tivemos o primeiro contacto com a nossa amostra (Anexo 1). Neste mês os trabalhos incidiram-se totalmente na inventariação de todos objectos.

O mês de Novembro foi reservado à marcação e selecção da amostra para estudo. Neste sentido, de uma amostra total de 891 indivíduos, excluíram-se 508, dando um total de 383 peças, que acabariam por ser submetidas a análise.

Dezembro de 2013 e Janeiro de 2014 foram marcados pela elaboração dos desenhos das peças. Dentro da amostra para estudo, seleccionaram-se 45 artefactos, de modo a serem representados através do desenho.

Em Março deu-se início ao processo da elaboração do registo fotográfico. No mesmo mês, bem como em Abril, os nossos esforços concentram-se na organização do Catálogo, processo que se revelou ser incrivelmente trabalhoso¹.

A partir de Maio concentrámo-nos totalmente na pesquisa bibliográfica, tendo sido finalizada nos finais de Julho. De facto, a consulta e recolha bibliográfica acaba por ser “um mundo sem fim”, já que é um trabalho quase inesgotável.

Simultaneamente a esta tarefa, deu-se início à redação propriamente dita do Relatório de Estágio. Este começou a meados de Junho, concluindo-se totalmente no presente mês de Setembro.

Em termos estruturais, o presente trabalho é composto por três documentos distintos: primeiro faz parte todo o processo que está associado a um Relatório de Estágio, isto é, a apresentação da amostra, o seu estudo e as conclusões que lhes estão associadas.

O cômputo geral do estudo desenvolvido, resultou no presente relatório que está organizado em 4 capítulos.

O capítulo 1 reserva-se à Introdução, que se divide em três subcapítulos. O 1.1 está reservado à apresentação da organização do trabalho. O capítulo 1.2 debruça-se sobre os objectivos deste relatório de estágio. A metodologia enquadra-se no capítulo 1.3, já que sem uma estratégia bem definida, seria impossível realizar um estudo competente de toda esta amostra.

O capítulo 2 centra-se na apresentação do Sítio Arqueológico. Aqui encontra-se a imperativa contextualização histórica do sítio do Museu Nacional de Machado de Castro (que corresponde à divisão 2.1), nem como uma breve contextualização dos vários trabalhos arqueológicos aqui realizados, mais precisamente entre 1929 e 2011 (que se traduz no subcapítulo 2.2)

O capítulo 3 assume-se como o capítulo mais importante deste trabalho, já que este se dedica à análise e estudo das peças. Aqui, encontram-se treze subdivisões: o 3.1 tem como propósito a explicação da apresentação da amostra. Os restantes subcapítulos vão abordar, individualmente, vários os artefactos de vários grupos funcionais, desde a sua análise morfológica, à divisão por tipologias, o seu enquadramento no arqueossítio, bem como os eventuais paralelos e raciocínios possíveis. Desta forma, o capítulo 3.2 destaca o Grupo dos objectos de Costura e Tecelagem; o 3.3 concentra-se no Grupo das

¹ Todo este processo será abordado de uma forma detalhada no capítulo da Metodologia.

Fivelas e das Fíbulas; o 3.4 evidência o Grupo das *Ligulae*; o 3.5 destaca o Grupo dos Objectos de Adorno; o 3.6 aborda o Grupo do Medalhão e do Sinete; o 3.7 refere-se ao Grupo dos Objectos Cortantes; o 3.8 relaciona-se com o Grupo dos Objectos de Segurança; o 3.9 explica o Grupo das Dobradiças e Apliques Decorativos; o 3.10 vai se centrar no Grupo dos Objectos e de Fixação e Reforço; o 3.11 vai abordar o Grupo das Ferraduras; o 3.12 vai escortinar o Grupo dos Objectos de Baixa Representatividade, e finalmente, o subcapítulo 3.13 engloba o Grupo das Peças Indefinidas.

O quarto e último capítulo corresponde à Conclusão, onde se tecem algumas ideias e se reflecte sobre o trabalho realizado, bem como são apresentadas algumas questões que poderão, eventualmente, levar a trabalhos futuros.

O segundo documento corresponde ao Anexo das Descrições, onde são apresentadas as descrições individuais de cada peça, bem como um pequeno resumo das unidades estratigráficas de onde as nossas peças são provenientes. Importa aqui referir que não são expostas as U.E.^s relativas aos trabalhos de 2000, uma vez que apenas dispomos do Relatório de Progresso dessas escavações.

O terceiro e último documento traduz-se no Anexo do Catálogo. Este está organizado por Estampas, e cada peça corresponde a um número individual. Aqui estão inseridas as fotografias e os desenhos de algumas peças.

Para a sua elaboração, decidimos seguir a linha metodológica do volume VII da publicação *Fouilles de Conímbriga: Trouvailles Diverses* (Alarcão *et alii*, 1979), uma vez que nos parece o mais indicado para este trabalho – e de facto, é o único caso de estudo que se debruça exclusivamente no tipo de materiais que estamos a tratar.

Esta consiste numa divisão tipológica dos achados por funcionalidade, onde os autores apresentam uma discussão sobre os resultados do estudo dos vários objectos que integram cada grupo. Aborda assim, não só as problemáticas relacionadas com as cronologias associadas aos indivíduos que estão a ser submetidos a análise, mas também as questões relacionadas com a sua funcionalidade, transversalidade de uso na longa diacronia e quando possível, entender as transformações morfológicas que foram sofrendo ao longo do tempo.

Assim, cada peça será individualizada para que seja possível apresentar as suas características de uma forma clara e simples. Será apresentado o seu Número de Inventário, Função, Material de que é composto, Cronologia, Descrição, Contexto

Arqueológico, Paralelos com outras publicações (se possível) e finalmente o número de Fotografia e/ou Desenho na respectiva Estampa.

1.2 Objectivos

Em primeiro lugar o objectivo que nos guiou foi o de podermos estudar acervos de materiais arqueológicos de vários tipos e cronologias, provenientes de um sítio arqueológico. Foi possível concretizar esta possibilidade graças à amável cedência de espólio, por parte dos directores das escavações (Doutor Pedro Carvalho e Mestre Ricardo Silva), bem como da direcção do Museu que nos aceitou neste estágio.

Em segundo lugar, impunha-se seleccionar um conjunto de materiais e, neste caso, o nosso objectivo incidu, num primeiro momento, apenas nos artefactos de metal, já que estes ainda não tinham sido objecto de estudo global. Por outro lado, entendemos que seria útil alargar o leque de materiais as peças de osso e pasta vítrea, por forma a englobar outros materiais do quotidiano que não fossem as cerâmicas e os vidros (em estudo, respectivamente, nas teses de doutoramento de Ricardo Costeira da Silva e de Teresa Medici).

Escolhidos os objectos de estudo, impunha-se planificar os objectivos específicos. Neste caso, objectivou-se estudar um conjunto diversificado de artefactos, desde as diferentes matérias-primas em que foram produzidos, aos desiguais contextos de proveniência e cronologia.

No sentido de aprofundar os nossos conhecimentos, foi igualmente nosso objectivo dar a conhecer materiais que, de um modo geral, estão menos documentados na bibliografia arqueológica portuguesa, salvo honrosas excepções comentadas no texto, onde estes “pequenos materiais” têm sido estudados.

Com este trabalho, não só tivemos um primeiro contacto com este tipo de espólio, com as suas problemáticas e condicionantes, mas também foi o nosso maior desafio até à presente data. Com os apertados prazos a que estivemos sujeitos, delineámos várias fases de trabalho, com um *deadline* definido, o que nos obrigou a manter uma rotina constante de trabalho.

Sempre tivemos muita vontade em colmatar algumas lacunas na nossa prática arqueológica, nomeadamente (e principalmente) o desenho de peças arqueológicas. Este trabalho obrigar-nos-ia a enfrentar as nossas dificuldades, a lidar com novos problemas.

A acrescentar a todos estes desafios, o sítio arqueológico do Museu Nacional de Machado de Castro faz parte de todo o complexo que foi, em tempos, o Fórum Romano da capital de *Civitas, Aeminium*. Tendo uma diacronia de ocupação de, pelo menos, dois

mil anos, assume-se como sendo um dos sítios mais complexos e dinâmicos da Cidade de Coimbra. Justamente pelo facto de várias comunidades terem feito parte deste espaço, dá-nos a possibilidade de analisar vários tipos de material e de contextos, desde o Romano aos meados do Século XVII.

Por fim, e dadas todas estas circunstâncias, o nosso grande objectivo centrou-se na realização de um trabalho competente, isto é, um estudo que possa dar a conhecer os objectos, as suas funcionalidades, as suas cronologias, e se possível, acrescentar algum conhecimento científico ao sítio do MNMC (Museu Nacional de Machado de Castro). E, principalmente, aprender.

1.3 Metodologia

Sendo o actual MNMC um sítio com realidades culturais tão distintas, bem como um sítio arqueologicamente extremamente complexo, a adopção de uma boa estratégia metodológica era imperativo para a elaboração de um Relatório de Estágio competente.

Este estudo contemplou o total de 891 peças. Do conjunto individualizaram-se 38 tipos de objectos, sendo eles: 6 Agulhas; 150 Alfinetes; 21 Anéis; uma Anilha; 9 Apliques Decorativos; 17 Argolas; dezanove 9; 3 Braceletes; 18 Chaves; 24 Contas de Colar; 4 Correntes; 3 Cravos; 14 Dedais; 4 Dobradiças; 7 Facas; uma Fechadura; seis Ferraduras; 114 Ferros bastante deformados; 5 Fíbulas; 20 Fivelas; 23 Fusos; 2 Ganchos; um Guizo; 114 Objectos Indefinidos; 4 Lígulas; 3 Medalhões; 2 Molas; 2 Peças de Jogo; um Pendente; 3 Pinças; 20 Placas de Ferro; 5 Ponteiras de Bainha; um Ponteiro; 270 Pregos; 2 Punhais; uma Rosca; uma Sovela; um Sinete; 8 Tachas; e finalmente uma Tenaz. (Anexo 9). O conjunto que nos foi fornecido para estudo estava maioritariamente depositado no MNMC.

Quando o nosso Co-orientador, o Dr. Ricardo Silva, nos confiou o conjunto das peças, o seu acondicionamento era algo precário. Quanto ao seu registo estratigráfico, geralmente traduzia-se numa pequena anotação sobre a U.E. de proveniência, por vezes a campanha de escavação e, mais raramente, algumas informações sobre outros materiais que pudessem dar uma cronologia mais precisa à dita camada. De notar que, quando entrámos em contacto com as peças, estas já estavam divididas por campanhas de escavação, o que nos facilitou muito a sua inventariação.

Começámos este processo, conjugando-o com o processo de marcação. A sua intencionalidade foi clara: começar a organizar todo este grande grupo, para que fosse possível fazer-se um estudo adequado e competente, e principalmente, tentar salvaguardar todos os registos e contextos estratigráficos que pudessem constar junto das peças.

Para a sua inventariação criámos uma base de dados em *Excel*. Apesar de sabermos que existem outros *softwares* mais indicados para este tipo de trabalho, não os utilizámos por não termos qualquer experiência na sua utilização. Deste modo, preferimos trabalhar com algo em que nos sentíssemos seguros, tentando assim agilizar o mais possível este longo processo de introdução de dados.

A referida base de dados é constituída por seis grandes campos: Número de Inventário Geral, Peça, Dimensões, Cronologia, Proveniência estratigráfica e finalmente Observações.

Sumariamente, o n.º de Inventário Geral tem por funcionalidade organizar numericamente todas as peças, tornando possível a individualização dos vários objectos de estudo.

No campo designado por “Peça” estão presentes todos os elementos descritivos. Apresentam-se informações como o “Tipo”, onde se pretende discriminar as várias peças pela sua funcionalidade; o “Material” em que o artefacto foi fabricado; o seu “Estado de Conservação” (que acaba por ser determinante para uma melhor ou pior análise do indivíduo em questão); e, por fim, a indicação da “Fotografia” e/ou do “Desenho”.

As “Dimensões” fazem também parte desta tabela, tendo-se incluído os dados relativos à “Altura”, “Comprimento”, “Diâmetro”, “Largura” e “Espessura”. Por vezes deu-se o caso de uma peça possuir diferentes diâmetros, como o exemplo de um alfinete, em que se procedeu à medição do diâmetro da cabeça, e do corpo. Nestes casos optámos por colocar na base de dados a dimensão máxima, que no exemplo dado será o diâmetro da cabeça.

A “Cronologia” está igualmente presente nesta base de dados. Sendo este um trabalho de carácter arqueológico, a sua presença acaba por ser fulcral. De notar que, uma vez que não temos quaisquer materiais anteriores ao tempo de Augusto, o Século I é o nosso *terminus ante quem*.

A “Proveniência” é também parte integrante desta tabela. Decidimos incluí-la por dois motivos bastante distintos: por um lado, aproveitámos o grande trabalho que foi feito no que toca à escavação e descrição das U.E’s durante os trabalhos arqueológicos no Museu Machado de Castro². Seria impensável, num trabalho de carácter arqueológico, não indicar a sua proveniência estratigráfica (e respectiva interpretação), sendo possível inserir cada indivíduo num espaço e num tempo.

Para que isto se torne possível, apresentamos três informações relevantes: a Campanha de Escavação, Unidade Estratigráfica e Contexto Cronológico – não só para se perceber qual o seu contexto (se este for conhecido), mas também para que seja

² Estas descrições estão presentes nos vários relatórios de escavação, excepto durante o período dos primeiros trabalhos no criptopórtico, durante os anos de entre 1929 e 1970, bem como de 1989 - relatórios esses dos quais se desconhece o paradeiro.

possível a todos aceder à respectiva bibliografia dos trabalhos, tornando viável um melhor entendimento de toda a problemática.

Por fim, o último campo da base de dados dedica-se às devidas Observações, quando se justifica, de forma a tornar todo este processo de análise o mais completo possível.

No que toca à marcação, optámos por colocar pequenas tiras de papel autocolante nos invólucros ou caixas que acondicionavam as peças. Sabemos que esta solução não é, de todo, a mais segura, uma vez que estas poderiam soltar-se das superfícies a que estavam coladas, perdendo-se assim o número de inventário daquele exemplar. Contudo, acabou por ser a opção que se mostrou menos dispendiosa e mais rápida de executar.

Aqui sentimos que criámos um pequeno erro metodológico, que depois acabámos por corrigir. Uma vez que os contextos são muito importantes para a compreensão destas peças, decidimos atribuir a cada uma um Número de Inventário Geral, bem como um Número de Inventário Tipológico. O Número de Inventário Geral seguia a ordem crescente, agregando todas as peças num só grupo. Já o Número de Inventário Tipológico restringia-se apenas ao tipo de peça em questão. A título de exemplo: o número 1 do Inventário Geral era complementado pelo Número 1 do Inventário Tipológico dos Anéis, criando a designação 1/A-1.

Se, por algumas ocasiões estas duas designações foram úteis em casos de dúvida de atribuição de números, ou mesmo lapsos e equívocos no que toca à inventariação dos artefactos, a verdade é que se tornou perfeitamente dispensável, sendo que posteriormente acabou por ser um elemento que, no que diz respeito à colecção, causa mais dúvidas e equívocos do que organização. Assim, decidimos retirar a numeração Tipológica.

Como foi exposto anteriormente, a nossa amostra total é composta por 891 indivíduos. Contudo, dado os apertados prazos, o estado de conservação de algumas peças e a pouca (ou nenhuma) informação que alguns exemplos nos poderiam fornecer, fez com que acabámos por fazer uma selecção criteriosa, de forma a reduzir a nossa amostra para que se pudesse fazer um estudo mais eficaz.

Assim, o Estado de Conservação foi o primeiro grande critério de exclusão de indivíduos para o estudo – e por vezes, o único. Justamente, grande parte da amostra encontrava-se muito mal conservada, já que muitos destes materiais foram exumados

em contextos de lixeiras, aterros ou níveis de construção, acabando por sofrer um grande contágio dos agentes que se encontravam no seu ambiente, o que resultou numa grande deformação, aliada também a um grande depósito de concreções.

Ficaram desde logo excluídas as peças em que se tornava impossível distinguir qualquer tipo de forma, quer pelo seu estado de deformação avançado, quer pelo facto do objecto se resumir a uma simples lasca, ou a um fragmento tão mal preservado, que só nos era possível perceber o material de que era feito. Julgamos necessário ressaltar que, em raras excepções, peças que se encontravam muito mal conservadas não foram excluídas, dada a sua importância para o estudo³.

A juntar a isto, acrescenta-se que possuíamos um grande desconhecimento no que toca à conservação e restauro de peças arqueológicas (quer seja metal ou osso), o que, no entanto, não nos impediu de fazer uma limpeza muito superficial às próprias peças, tentando remover os excessos de terra ou pequenas concreções – o que acabou por ser insuficiente para grande parte das peças analisadas.

Concluída a primeira selecção, dava-se agora relevância aos contextos. Desde logo concordámos com os nossos Orientadores no que toca às questões de exclusão cronológica. Decidimos assim que este estudo iria abarcar os materiais desde o Século I até ao final da Idade Moderna (até aos finais do século XVIII), traduzindo-se num espectro cronológico extremamente alargado e amplo.

Acto contínuo, e dadas as devidas exclusões, a nossa amostra de estudo totaliza 383 peças⁴, individualizadas em 41 tipos de objectos, sendo eles: 13 *Acus Crinalis*; 3 Agulhas; 101 Alfinetes; 21 Anéis; uma Anilha; 9 Apliques Decorativos; 15 Argolas; 12 Botões; 3 Braceletes; uma Charneira de Lingueta; 13 Chaves; um Colchete; 24 Contas de Colar; 4 Correntes; 3 Cravos; 14 Dedais; 2 Dobradiças de Arca ou Livro; 6 Facas; 6 Ferraduras; 5 Fíbulas; 17 Fivelas; 23 Fusos; um Guizo; 15 objectos Indefinidos; 3 Lígulas; 1 Medalhão; 2 Peças de Jogo; um Pendente; uma Pinça; 5 Ponteiros de Bainha; um Ponteiro; 39 Pregos; 2 Punhais; um Sinete; uma Sovela; 8 Tachas e uma Tenaz (Anexo 10).

Feita esta selecção, teríamos agora de encontrar uma estratégia adequada ao acondicionamento das peças. Por sugestão do nosso Co-orientador, decidimos então

³ De referir que uma boa parte das peças que analisamos sofreram trabalhos de limpeza e conservação no Museu Monográfico de Conímbriga, sob a responsabilidade e orientação técnica do Dr. Pedro Sales e da sua equipa. O nosso profundo agradecimentos pelo excelente trabalho realizado.

⁴ Da amostra total de 891 peças foram excluídos 508 indivíduos.

adoptar a metodologia de organização que ele próprio já tinha iniciado. Esta traduzia-se no acondicionamento dos vários indivíduos em Espuma de Polietileno (material cedido pelo próprio Museu Nacional de Machado de Castro), uma vez que nos permitiria acondicionar as peças de uma forma segura, de fácil acesso, permitindo igualmente ter uma constante visão estrutural sobre toda a amostra.

Neste sentido, foram recortadas as formas das peças nesse material, de forma a encaixar a peça no recorte criado. De forma a não perder toda a informação associada às peças, optou-se por aplicar pequenos autocolantes na espuma, junto a cada peça, contendo a sua informação de Inventário. Dispusemos também os indivíduos em grupos tipológicos, para que fosse possível fazer comparações entre si, evitando assim que se criassem equívocos no que toca à própria disposição da amostra, já que todo o processo envolveu um constante contacto com os indivíduos em estudo. Assim, tornou-se muito mais simples e eficaz a sua análise, e consequentes correcções. (Anexo 11)

Relativamente ao registo descritivo das peças optámos por uma análise cuidada, caso a caso, elaborando uma ficha individual para cada objecto. Adoptámos assim Ficha Descritiva disponibilizada pela nossa Orientadora, a Doutora Helena Catarino. Apesar de alguns pequenos ajustes, considerámos que esta era extremamente completa e rigorosa para a análise em questão.

Assim, em cada ficha estão preenchidos vários campos de análise, sendo eles: O Número de Inventário Geral; a Campanha de Escavação bem como a U.E e o Contexto; Tipo de Artefacto (de forma a identificar a sua tipologia, relativamente à sua funcionalidade), a Matéria-Prima que o compõe; a sua Descrição Morfológica e Decorativa; as suas Dimensões (consoante as suas formas, as suas medições obedecem a grandezas físicas distintas); a avaliação do seu Estado de Conservação; a Periodização (normalmente atribuída após a análise e estudo das peças); a sua indicação Fotográfica, e caso se aplique, a Estampa do respectivo Desenho (Anexo 12).

Para o registo fotográfico recorreremos ao auxílio de uma pequena prancha de madeira onde encaixava um pequeno tripé, de onde poderíamos colocar a máquina fotográfica de forma a manter a óptica imóvel e verticalmente ajustada à dimensão da peça. Possibilitou-nos também poder jogar com a falta ou excesso de luz, já que esta era uma ferramenta móvel, o que nos permitiu posicionar num ângulo onde a sombra seria

menor. Recorremos igualmente ao auxílio de uma pequena lanterna para incidir luz em zonas específicas, reduzindo igualmente as zonas de sombra⁵.

No que toca ao desenho das peças optou-se por tirar o máximo dos programas informáticos de forma a agilizar os processos desta componente do estudo. Em nome da verdade, sabemos também que para o desenho de peças arqueológicas de Osso e Metal é necessário uma grande prática, experiência essa que não possuíamos. Admitimos que qualquer desenho feito à mão por alguém mais competente resulta num trabalho final de maior qualidade

De notar que, como se trata de uma amostra alargada, e dado os prazos apertados a que qualquer trabalho desta natureza é sujeito, foram desenhados apenas os casos que acabariam por relatar melhor a realidade do conjunto ou que por algum motivo se distinguissem das restantes peças.

Os contornos principais foram realizados através do desenho manual, enquanto as tintagens foram reproduzidas através do *software CorelDraw 6*. Este programa acaba por nos fornecer uma grande potencialidade no que toca ao preenchimento de cor, bem como de luz e sombra. Contudo, alguns dos desenhos que serão apresentados, não são da nossa autoria (uma vez que realizámos desenhos de apenas quarenta e três peças) – ou porque já se encontravam feitos e por vezes publicados, ou nalguns casos, feitos por outrem a nosso pedido, já que entendemos que não tínhamos a capacidade para criar um esboço que fosse adequado à realidade.⁶

⁵ Gostaríamos de agradecer ao MNMC pela pronta disponibilidade na cedência do material, bem como ao Dr. Guilherme pelos seus conhecimentos, pela câmara e ajuda em todo este processo.

⁶ Neste caso enquadram-se alguns materiais em osso desenhados pela Dra. Sara Almeida, bem como as Fíbulas, desenhadas pelo Doutor José Luís Madeira. Queríamos deixar aqui os nossos profundos agradecimentos.

2. O Sítio Arqueológico

2.1 O Museu Nacional Machado de Castro: Um Breve Enquadramento Histórico

O Museu Nacional de Machado de Castro localiza-se na Alta Coimbrã, numa plataforma que serviu de acrópole à cidade pré-romana e romana de *Aeminium*, precisamente na zona onde se implantou o fórum da cidade romana.

A ocupação deste espaço em períodos anteriores tem uma longa diacronia. Em períodos anteriores à implantação romana, destacamos uma estrutura habitacional que se encontrava numa cota inferior às fundações da abside da Basílica do Fórum, de onde foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos do final da IIª Idade do Ferro (Carvalho, 1998: 179). No entanto, pouco mais há a acrescentar já que a construção do Fórum de *Aeminium* consistiu na elevação de uma grande estrutura, desde o afloramento rochoso, “apagando” assim todos os vestígios desta ocupação anterior.

Com a chegada da romanização, *Aeminium* foi elevada a *Civitates* pelo Imperador Augusto, “numa época em que a maioria dos *oppida* a norte do Tejo terá conhecido um significativo desenvolvimento urbanístico, decorrente do processo de organização estrutural do território” (Ibid, 1998: 179). Aquando dos trabalhos arqueológicos da década de noventa, percebeu-se que a edificação do criptopórtico (estrutura que serviu para criar uma plataforma artificial, de forma a sustentar o Fórum romano, e que ainda hoje suporta o actual MNMC) datava de meados do Século I, no tempo do Imperador Cláudio, mas onde o próprio autor assume a “possibilidade da existência de um fórum anterior, eventualmente da época de Augusto” (Carvalho, 1998: 182). De facto, como já foi referido anteriormente, os trabalhos arqueológicos que seguiram apontam nesse sentido.

Contudo, não existem ainda indícios suficientes para fazer uma reconstrução completa deste fórum Augustano. (Alarcão *et alii*, 2009: 37). Aquando do reinado de Cláudio dá-se a construção do novo complexo forense, houve uma integração de alguns elementos da estrutura anterior. Desde a existência de bases e fustes de colunas romanas a uma cota inferior ao piso de circulação do fórum de Cláudio, à condenação de frestas de iluminação e arejamento de um dos muros do nível superior do criptopórtico Augustano, até à própria diferença de materiais e técnicas construtivas em zonas onde as obras de Cláudio retomaram o traçado original. Apesar de não reproduzirmos aqui toda

a argumentação em volta desta problemática, parece-nos perfeitamente possível, merecendo de facto um estudo mais aprofundado.

Estes trabalhos tiveram igualmente como resultado uma reconstituição da morfologia do próprio Fórum, proposta que está recriada no próprio Museu através de maquetes explicativas⁷.

No que toca ao período Alto-Medieval, as informações provenientes do MNMC são ainda escassas. Neste sentido, há que lembrar que, após a queda do império romano, “as cidades vão perdendo as suas funções judiciais e posteriormente fiscais, e apenas conservam as suas funções religiosas e civis, demonstrando-se assim um processo de perda da sua capacidade de controlo do território (Mattoso, 1992a) e acentuando-se uma progressiva ruralização da sociedade.” (Tente, 2007: 92). Acto contínuo, o Fórum romano acaba por se adaptar a estas novas realidades, onde alguns espaços podem ter sido reutilizados, e outros acabaram mesmo por ser abandonados em data ainda pouco definida.

De lembrar também que, durante a ocupação islâmica, que “a cidade de Coimbra localiza-se numa linha de fronteira de lealdades imprecisas, com avanços e retrocessos e onde coexistem populações cristãs ou moçárabes e berberes ou muçulmanas” (Silva, 2009: 246). Deste modo, torna-se extremamente complicado entender o registo arqueológico de uma realidade em constante mutação política – de onde as comunidades acabam por integrar elementos muçulmanos e cristãos, seja na sua cultura material, seja na própria edificação de estruturas. Já a coexistência destas comunidades seria uma realidade.

Entre os contextos medievais mais significativos destacam-se os aterros identificados na sond. 4 da ala sul do criptopórtico e varanda poente do fórum romano, acções datadas do Século X, de onde se recolheram algumas cerâmicas de tradição Visigótica, bem como Islâmica. A presença de cerâmicas pintadas a branco e as ausências das decorações de corda seca (quer parcial e total), acabam por nos remeter para uma realidade anterior ao Século XI. (Silva, 2009).

“Se não podemos reconstituir a história das edificações no espaço do antigo fórum nos obscuros séculos que decorreram do VI ao XI” (Alarcão *et alii*, 2009:26), acerca da

⁷ Para um melhor entendimento destas problemáticas, quer da recriação da morfologia do fórum, quer do alargamento do complexo fosense Augustano consultar: ALARCÃO *et alii*: **O Fórum de Aeminium: Em busca do Desenho Original** (2009); SILVA: **Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra): Criptopórtico e Fórum de Aeminium** (2009).

implantação do Paço Episcopal no Século XI, ainda há muito por entender – sendo que o único registo físico dessa implantação se traduz numa ombreira de porta, embora reconstruída num local diferente do da sua origem. Por outro lado, sabemos que, em 1083, existia uma Igreja dedicada ao culto a S. João, que foi demolida a mando de Sesnando, iniciando os trabalhos de construção de uma nova Igreja no mesmo local – sendo concluída em meados do Século XII. Desta só se conservam duas bases de pilares, que sustentariam a abóbada do templo (Ibid , 2009:14).

“Esta igreja românica, por seu turno, foi demolida e substituída pelo actual templo durante o episcopado de D. João de Melo (1684-1704). A igreja barroca, que tomou orientação perpendicular à românica e cuja fachada se encontra voltada a sul, está hoje desafectada do culto e anexa ao museu.” (Ibid, *et alii*, 2009: 57).

No que toca à época moderna, destaca-se principalmente a remodelação da zona mais a Sul do actual Museu, e a consequente construção da varanda ocidental – localizada na zona da *Loggia*. Esta obra acabou por ser desenhada por F. Terzi, e concluída pelo bispo D. Afonso Castelo Branco durante o Século XVI. Prova disso é a data gravada sobre a porta de entrada do edifício – 1592. (Silva, 2009:248-249). O mais curioso será o facto de que, nesta precisa fachada, o Fórum Romano apresentaria “uma arcada corrida de onze arcos”, que no Século XVI “é casualmente e parcialmente reconstituída com a construção da *loggia* projectada por F. Terzi.” (Silva, 2009:245).

Ainda neste contexto Moderno há que referir a escavação de uma lixeira na ala sul do criptopórtico datado “entre a segunda metade do Século XV, e o último quartel do Século XVI (1592)” (Silva, 2012: 881) de onde foi exumado uma grande quantidade de material cerâmico, metálico e de vidro – estratos de onde são provenientes grande parte dos nossos materiais de estudo. (Anexo 8)

Este depósito encontrava-se selado por “um nível de seixos, claramente identificável em toda aquela área Sul e relacionável com várias pias de pedra que se encontram encastradas nos alçados norte e sul, correspondendo ao piso das cavalições do Paço de inícios do séc. XVII” (Ibid, 2012: 881).

Em 1913, todo este complexo que servia como Paço Episcopal torna-se no Museu Nacional de Machado de Castro. As obras de requalificação deste espaço estiveram a cargo do Arquitecto Gonçalo Bryne – trabalho esse que foi precedido de escavações (Alarcão *et alii*, 2009: 16). É então durante este período que Coimbra

começa a conhecer os contornos do edifício principal do seu espaço mais antigo, o fórum de *Aeminium*.

2.2 Os Trabalhos Arqueológicos: Um Exemplo do Dinamismo da Arqueologia Urbana.

Dada a natureza do nosso trabalho, é de extrema importância conceder uma visão estrutural dos trabalhos de estudo de carácter arqueológico realizados no MNMC, de forma a enquadrar a nossa colecção. Refira-se que apenas daremos uma visão resumida dos trabalhos arqueológicos, já que existem outros estudos que abordam esta questão de uma forma mais aprofundada, nomeadamente os Relatórios de Escavação das Campanhas de 2003 (Silva, 2004); 2006 a 2008 (Silva, 2009) e finalmente de 2011 (Ferreira, 2011).

Os trabalhos deste sítio arqueológico começaram por volta de 1929, data em que se iniciaram os primeiros trabalhos de escavação dos grandes depósitos de entulho que preenchiam o piso superior do Criptopórtico Romano, realizados pela equipa liderada pelo Doutor Vergílio Correia. Nas décadas de cinquenta e sessenta, “os trabalhos foram retomados pela Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais” (Silva, 2003: 2). Sob a direcção do Doutor Bairrão Oleiro, o processo de escavação do entulho foi continuado, bem como a reconstrução das respectivas abóbadas derrubadas (Oleiro, 1957). Contudo, nenhuns dos trabalhos mencionados nos apresentam um registo estratigráfico discriminado, impossibilitando assim fazer uma análise cronológica das Unidades Estratigráficas das peças provenientes destas campanhas.

Em 1989 e 1990, António Tavares e Jorge de Alarcão realizaram alguns trabalhos de escavação no piso inferior do criptopórtico, embora os respectivos relatórios nunca tenham sido publicados.

É então no período de 1992 a 1998, que Pedro Carvalho inicia uma nova fase de escavações no Criptopórtico, que resultam na publicação “ O Fórum Romano de *Aeminium*”. Este trabalho acaba por ser o grande primeiro estudo deste sítio, não só por ter decorrido de forma ininterrupta por seis anos, mas principalmente por nos ter apresentado um conjunto de plantas, materiais (sendo a sua maioria cerâmico, mas onde também se encontram alguns materiais em osso e metal de época romana) e interpretações que permitiram começar a entender a História da ocupação do sítio e a sua grande complexidade – com mais atenção para a ocupação romana. (Anexo 2)

Assim, pela primeira vez se admitiu “uma cronologia de fundação augustana da Civitas, de acordo com o que é sugerido pela listagem de Plínio, a construção do fórum,

assim como as estátuas de Livia e de Agripina, integrar-se-iam num programa de renovação urbanística e de valorização monumental, efectuado durante o reinado de Cláudio” (Carvalho 1998: 181). No entanto, trabalhos mais recentes sustentam a existência de um primeiro fórum, mandado erigir por Augusto (Alarcão *et alii*, 2009).

Durante a primeira década do novo milénio, assistimos a um grande conjunto de intervenções inseridas no “âmbito do projecto de remodelação e ampliação do Museu Nacional de Machado de Castro”, de forma a “obter dados que permitissem delinear uma estratégia que minimizasse o impacte que o futuro empreendimento poderia acarretar.” (Silva, 2003: 3).

Assim em 2000, 2001 e 2003 (Ramos, 2000; Ramos e Ribeiro 2001; Silva, 2004) foram intervencionadas novas áreas, caso do “antigo logradouro do Paço Episcopal, e num espaço devoluto, situado num gaveto junto à intersecção da Rua Borges Carneiro com o Beco das Condeixas, perfazendo cerca de 300m²”. (Silva, 2009: 13). (Anexo 3)

O período de 2003 a 2008 ficou marcado por uma nova fase de trabalhos arqueológicos, desta vez dirigidos por Ricardo Silva, que seguiram a linha do que tinha sido feito na década de 90, com descrições estratigráficas precisas, de uma forma clara e detalhada, bem como do estudo de alguns materiais exumados.

Entre os anos de 2006 a 2008, os trabalhos incidiram principalmente no acompanhamento arqueológico (em quadro de obra) do projecto de requalificação e ampliação do MNMC. Ao longo deste estudo veremos que grande parte do espólio aqui analisado, vem precisamente destes trabalhos, onde se incluem também a escavação de algumas sondagens. Assim, torna-se imperativo perceber com detalhe as zonas intervencionadas.

As intervenções inseriram-se em quatro sectores distintos: A, B, C e D. Em cada sector foram abertas várias sondagens, que acabaram por ser registadas por numeração árabe (Silva, 2009: 16). (Anexo 4)

O sector A corresponde ao gaveto formado entre a Rua Borges Carneiro e o Beco das Condeixas.

O sector B insere-se no antigo logradouro do Paço Episcopal, contíguo à fachada principal poente do edifício do museu.

O sector C acaba por corresponder ao espaço onde se instalaria o fórum e o criptopórtico romano. Neste caso o autor decidiu dividir este espaço em quatro áreas

distintas. Importa destacar a grande relevância deste sector, já que mais de metade da nossa amostra é proveniente dos trabalhos arqueológicos aqui realizados. (Anexo 5)

Finalmente, o sector D remete-se em torno do quadrante este do museu, numa zona que ficaria já no exterior do antigo fórum romano Claudiano, mas sobre a área que admitimos pertencer ao primitivo fórum Augustano. Este sector foi igualmente dividido em duas áreas de intervenção. (Anexo 6)

Foi igualmente intervencionada a área da Igreja Românica de S. João de Almedina – zona que corresponde ao Sector D, Área II. Este espaço foi repartido em duas sondagens (2 e 3) realizadas em campanhas diferenciadas. A sondagem 2 foi intervencionada em 2008, na fase final do processo de reabilitação recente do edifício. Numa segunda fase (em 2010), procedeu-se ao alargamento daquela área (sond. 3) sob a direcção arqueológica de Ricardo Silva e Pedro Carvalho, no âmbito do qual foi elaborado um relatório de Estágio de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras por Joana Ferreira (2011). (Anexo 7)

Esta sondagem “proporcionou elementos decisivos para sustentar a existência de um primeiro fórum, provavelmente da época de Augusto, que a obra posterior de Cláudio demoliu, e de um primeiro criptopórtico que, no tempo deste último imperador, foi poupado e integrado noutra, muito mais vasto e complexo” (Alarcão *et alii*, 2009: 21).

Grande parte do espólio, quer cerâmico quer numismático, está a ser alvo de estudo por Ricardo Silva, no âmbito da sua dissertação de Doutoramento, que na altura da elaboração deste trabalho ainda não se encontrava concluída.

3. Os Objectos em Estudo

3.1 Organização do Estudo

Apresenta-se de seguida os conjuntos funcionais que guiaram a elaboração e apresentação deste relatório.

O nosso estudo consistiu na análise de todos os materiais, desde as suas formas, funcionalidades, procura de paralelos, e as suas problemáticas e cronologias de uso relativamente ao seu contexto de proveniência, o actual MNMC.

Uma vez que se encontram 41 tipos de objectos distintos, optámos por apresentar as várias peças agregando-as por categorias funcionais. Neste sentido, criaram-se 12 grupos distintos:

O Grupo da Costura, Tecelagem e Indumentária: Aqui estão presentes os materiais ligados a estas actividades, mas também os exemplares que faziam parte da indumentária do dia-a-dia. Inserem-se aqui as Agulhas, os Dedais, os Alfinetes, os Fusos, a Roca, o Separador e finalmente, os Botões

O Grupo das Fivelas e das Fíbulas: Este conjunto caracteriza-se por um maior leque de funcionalidades, seja a sustentação de uma peça de roupa, seja a regulação e reforço de um correame, ou simplesmente uma peça de adorno.

O Grupo das *Ligulae*: Este engloba os pequenos objectos usados não só para o bem-estar pessoal, bem como para pequenas intervenções médicas.

O Conjunto dos Objectos de Adorno Pessoais: Nesta categoria estão presentes aqueles objectos que teriam uma funcionalidade estética, aliado a uma percepção de pertence pessoal – Estão assim presentes os Anéis, as Braceletes, as Contas de Colar e os *Acus Crinalis*.

O Conjunto do Medalhão e Sinete: Este conjunto está extremamente relacionado com a heráldica. O Medalhão é brasonado, enquanto que o Sinete apresenta um Selo na sua base.

O Conjunto dos Objectos Cortantes: Aqui encontram-se as duas armas brancas que fazem parte da nossa amostra, traduzindo-se em dois punhais. Integramos no mesmo conjunto, a nossa amostra de ponteiros de bainha, já que este se relaciona intrinsecamente com o primeiro. Neste conjunto, encontram-se também as facas.

O Grupo dos Objectos ligados à Segurança: Corresponde às chaves e a fechadura, já que estes assumem uma extrema importância no que toca aos mecanismos de segurança.

O Grupo das Dobradiças de pequenas arcas ou livros, e dos Apliques Decorativos: Este conjunto relaciona-se com o pequeno mobiliário, já que estas peças poderiam ser aplicadas aos mesmos.

O Grupo dos Objectos de Fixação e Reforço: Nesta categoria funcional inserimos os pregos, as tachas e as argolas, já que estas se integram num grande leque funcional, mas sempre aliado à melhor consolidação da superfície, estrutura ou objecto ao qual são aplicados.

O Grupo das Ferraduras: A própria categoria funcional fala por si. São integrados todos os objectos que seriam aplicados nos cascos dos animais, não só para a sua protecção, como para obter deles um melhor rendimento.

O Grupo dos Objectos com baixa representatividade: Aqui inserem-se vários tipos de objectos, com várias funcionalidades distintas. Contudo, e dada a sua variedade funcional, e baixa representatividade, optou-se por agrupar estes exemplares, abordando-os individualmente.

Finalmente, o último Conjunto das peças Indefinidas: este engloba as peças para as quais não se percebeu a sua funcionalidade. Todavia, entendemos que seria importante encarar este conjunto com a mesma seriedade e competência, já que trabalhos futuros poderão colmatar as lacunas aqui deixadas sem resposta.

Do conjunto de análise, os objectos de osso e de metal, embora sendo os mais representativos, o seu estudo depende muito estado de conservação em que se encontram, tendo sido por isso excluídos do estudo os que se encontravam em muito mau estado de preservação. No entanto, em casos excepcionais e cientes das dificuldades que teríamos, resolveu-se integrar peças em avançado estado de deformação por serem únicas ou por serem provenientes de contextos relevantes.

Assim, cerca de 2,62% dos objectos analisados encontram-se em Muito Mau⁸ estado de Conservação, enquanto 15,74% se encontra em Mau⁹ estado de Conservação. Esta distinção qualitativa baseia-se, principalmente, no grau de deformação, bem como

⁸ Quando era perceptível a sua forma, mas o seu estado de degradação não permitia perceber os seus pormenores.

⁹ Quando alguns pormenores eram perceptíveis, mas de uma forma geral não nos foi possível fazer uma análise rigorosa.

no facto de esta estar muito ou pouco fragmentada. Felizmente, a grande maioria das peças estava num Bom¹⁰ estado de conservação (36,64%), sendo que os 45% restantes se encontravam num estado de preservação Muito Bom¹¹. (Anexo 13)

Dentro deste quadro de estudo, a primeira análise que poderá ser feita tem precisamente a ver com a grande diversidade tipológica, a que este estudo se propõe a analisar. Contudo, o tipo de material de que o objecto é feito, pode desde logo dar pistas importantes no que toca à funcionalidade do artefacto. Neste aspecto a nossa amostra é também igualmente diversificada.

Dentro do Universo destas 383 peças, cerca de 57,86% foram fabricadas a partir do Cobre ou Liga de Bronze¹²; 27,75% a partir de Ferro; 8,38% apresentam como matéria-prima uma Pasta Vítreas; 3,90% foram elaboradas a partir de Osso; 1,84% correspondem a peças de Vidro e, por fim, a colecção possui uma peça em Madeira, o que representa 0,27% da Amostra em Estudo. (Anexo14)

De facto, podemos dizer que as peças em ferro estarão mais ligadas a objectos que, dada a sua funcionalidade, têm de apresentar uma resistência maior na sua aplicação, caso dos Pregos ou das Ferraduras.

As peças formadas a partir de Ligas de Bronze, por seu lado, estão associadas a objectos do quotidiano das próprias comunidades, já que este tipo de material tem uma grande representatividade em grupos como as Fivelas e os Alfinetes.

Os restantes materiais, caso dos materiais em Osso, Pasta Vítreas, Vidro e Madeira estão presentes em objectos mais específicos, com uma funcionalidade muito restrita, caso dos Alfinetes de cabelo em Osso, ou as Contas de Colar em Pasta Vítreas.

No que toca ao conhecimento dos contextos de proveniência das peças de estudo, temos de admitir que estamos na posse de uma extraordinária amostra, já que em apenas 27% da totalidade da amostra se desconhece essa informação. Por conseguinte, em 73% dos casos podemos associar um contexto estratigráfico preciso (Anexo 15).

Como já foi referido anteriormente, os trabalhos arqueológicos realizados no actual Museu Nacional de Machado de Castro tiveram início na década de trinta do Século Passado, prolongando-se até ao ano de 2011, se bem que de uma forma

¹⁰ Quando a peça apresentava pequenas concreções, onde só pontualmente não permitiu uma observação de todos os detalhes

¹¹ Quando a peça não apresentava quaisquer concreções ou desgastes que impediavam a sua análise.

¹² Já que o verdete está presente quando se regista a presença do cobre.

intermitente. Assim, pareceu-nos importante enquadrar a contextualização destes materiais nas consequentes campanhas de escavação. A percentagem de materiais que não possuíam qualquer registo arqueológico associado (devido à inexistência de relatórios associados) dá-se durante as campanhas de 1929 a 1970, perfazendo 21% da amostra, situação idêntica que se repete durante as Campanhas de 1989 a 1990 (1,30%).

Os trabalhos arqueológicos que cobrem grande parte da década de 90 (1992 a 1998) estão representados nos materiais na ordem dos 10,47 %; já as intervenções de 2000 a 2003 foram bastante produtivas, onde é possível associar 9,70% dos materiais estudados. Mas são as escavações do período de 2006 a 2008 que nos concedem a grande maioria dos materiais em estudo, visto que a sua representatividade abrange os 55,5 %, enquanto que a percentagem de objectos provenientes do ano de 2011 se cinge aos 1,30%. (Anexo 16).

Será igualmente interessante dar a conhecer as representatividades das proveniências dos materiais. Ressalve-se que nesta análise serão apenas apresentadas as relações entre os objectos e a sua camada de exumação. Isto é, a cronologia da camada onde estes foram depositados pode não corresponder à sua cronologia de fabrico, ou mesmo de uso – já que estes podem ter sido alvo de vários processos deposicionais, podendo estar integrados em zonas distintas do seu abandono. Admitimos, com bastantes reservas, que alguns possam ter sido reutilizados em épocas posteriores ao seu fabrico.

Assim, os valores que mostraremos serão relativos apenas às camadas que têm um contexto arqueológico conhecido, isto é, esta análise irá apenas incidir em 73% da Amostra submetida a estudo. Deste modo, 22% das peças foram exumadas em contextos de época Romana; 1 % de Época Medieval; 8,50 % de Época Moderna (sem nenhuma baliza cronológica definida); 15,5 % de camadas relacionadas com os séculos XV a XVI; 51 % são provenientes de camadas cuja cronologia estimada se fixa nos finais do século XVI, e finalmente 2% das peças estudadas foram exumadas de camadas que seguramente se inseriam na cronologia dos Séculos XVII a XVIII. (Anexo 17).

Apesar de haver uma grande percentagem de peças que possam ser associadas a registos estratigráficos estudados e bem datados, cerca de 40 % têm os aterros e lixeiras como contexto de proveniência.

3.2 Grupo da Costura, Tecelagem e Indumentária

As agulhas de Costura

As agulhas são um instrumento essencial para coser. No entanto, a arte de coser reflecte-se nos tecidos mais finos como o linho, o algodão, entre outros; bem como se aplica a superfícies mais duras e resistentes, como o caso do couro. Ora, para este tipo de situações, têm de ser usados dois tipos de agulhas distintos.

Na nossa amostra encontram-se quatro agulhas (n.ºs **1 (Estampa I, 1), 2, 3 e 4 (Estampa I, 2)**), sendo que o último exemplar se trata de uma sovela.

Os números **1, 2 e 3** traduzem-se em fragmentos de uma agulha, já que nenhum destes conserva a cabeça. Caracterizam-se pela sua forma tubular com uma secção subcilíndrica. O metal é bastante brilhante, bem como mais robusto e pouco flexível. A sua zona inferior é, como seria de esperar, afilada. Os seus comprimentos variam entre os 2,9 cm e 6 cm.

O seu contexto de proveniência relaciona-se com um piso datado de época moderna. De facto, estas agulhas têm bastantes parecenças com as agulhas actuais, já que o próprio material que compõe estas peças é característico e distinto de qualquer outro material representado nesta amostra. Aparenta ser mais resistente, mais flexível e é observável um revestimento brilhante, quase como se fosse uma camada protectora do próprio metal.

A peça **4 (Estampa I, 2)** corresponde a uma sovela. Este tipo de instrumentos ainda é utilizado hoje em dia, e a sua funcionalidade está associada ao acto de furar o couro, para a introdução da linha. Para que o artífice consiga exercer mais força neste instrumento, este tipo de agulha pode estar associada a uma pequena pega, que é encaixada na extremidade oposta à zona afilada.

Esta peça apresenta uma forma sub-rectangular, com secção subcilíndrica. A extremidade superior apresenta uma forma semicircular, mas que na realidade se deveria traduzir numa forma subcircular destinada a passar o fio para a cosedura – ou para o encaixe de uma pega. O corpo da peça é de forma tubular de secção subcilíndrica, e na sua parte inferior é possível observar-se uma pequena curvatura, sendo a sua extremidade inferior afilada.

Uma vez que este tipo de instrumentos servia para coser superfícies mais resistentes, talvez esta curvatura seja intencional, de forma a ajudar a perfurar o material

que se estaria a trabalhar. Encontra-se publicado no estudo de Pedro Carvalho, resultante dos trabalhos de escavação do MNMC, que decorreram entre 1992 e 1998 (Carvalho, 1998: 114 – Est.XXVI, nº 7) Esta relaciona-se com uma camada de entulho do período moderno.

Em Conímbriga encontrou-se uma peça muito idêntica à sovela **4**, estando associada à ocupação romana daquele espaço (Alarcão *et alli*, 1979: 80).

Talvez o contexto desta sovela não corresponda ao seu contexto original de deposição, já que num entulho podem ser depositadas terras de vários sítios e de várias cotas geográficas. Assim, este pode bem ser um material com uma cronologia mais antiga, do que aquela que corresponde à criação do entulho onde estava depositado.

Dedais

Os dedais são instrumentos de grande importância no que toca à costura. É o seu uso que previne que a agulha se espete no dedo da pessoa que esta a manusear a linha.

Na nossa amostra encontram-se representados 14 Dedais (nº **5 a 18, Estampa I, II e III**), todos feitos a partir do cobre ou da liga de bronze. Nenhum dos dedais apresenta qualquer decoração; observa-se se um mesmo picotado para a aderência deste instrumento. No entanto, em termos morfológicos foi possível distinguir a presença de três tipos morfológicos: os dedais que apresentam uma forma troncocónica e topo plano – Tipo 1 (nº **5, 6, 7, 8 e 9**); os dedais em que se observa uma forma troncocónica, de topo sub-piramidal – Tipo 2 (nº **10, 11, 12, 13 e 14**); finalmente, os dedais que têm uma forma troncocónica, observando-se um topo ligeiramente arredondado – Tipo 3 (nº **15, 16, 17 e 18**).

Tipo 1

Dentro deste subgrupo encontram-se os exemplares **5 (Estampa I, 3), 6 (Estampa I, 4), 7 (Estampa I, 5), 8 (Estampa II, 1) e 9 (Estampa II, 2)**. Este tipo 1 caracteriza-se pela sua forma troncocónica, onde o seu topo é plano, sendo a sua secção sub-rectangular. Quer na base e no tipo do corpo cilíndrico, o dedal apresenta duas linhas incisas, onde entre estas se encontra um picotado, que se traduz em pequenos furos e depressões no metal. O seu comprimento varia entre os 1,4 e 1,9 cm, enquanto que o seu diâmetro se fixa entre os 1,4 e 1,7 cm.

O contexto arqueológico da peça **5** relaciona-se com uma unidade estratigráfica que documenta um nível de abandono de época romana. Os números **6, 7, 8 e 9** têm como proveniência a última acção de depósito do grande entulho da ala sul do criptopórtico, datado dos anos entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Nas Ilhas dos Açores e Madeira encontram-se peças muito idênticas às nossas, já que estes apresentam também estes furos e depressões bastante irregulares, sendo que as suas formas e decorações acabam por ser em tudo semelhantes aos dedais da nossa amostra. Estes relacionam-se com os séculos XV e XVII. (Sousa, 2011: Figura 1342 e 1346).

É o mesmo autor que lança uma problemática interessante: “estes objectos pequenos, à semelhança das potenciais miniaturas de peças de barro, constituem os escassos indícios materiais da presença de crianças femininas nos registos arqueológicos insulares entre os séculos XV e XVIII” (Sousa, 2011: 501).

Já que os dedais são relativamente bem conhecidos no contexto da Arqueologia Portuguesa, talvez fosse interessante que trabalhos futuros pudessem explorar esta questão, uma vez que esta problemática está, ainda, muito pouco debatida.

Tipo 2

Neste subconjunto inserem-se os dedais **10 (Estampa II, 3), 11 (Estampa II, 4), 12 (Estampa III, 1), 13 e 14**. Estes caracterizam-se por apresentarem uma forma troncocónica, com topo sub-piramidal e secção sub-rectangular. Apresenta duas linhas incisas, na base e topo do corpo, que circunscrevem um picotado composto por pequenos furos e depressões no metal. O seu comprimento varia entre o 1,8 e os 2cm; enquanto que o seu diâmetro se fixa entre os 1,3 e 1,7 cm.

Todos os espécimes partilham o mesmo contexto arqueológico, traduzindo-se na última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, relacionado com os finais do Século XVI (Silva, 2012: 881).

Nas escavações do castelo de Rubercy encontrou-se um exemplar muito parecido com os nossos exemplares. Sendo a sua ocupação balizada entre os séculos XII e XIII (Lorren, 1977: 128), este dedal acaba por sugerir uma longa diacronia na forma e no estilo destes materiais. Das comparações que fizemos não encontramos quaisquer diferenças relevantes, apenas aquelas que se prendem com facto de em ambos os casos terem sido produzidos através de um processo manual.

Tipo 3

O tipo 3 engloba as peças **15 (Estampa III, 2)**, **16 (Estampa III, 3)**, **17 (Estampa III, 4)** e **230 (Estampa III, 5)**. Estas apresentam uma forma troncocónica com topo ligeiramente arredondado e secção sub-rectangular. Também neste caso, surgem duas linhas incisivas, na base e topo do corpo cilíndrico, que delimitam o picotado constituído por pequenos furos e depressões no metal. O seu comprimento varia entre o 1,7 e os 2cm; enquanto que o seu diâmetro se fixa entre os 1,3 e 1,7 cm.

Estão são novamente provenientes da U.E mais recente do grande aterro da ala sul do criptopórtico, cuja cronologia se centra no final do século XVI.

É igualmente no trabalho sobre os trabalhos arqueológicos no castelo de Rubercy que encontramos peças muito semelhantes a este terceiro tipo de dedais (séculos XII e XIII), o que vem, de algum modo, reforçar a ideia de uma certa estagnação de formas e trabalho destas peças, pelo menos entre os séculos XII e XVI.

Alfinetes

Os alfinetes são objectos que comportam várias funcionalidades. São essenciais para a marcação de zonas de costura, podem ser usados para unir peças de vestuário, e até ajudar no processo do ritual fúnebre (na acomodação da mortalha que envolve o corpo).É, principalmente, neste tipo de contexto que se poderá afinar as respectivas cronologias de utilização deste tipo de objectos¹³, o que infelizmente não acontece na nossa amostra. É possível que os alfinetes de maior comprimento possam ter servido para a elaboração dos toucados de cabelo.

O grupo dos alfinetes é o mais representativo de toda a amostra em estudo correspondendo a 26% do total das peças (101 exemplares - nº **19 a 120, Estampa IV**). Todos os exemplares têm como matéria-prima o cobre ou liga de bronze.

Ao analisar as suas características morfológicas, podemos dividir este conjunto em três tipos distintos: O tipo 1 corresponde às peças que têm a cabeça lisa – onde se integram os números **19 (Estampa IV, 1)**, **20 (Estampa IV, 2)**, **21 (Estampa IV, 3)**,

¹³ Para este período temos vários exemplos de inumações onde foram encontrados alfinetes associados ao ritual da morte, caso da Necrópole de S. Martinho (Leiria), ou na Quinta de São Pedro (Setúbal). (Filipe *et alii*, 2002)

25, 26, 27, 28, 35, 36, 37, 44, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84 e 85.

O tipo 2 reporta-se às peças que apresentam uma incisão em espiral que contorna a cabeça do alfinete – onde se enquadram os exemplares **22 (Estampa IV, 4), 23 (Estampa IV, 5), 24, 29, 30, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 81, 86, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118 e 119**; e, finalmente, o tipo 3 que se caracteriza pelas peças que possuem um comprimento superior a 10 cm – sendo constituído pelas peças **31, 59 e 120**. (Anexo 18)

Tipo 1

O tipo 1, é composto por 39 alfinetes e caracteriza-se pela ausência de qualquer incisão na cabeça do alfinete. Os diâmetros da cabeça variam entre os 0,1 e 0,3 cm, enquanto que o comprimento médio se fixa nos 4 cm (de notar que grande parte das peças se encontra fragmentada).

Desconhecemos por completo o contexto arqueológico dos exemplares **19, 20, 25, 26, 27, 28, 35, 36, 37, 44, 55, 56**.

Por seu turno, os alfinetes **58, 60, 61, 62, 53, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 73, 74 e 85** partilham o mesmo contexto. São provenientes do grande aterro da ala sul do Criptopórtico e foram exumados nos níveis integrados na 2ª fase de deposição datada de finais do século XV (Silva, 2012: 881). A peça **21** tem como contexto o mesmo aterro, muito embora seja proveniente do último momento de deposição, que ocorreu entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881), isto é, nos finais do século XVI. Assim, 64 % dos alfinetes do tipo 1 têm como contexto uma unidade estratigráfica selada do século XV, e apenas 2,5 % foram encontrados em níveis de finais do Século XVI. (Anexo 19)

Comparando os nossos materiais (mesmo aqueles sem contexto arqueológico associado), com os alfinetes encontrados nas escavações do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha (balizado entre os séculos XVI e XVII), percebemos que estes materiais são em tudo semelhantes – seja pela forma da cabeça, a forma do corpo e pelas suas dimensões.

No MNMC esta tipologia surge associada principalmente a contextos do século XV. O facto de um exemplar ser proveniente de contextos relacionados com os finais do século XVI, e doze destes exemplares estarem completamente desgarrados de contexto

arqueológico conhecido, não invalida totalmente esta proposição, uma vez que aquando do uso deste espaço como Paço Episcopal, este “foi sendo remodelado ao longo de séculos.” (Alarcão *et alii*, 2009: 15).

Contudo, dados os exemplos em Santa Clara, e mesmo não conhecendo o contexto arqueológico de todos os indivíduos que compõe o tipo 1, sentimo-nos tentados a admitir que, para Coimbra, este tipo de alfinete possa ter começado a ser usado no século XV, tendo uma dispersão diacrónica até ao século XVII. Todavia, tal afirmação seria pura especulação.

Justamente, este tipo de objectos são abundantes no registo arqueológico, e ao mesmo tempo, extremamente frágeis – o que resulta numa grande fragmentação do material, bem como uma grande deformação da peça em si, tornando intrincada a tarefa de perceber a sua diacronia cronológica de utilização. Aliado a isto, o facto de ser um instrumento de fácil elaboração e fabrico, torna-o extremamente comum, e de certa forma, acessível à comunidade. Assim, o que nos parece mais seguro de admitir é que, dado o facto destes alfinetes se encontrarem em grande parte em contextos do século XV, talvez esta tipologia possa marcar uma tendência desta centúria em diante.

Tipo 2

Este conjunto apresenta 60 elementos, sendo que a principal característica do tipo 2 se relaciona com o facto da cabeça do alfinete possuir uma pequena incisão em espiral que a contorna. Em termos métricos não difere muito do tipo 1 apresentado anteriormente, já que a média do comprimento se situa nos 4 cm (registando-se igualmente um grande número de peças que não se encontram inteiras), bem como o diâmetro da cabeça se encontra entre os 0,1 e 0,3 cm.

Não sabemos qual será o contexto arqueológico dos alfinetes **22, 23, 24, 29, 30, 32, 33, 34, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 57 e 86**. Quanto ao alfinete **71**, a sua proveniência relaciona-se com o segundo momento de deposição do grande aterro da ala sul do criptopórtico, associado ao século XV (Silva, 2012: 881).

O interessante será perceber que os restantes exemplares, os números **45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118 e 119** foram exumados na U.E que corresponde ao último momento de deposição, do mesmo aterro, relacionado com os finais do século XVI (Silva, 2012: 881).

Desta forma, 1,7 % dos alfinetes do tipo 2 são provenientes de uma unidade do século XV; 73% são de um estrato dos finais do século XVI, enquanto que 25,3 % não têm quaisquer contextos associados. (Anexo 20)

O único paralelo que encontrámos localiza-se nas Ilhas dos Açores e Madeira, de onde foram encontrados alfinetes em tudo muito semelhantes aos nossos, onde inclusive se registam alguns exemplares em que a cabeça era “decorada com uma pequena cercadura intermédia”, referentes a ocupações do século XVI (Sousa, 2012: 489 – Figura 1332).

Se para o tipo 1 temos bastantes reservas na sua análise cronológica, o mesmo não se verifica para esta tipologia. De facto, a grande maioria destes alfinetes partilham a mesma unidade estratigráfica. Talvez o único exemplar que se encontra na unidade quatrocentista seja uma contaminação. Aliado ao facto de quase da totalidade destes exemplares serem relativos ao século XVI, assumimos, ainda que, com algumas reservas, para o caso de Coimbra, esta forma específica possa ter começado a ser usada na transição do século XVI para o XVII.

Contudo, só trabalhos futuros é que poderão confirmar esta proposta, já que é, principalmente, durante a escavação de contextos de inumação que poderemos perceber com alguma segurança a cronologia de uso dos alfinetes.

Tipo 3

O tipo 3 resume-se a apenas três objectos e caracteriza-se, na sua essência, pelo facto do comprimento dos alfinetes ser superior a 10 cm. Assim, decidiu-se criar um tipo independente já que “devido à sua forma e comprimento só poderiam ser usados no cabelo” (Boavida, 2011: 21).

Este é composto pelos números **31**, **59** e **120**. Nenhum destes indivíduos conserva a cabeça. O comprimento da peça **31** situa-se nos 10,5 cm, o **59** mede 11,6 cm, e finalmente, o **120** tem o comprimento de 12,6 cm.

A peça **59** foi exumada no segundo momento de deposição do grande entulho da ala sul (século XV), enquanto que o **120** foi encontrado no último momento de deposição do mesmo aterro (século XVI). Já o alfinete **31** não tem qualquer registo associado.

Fusos e a Roca

O fuso é um instrumento de apoio para a fiação. Este deveria ser introduzido numa pequena roca (de madeira, de osso, ou outro tipo de material), estando a sua funcionalidade relacionada com a criação de novelos de fios, a partir de fibras como a lã, o linho, o algodão, entre outros.

Na nossa amostra encontram-se 23 exemplares de fusos (**121, Estampa XLIX, 1 – 143**), e um exemplar de uma roca (nº **144, Estampa XLIX, 2**).

Os fusos

Todos os fusos têm como matéria-prima o cobre ou a liga de bronze. Infelizmente, apenas o objecto **121 (Estampa V, 1)** se encontra completo.

Este apresenta uma forma subcilíndrica, de secção sub-rectangular. Na sua cabeça é possível observar o início do orifício de encaixe. Deste arranca uma pequena abertura no metal, de forma sub-rectangular, cujas dimensões são de 1,1 cm de comprimento, e 0,1 cm de largura. De um dos lados da zona superior do fuso é possível ver um pequeno rebite. No seu extremo inferior é possível ver uma incisão em forma de espiral. O fuso está preenchido por o que parece ser um elemento de forma subcilíndrica. O seu comprimento é de 7,4 cm, enquanto que o diâmetro da cabeça é de 0,5 cm, e o do corpo é de 0,3 cm.

O seu contexto de proveniência não é conhecido. Apesar de ter sido exumado aquando dos trabalhos de 2000, apenas possuímos o relatório de progresso dessa campanha, e por isso não nos foi possível perceber o seu contexto arqueológico – a única informação que conseguimos obter é que esta peça se relaciona com o período moderno.

No que concerne à procura e estudo de paralelos para a peça **121**, destacamos o fuso de Mértola, mais precisamente da Alacaria Longa (Boone, 1992: figura 10 A). Segundo o autor, a escavação deste sítio acabou por revelar ocupações “Caliphal, Taifal and possibly the early Almoravid periods”, centradas por isso no período entre os Séculos X e XII (Boone, 1992: 63).

No Castelo de Salir (Salir, Loulé) encontram-se igualmente presentes este tipo de objectos (Catarino, 1997/1998: Est. CXXXVII, 6 e 8). Este deve ter tido uma ocupação balizada entre o Século XII e a primeira metade do Século XIII (Catarino, 1997/1998: 461).

Sobre a contextualização cronológica destes objectos ligados à fiação, Helena Catarino avança que a sua ocorrência “é muito frequente em sítios com ocupação muçulmana (...) quase sempre associados a contextos cronológicos a partir dos períodos almorávida e almóada” (Catarino, 1997/1998: 506).

Em Espanha, mais especificamente no Castelo da Torre Grossa (Jijona, Alicante), estão igualmente presentes 30 exemplares deste tipo de objectos, onde o autor os relaciona com o Século XIII (Azuar Ruiz, 1958: 105; Lám. LIII e LIV).

Os restantes indivíduos resumem-se a pequenos fragmentos do que seria um fuso, e por isso entendemos que não será relevante apresentar aqui as suas descrições (essas encontram-se no Anexo dedicado às descrições).

Desconhecemos os contextos de proveniência dos números **122, 123 e 124**. Já o indivíduo **125** foi encontrado numa fossa que apresentou “vestígios de madeira e pedras, bem como uma deposição secundária. Poderá tratar-se de uma sepultura, datada de Época Moderna.” (Ferreira, 2012: 95). Os restantes fragmentos de fusos – correspondendo ao intervalo entre os números **126 e 143**, têm como proveniência a segunda acção de deposição do grande entulho do Criptopórtico, acção que decorreu nos finais do século XV (Silva, 2012: 881).

Apesar de nenhum dos contextos destes materiais se poder relacionar, cronologicamente, com a ocupação islâmica de Coimbra, a presença deste tipo de artefactos está amplamente documentada em sítios arqueológicos a partir da época Islâmica. Neste contexto poderá questionar-se a hipótese de alguns destes exemplares pertencerem a esse período. Acresce-se a existência de uma estrutura de taipa¹⁴ “anterior ao século IX”, e o facto de os muçulmanos poderem terem “feito obras na área e remodelado consideravelmente o que então ainda poderia subsistir do edifício romano” (Alarcão *et alii.*, 2009: 25).

Seria de todo o interesse que trabalhos futuros abordassem esta problemática, já que no estado actual dos conhecimentos, o nosso entendimento sobre essa ocupação é muito reduzido.

A Roca

A peça **144 (Estampa XLIX, 2)** corresponde à parte superior de uma roca. Esta apresenta um travessão que percorre toda a peça de forma tubular e secção

¹⁴ Que corresponde à U.E 24, da sondagem 4, do Sector C I.

subcilíndrica. Nas extremidades da peça são visíveis dois elementos com incisões intercalares, que poderiam servir para enroscar num mecanismo, ou para passar o fio. No meio da peça, é possível ver o travessão central, e das extremidades surgem outros elementos tubulares, com uma curvatura acentuada, que apresentam algumas incisões. Esta peça foi trabalhada a partir de uma única peça de osso. A peça tem um comprimento de 7,6 cm, e um diâmetro de 1,7 cm.

Este foi exumado do grande aterro da ala Sul do Criptopórtico, balizado entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

A partir do *site* MatrizNet (catálogo online do Instituto dos Museus e da Conservação), é possível encontrar inúmeras peças deste tipo, embora todas elas ligadas à Etnografia do Século XX. A título de exemplo, destacamos a peça AZ.184¹⁵, AS.287¹⁶ e DEP16.2001 MEP¹⁷ - provenientes do Museu Nacional de Etnografia, muito embora, e importa aqui destacar, a peça presente na nossa amostra encontra-se numa unidade estratigráfica datada do século XVI.

¹⁵ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=85610>

¹⁶ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=85733>

¹⁷ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=291637>

Separador de um Tear Vertical

O separador (designado também de *Pin Beater*), é um instrumento essencial na tecelagem nos Teares Verticais. Como explica Cuisenier “servait à descendre et à tasser les fils de trame”. (Cuisenier *et alii.*, 1988: 280).

Na nossa amostra encontra-se um exemplar deste tipo de objecto – corresponde ao número **145 (Estampa V, 3)**. Este caracteriza-se pela sua forma sub-rectangular, de secção subcilíndrica, onde o seu reverso é plano. O objecto é mais largo na zona da cabeça, sendo que o seu diâmetro vai diminuindo até à sua zona inferior. A peça apresenta um padrão de incisões transversais pelo corpo. Este traduz-se em duas incisões paralelas oblíquas, que são preenchidas por várias pequenas incisões horizontais, repetindo-se ao longo da peça. Esta tem 9 cm de comprimento, e 2,5 cm de diâmetro.

Infelizmente, desconhecemos o seu contexto de proveniência.

Como funciona um separador no Tear Vertical

Na sua essência, o separador serviria para separar a trama e a urdidura, de forma a criar o padrão que o artífice quisesse aplicar.

Em termos estruturais, o tear vertical estaria integrado numa grande estrutura em T – sendo que esta deveria ter como única função o suporte do tear. Os fios seriam enrolados (no sentido vertical) em dois onde seriam posteriormente enrolados nos travessões acima descritos¹⁸. Na sua zona inferior deveriam ser amarrados a peças de cerâmica, ou mesmo de pedra, criando a necessária tensão na Urdidura. Este tipo de artefacto, denominado geralmente como peso de tear, poderia ter formas distintas, mas caracteriza-se sobretudo pelo orifício na sua zona superior. (Consultar legenda do Anexo 21).

A tecelagem tem por princípio a formação de uma trama, a partir de fios verticais sujeitos a uma alta tensão, uma vez que este serviria de base para a criação do tecido. Depois de esticados, o artífice introduziria mais fio, de forma a entrelaçar horizontalmente com os que se encontravam verticalmente alinhados.

Para a criação de padrões seria necessário fazer um plano prévio de introdução da linha, que não deveria ser regular, sendo necessário um instrumento que as afastasse de forma a poder manusear não só a sua colocação, mas também a inclusão de

¹⁸ Estes fios esticados verticalmente designam-se como Urdidura.

diferentes cores, ou mesmo a distância horizontal entre a trama e a urdidura. Para realizar esta tarefa deveria ser usado o separador.

Pelo facto de ser plano no reverso, e convexo no anverso, tornava possível ao artesão que o separador não se deslocasse, uma vez que a superfície plana iria criar tensão entre o fio verticalmente esticado e o próprio separador. A sua convexidade frontal possibilitaria criar um ângulo suficientemente amplo para o manuseamento da linha que seria introduzida horizontalmente (Anexo 22 e 23).

A problemática arqueológica da presença do Separador no MNMC.

Em termos cronológicos estes materiais relacionados com o tear vertical não são fáceis de entender, dada a sua enorme dispersão cronológica.

Todavia, nos finais dos anos oitenta do século XX, a equipa de Cuisenier fez um grande levantamento de sítios, materiais e documentos que abarcam a Alta Idade Média francesa, enquadrando-se sensivelmente entre os Séculos VIII e XI. No que concerne aos “Pin Beaters”, os seus contextos são associados aos Séculos VIII, IX e X.

Já em Conímbriga, o cenário é diferente. Não existem cronologias associadas a este tipo de objectos. Porém, existem mais dados no que aos pesos de tear diz respeito. De notar que os separadores e os pesos de tear estão intimamente relacionados – uma vez que constituem “témoignage indiscutable de l'existence des métiers à tisser verticaux” (Alarcão *et alii.*, 1979: 54). Os autores enquadram a sua presença em vários horizontes cronológicos, desde a construção do fórum augustano até “occupation barbare dans le secteur du fórum” – Século IV/ V (Alarcão *et alii.*, 1977: 180). Assim, a sua presença é transversal a várias construções remodelações urbanas de Conímbriga (Alarcão *et alii.*, 1979: 60 – Figura 2).

Contudo, as escavações desta cidade revelaram não só a presença destes separadores do tear vertical, bem como a existência do tear horizontal, comprovado pela presença de tempereiros.

Esta é uma peça usada no tear de pedais, descrevendo-se como “uma peça de ferro com cabo em alvado e todo espalmado, munido de três dentes; cada uma das varetas [de madeira] é atravessada por 3 orifícios que, unidos por um cordão, determinam a maior ou menor largura do tecido.” (Alarcão *et alii.*, 1982: 166).

A grande inovação do tear horizontal de pedais é o facto de este tornar mais acessível o processo da abertura de espaços entre a urdidura, tornando possível ao artesão criar padrões muito mais complexos, de uma forma mais metódica. Neste sentido, a introdução deste novo tear, aliado a este novo mecanismo acabou por tornar o uso dos separadores perfeitamente obsoleto, uma vez que estes deixaram de ter qualquer utilidade neste novo quadro de técnicas de tecelagem.

Uma vez que a presença do tempereiro reflecte uma nova prática, será importante perceber a realidade cronológica aquando da sua introdução. A partir de representações iconográficas, sabemos que esta inovação técnica deve ter chegado à Europa em finais do Século XII e inícios do Século XIII (Retuerce Velasco, 1987: 73). Contudo, uma coisa é a difusão pela Europa, e outra será o aparecimento desta tecnologia na Península Ibérica.

Os contextos arqueológicos dos tempereiros de Conímbriga não são certos. São provenientes, na sua maioria, de camadas revolvidas, normalmente associadas à destruição do habitat romano. Justamente, foram encontrados dezoito exemplares cuja proveniência se enquadra na “destruição do *fórum* e do quarteirão habitacional situado nas suas vizinhanças que está relacionada com os ataques suévicos de 465 a 468” (Alarcão *et alii.*, 1982: 167).

Sobre estas ocupações mais tardias, Adrian De Man identificou algumas tendências no que à decoração das cerâmicas diz respeito, verificando-se “uma popularidade bastante duradoura, com início em contexto puramente visigótico e com perdurações que atingem o período califal” (De Man, 2006: 156). De facto, é o próprio autor que nos lembra que estes materiais de Conímbriga têm “boas parecenças” com as cerâmicas provenientes do Tolmo de Minateda. Este é um caso paradigmático no que toca à transição cultural aquando da chegada das forças muçulmanas, não só pela cultura material, mas também pela cronologia relativa que foi obtida - “segunda metade do Século VIII” (De Man, 2006: 156).

Assim, talvez se possa por em perspectiva o facto de Conímbriga ter estado sobre a influência cultural islâmica desde o Século VIII ou IX, e terá sido durante essa fase de ocupação que o tear horizontal de pedais foi adoptado.

Desta forma, a cronologia de uso dos separadores em Coimbra, poderá ser anterior a estas incidências. Assim, com as devidas reservas, e sendo apenas aplicado ao caso de estudo desta cidade, a sua cronologia de uso deve colocar-se ao longo do

período romano e da antiguidade tardia, não devendo ultrapassar os Séculos VIII ou IX. Assim, este separador **145 (Estampa V, 3)** talvez possa corresponder a um *terminus ante quem*, neste caso relacionado com a oitava ou nona centúria – podendo indiciar assim uma possível ocupação deste espaço durante a Alta Idade Média.

Contudo, só trabalhos futuros, com novos dados e novas interpretações poderão dar sentido à proposta apresentada.

Botões

O botão é um objecto extremamente importante na indumentária pessoal, permitindo que uma peça de roupa possa ser apertada em si própria, seja por uma questão funcional (como a de proteger do frio), seja por uma questão meramente estética.

São 12 os botões identificados (n.ºs **146 – 157 – Estampas VI e VII**), tendo como matéria-prima o cobre ou a liga de bronze.

Neste conjunto distinguem-se cinco tipos distintos: os botões circulares rectos (**146, 147, 148, 149**) - tipo 1; os botões octogonais facetados (**150, 151, 152 e 153**) - tipo 2; os circulares com depressões (**154**) - tipo 3; os circulares convexos (**155 e 156**) - tipo 4; e finalmente, os botões de forma hexagonal (**157**) – tipo 5.

Tipo 1

No tipo 1 integram-se os exemplares **146 (Estampa VI, 1), 147 (Estampa VI, 2), 148 (Estampa VI, 3) e 149 (Estampa VI, 4)**. Estes descrevem-se como tendo uma forma circular, com uma secção sub-rectangular – sendo esta secção plana. Importa realçar o facto do artefacto **146** possuir um pequeno rebordo que se prolonga para o exterior, bem como se nota que existe a aplicação de uma película dourada. Todas as peças conservam ainda a argola de fixação. Os seus diâmetros encontram-se entre o 1,2 e 2,5 cm.

O indivíduo **148** apresenta ainda aquilo que nos parece ser algumas letras e outros elementos que se encontram no revés da peça. No entanto, dado o seu estado de conservação, é quase imperceptível a sua leitura e interpretação.

No revés da peça **149** é igualmente possível perceber-se a existência de uma coroa de folhas bem como três letras: Num dos lados as letras “ST” e do outro, a letra “C”.

Os botões **146 e 147** foram exumados de duas camadas estratigráficas distintas, em que em ambas se encontram nódulos de argamassa, bem como pequenas pedras (o que se poderá traduzir num pequeno derrube) relacionado com os séculos XVII ou XVIII. Não se conhece o contexto arqueológico das peças **148 e 149**.

Talvez pela grande semelhança morfológica, estes dois últimos botões possam partilhar o mesmo espaço temporal do exemplar **147**. Não foram encontrados quaisquer paralelos para estas peças. Julgamos que esta situação se verifica não pela raridade destes objectos, mas antes, pelos prazos apertados a que estamos sujeitos.

Tipo 2

O tipo 2 corresponde aos botões octogonais facetados, onde se incluem os números **150 (Estampa VII, 1), 151, 152 e 153**. Todas estas peças são praticamente iguais, e parece mesmo que se relacionam com uma mesma produção. Assim, estas apresentam uma forma octogonal, com uma secção sub-rectangular, onde se observa uma ligeira convexidade.

As peças são facetadas, contendo nove faces, sendo que quatro apresentam uma forma triangular, e cinco apresentam uma forma quadrangular. O seu exterior é revestido com uma película dourada, enquanto no seu interior nenhuma das peças conserva a sua argola de fixação. O diâmetro é igual em todas as peças, sendo de 2,3 cm.

Todos estes botões partilham a mesma U.E. Esta acaba por se traduzir numa “camada com inúmeras pedras de pequena dimensão, pedaços de argamassa e telhas curvas muito fragmentadas;” (Carvalho, 1998: 145). Resume-se assim num nível de revolvimento, onde foram exumados materiais de diferentes épocas, sem grande lógica deposicional – tão comum neste tipo de contextos secundários.

Dado o seu estado de conservação, bem como a sua cor e tipo de material usado, entendemos que estas têm algumas semelhanças com a peça **146**, pelo que talvez não fosse surpreendente a possibilidade de atribuir o seu fabrico ao período Moderno. Contudo, não conseguimos encontrar quaisquer paralelos para esta peça, tornando-se impossível avançar com mais hipóteses.

Tipo 3

O tipo 3 corresponde aqueles botões que apresentam uma forma circular, com a existência de algumas depressões. No caso da nossa amostra apenas o indivíduo **154** (**Estampa VII, 2**) reúne estas características. Este apresenta uma secção sub-rectangular plana, registando-se igualmente sete círculos com curvaturas distintas, variando entre a convexidade e a concavidade. O seu diâmetro é de 2,1 cm.

Apesar de não se conhecer o seu contexto de proveniência, e do seu estado de conservação ser débil, encontrou-se um botão em tudo semelhante em Conímbriga. Este foi apresentado como não sendo “faciles à identifier”, embora a sua funcionalidade possa estar associada à decoração de outro tipo de objectos. A sua cronologia relativa data do Século I (Alarcão *et alii*, 1979: 167 – Planche XLV nº 134), datação que poderá ser igualmente aplicada para a peça proveniente da nossa amostra.

Tipo 4

Os botões do tipo 4 traduzem-se naqueles que apresentam uma forma circular convexa, onde se encontram os indivíduos **155 e 156** (**Estampa VII, 3 e 4**).

O primeiro caracteriza-se pela sua forma circular, com uma secção sub-rectangular convexa onde importa realçar que a argola de fixação ainda se encontra no seu revés, em que o seu diâmetro se traduz em 1,8 cm. Este está relacionado com a última acção de depósito do grande aterro da ala sul do Criptopórtico, relacionado com os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

A segunda peça apresenta a mesma forma, embora faça lembrar uma semiesfera – observando-se 1,5 cm no seu diâmetro. Neste caso, torna-se imperativo destacar a representação iconográfica relacionada com a coroa portuguesa: é possível ver-se uma coroa que está por cima de um escudo, que no seu círculo exterior são representados sete castelos, enquanto no círculo interno estão representadas as cinco quinas. O revés da peça apresenta uma inscrição em que se pode ler “*Warranted Fast*”.

Embora não se conheça o contexto arqueológico da peça **156**, os únicos paralelos encontrados para esta peça estão na base de dados *Online Matriznet*.

Referimo-nos aos exemplares F 2424¹⁹ e F 2456²⁰. Nestas fichas de inventário, estes materiais são associados ao Uniforme da Casa Real de D. João VI (século XIX).

Tipo 5

O tipo 5 corresponde aos botões onde se observa uma forma hexagonal, resumindo-se ao número **157 (Estampa VII, 5)**. Este apresenta uma secção sub-rectangular, onde no revés ainda se conserva a argola de fixação. O diâmetro desta peça encontra-se nos 2 cm. Partilha o mesmo contexto arqueológico da peça **155**, relacionando-se por isso com o final do século XVI. Contudo, não foram encontrados quaisquer paralelos para esta peça.

¹⁹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=154792>

²⁰ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=154794>

3.3 Grupo das Fivelas e das Fíbulas

Fivelas

A fivela é um objecto que serve, essencialmente, para prender, segurar e reforçar um ou mais elementos, normalmente de couro. Geralmente, este estaria presente nos cintos da indumentária do dia-a-dia, tendo também um papel extremamente importante no reforço e regulação dos arreios dos cavalos. Esta peça poderia ter igualmente uma conotação decorativa, já que as fivelas poderiam ser aplicadas nos sapatos, funcionando como elemento estilístico bem como de reforço e ajuste do calçado ao pé.

As distintas formas que compõem o nosso conjunto de fivelas resultam, certamente, da variedade de funcionalidades que estas desempenhavam. Desde logo, uma peça maior e mais resistente terá um uso completamente distinto daquela que possua reduzidas dimensões, bem como um menor grau de robustez.

A nossa amostra de fivelas é composta por 17 indivíduos (n^os **158-174**). Todos estes têm como matéria-prima o cobre ou liga de bronze, e a partir da sua forma agrupámos estes objectos em quatro tipos distintos: as que apresentam uma forma sub-trapezoidal – onde se enquadra a peça **158 (Estampa VIII, 1)**, correspondem ao tipo 1; as que possuem uma forma sub-circular – onde se encaixam os números **159 (Estampa VIII, 2)**, **160 (Estampa VIII, 3)** e **161 (Estampa VIII, 4)**, englobam-se no tipo 2.

Aquelas em que se observa uma forma sub-elipsoidal – correspondendo aos indivíduos **162 (Estampa IX, 1)**, **163 (Estampa IX, 2)**, **164 (Estampa IX, 3)** e **165 (Estampa IX, 4)** inserem-se no tipo 3.

Finalmente, aquelas que apresentam uma aplicação de uma camada dourada, independentemente da sua forma – onde se encontram as fivelas entre os números **166 e 174** (entre a **Estampa X, 1** e **Estampa XIII, 2**), integram o tipo 4.

Dos vários artefactos de metal que foram analisados, as fivelas foram aqueles que nos proporcionaram mais paralelos, já que este é um material abundante no que toca a escavações arqueológicas. Contudo, e uma vez que o seu uso acaba por ser transversal a varias culturas e cronologias, sublinhamos a importância de conservar sempre algumas reservas no que toca à associação de cronologias relativas – principalmente, quando não temos quaisquer outros materiais que nos possam ajudar a afinar essas relações espaço-temporais.

Tipo 1

O tipo 1 caracteriza-se pelas fivelas que têm uma forma sub-trapezoidal, que neste caso corresponde apenas à peça **158 (Estampa VIII, 1)**. Além da forma sub-trapezoidal, apresenta uma secção de forma sub-rectangular, observando-se ainda um travessão central, bem como o pino que assenta num outro travessão com secção subcilíndrica. Nos seus aros externos é possível perceber a existência de pequenas depressões no metal, que entendemos tratar-se uma pequena decoração. A peça tem uma altura de 4,5 cm, bem como uma largura de 5,5 cm.

Desconhecemos o seu contexto de proveniência, já que esta foi encontrada aquando das escavações entre 1929 e 1970.

No Castelo de Aguiar da Pena, encontrou-se uma peça semelhante (Barroca, 1985-1986: Est. VIII, 15 e XXVI, 3). Apesar de ser mais rudimentar e, por isso, não apresentar quaisquer decorações no metal e a zona do batente ser cilíndrica, é o exemplar que mais se assemelhava à nossa fivela. O autor não avançou com nenhuma cronologia para a peça, mas diz-nos que o castelo foi ocupado desde o Século XII até ao Século XVI (Barroca, 1985-1986: 60).

Tipo 2

O tipo distingue-se pelo facto das fivelas apresentarem uma forma subcircular. Neste tipo estão englobados os números **159 (Estampa VIII, 2)**, **160 (Estampa VIII, 3)** e **161 (Estampa VIII, 4)**.

No entanto, a peça **260** acaba por se destacar deste conjunto já que apresenta uma forma subcircular, com uma secção de forma subcilíndrica, onde ainda está presente um travessão central. O seu diâmetro é de 2,6 cm.

As peças **160 e 161** apresentam um pequeno travessão central onde, nas suas extremidades, parte um arco formando quase um semicírculo de secção subcilíndrica. Enquanto que no primeiro exemplar se observa um possível elemento de encaixe no travessão, na segunda peça é possível ver um pequeno pino que arranca do mesmo elemento central. Os seus diâmetros variam entre os 2,4 e 2,7 cm.

Quanto às peças **159 e 161**, nada podemos dizer acerca do seu contexto de proveniência, uma vez que não o conhecemos. Já para o exemplar **160** foi exumado de um nível que relata a última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, relacionado com os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Para a peça **159** duas peças bastante idênticas. A primeira, tem como contexto um naufrágio junto da Ilha do Sal, em Cabo Verde. Trata-se da Fivela CVD0024, sendo que esta ainda conserva a presilha de fixação. Esta embarcação foi associada a meados do Século XVII (Gomes *et alii.*, 2012: 107 - Figura 20). A segunda, foi identificada durante as escavações do Mosteiro de Jesus da Ribeira grande (Ilha de S. Miguel), e “é possível, mas com naturais reservas, situá-lo no século XVIII” (Sousa, 2011: 485).

Assim, podemos dizer que esta fivela poderá ser enquadrada cronologicamente em pleno período moderno, entre os Séculos XVII e XVIII.

O mesmo não se passa para os exemplares **160 e 161**. Estas têm algumas semelhanças com a fivela 70 exumada em Conímbriga associada aos “VIe et VII siècles” (Alarcão *et alii.*, 1979:97 – Planche XX, 70).

Destaca-se igualmente uma peça muito semelhante exumada durante a escavação do poço dos Paços do Concelho, em Torres Vedras, cuja cronologia é relativa ao Século XV (Cardoso *et alii.*, 2012: figura 3).

Tipo 3

O tipo 3 corresponde às fivelas que apresentam uma forma sub-elipsoidal, onde se inserem os números **162 (Estampa IX, 1)**, **163 (Estampa IX, 2)**, **164 (Estampa IX, 3)** e **165 (Estampa IX, 4)**.

A peça **162**, além da sua forma sub-elipsoidal com uma secção subcilíndrica, apresenta um pino - de forma e secção igualmente subcilíndrica, embora a oxidação seja diferente já que este elemento é feito de ferro. O seu diâmetro é de 2,7 cm.

O exemplar **163** apresenta uma secção subcilíndrica, onde se observa um travessão horizontal. Este não divide a fivela de uma forma simétrica, concedendo-lhe uma forma de “8” alongado. O seu diâmetro é de 2,1 cm. As fivelas **164 e 165** possuem um travessão horizontal, e a peça apresenta vários elementos vegetalistas. Nas extremidades, encontram-se duas representações iconográficas, que interpretámos como sendo conchas. Os seus diâmetros variam entre 2,4 e 2,1 cm.

O indivíduo **162** foi exumado de um nível de destruição de época moderna. O contexto de proveniência dos restantes espécimes deste tipo 2 reporta-se ao último nível de depósito do entulho da ala sul do Criptopórtico, acção que ocorreu entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

As fivelas 71 e 72 de Conímbriga são bastante idênticas ao n.º **162**, sendo que aquelas foram associadas aos séculos VI e VII (Alarcão *et alii.*, 1979: 97 – Planche XX, 71 e 72). De facto, o seu contexto de proveniência é muito distinto desta cronologia. Todavia, podemos estar na presença de uma movimentação de terras que acabou por retirar esta fivela do seu contexto original de deposição, para um outro muito mais recente. Seria interessante que em trabalhos futuros se estudasse esta problemática da ocupação dos séculos V, VI e VII deste espaço, já que é muito pouco o que se conhece sobre essa ocupação.

Para os restantes números **163, 164 e 165**, e recorrendo novamente ao espólio do naufrágio ao largo de Cabo Verde, percebemos que as fivelas CVD0017, CVD0018, CVD0020, CVD0021, CVD0022 e CVD0023 são em tudo muito semelhantes às da nossa amostra (Gomes *et alii.*, 2012: 75, 76 e 77). Estando estas peças inseridas no Século XVII (Gomes *et alii.*, 2012: 107 - Figura 20), entendemos que talvez possam ter sido usadas como fivelas de sapato, já que “entre 1670 e 1680, as fivelas substituíram os laços nos sapatos, conhecendo por isso mais larga difusão (Boucher, 1987:266 *apud* Teixeira *et alii.*, 2012: 676).

Tipo 4

Nesta quarta divisão tipológica, encaixam as fivelas que apresentam uma aplicação de uma camada dourada, que se traduzem nos exemplares **166 (Estampa X, 1), 167 (Estampa X, 2), 168 (Estampa X, 3), 169 (Estampa XI, 1), 170 (Estampa XI, 2), 171 (Estampa XII, 1), 172 (Estampa XII, 2), 173 (Estampa XIII, 1) e 174 (Estampa XIII, 2).**

A fivela **166** caracteriza-se pela sua forma sub-rectangular, com uma secção da mesma forma. Observa-se um travessão central, bem como uma moldura a que lhe sobrepõe um pequeno rebordo. Tem um comprimento de 4,9 cm, e uma largura de 2,9 cm. Foi exumada de um pavimento de seixos rolados, “de onde foi recolhida uma moeda do reinado de D. João VI (1813)” (Carvalho, 1998: 141).

O exemplar **167** resume-se a um pino de uma fivela. Esta apresenta uma forma sub-rectangular, com a secção da mesma forma. Tem um comprimento de 5,8 cm. Esta está relacionada com um nível de construção relacionado com o próprio Fórum de *Aeminium*.

As peças **168 e 169** são extremamente semelhantes. Apresentam uma sub-rectangular, com uma secção da mesma forma. Observa-se um travessão central. A peça é bastante trabalhada, apresentando alguns motivos vegetalistas estilizados. Os seus comprimentos variam entre os 5,4 e 5,5 cm, enquanto que a sua largura se fixa entre os 3,5 e 3,6 cm.

Também os espécimes **170 e 171** são extraordinariamente idênticos. Apresentam uma forma sub-rectangular, com uma secção da mesma forma. Observa-se um travessão central. A peça é bastante trabalhada, apresentando alguns motivos vegetalistas estilizados. Os seus comprimentos são de 9,2 cm, e a largura de 5,8 cm.

Curiosamente, as peças **172, 173 e 174** possuem todas uma mesma característica: no nosso entender, a sua iconografia remete para a representação de máscaras.

Os números **172 e 173** têm uma forma sub-elipsoidal, enquanto que o indivíduo **174** se caracteriza por uma forma sub-triangular. Todas estas três fivelas têm uma secção sub-rectangular, sendo bastante trabalhadas, apresentando alguns motivos vegetalistas estilizados. Os diâmetros dos dois primeiros exemplares variam entre os 3,3 e 4,3 cm; enquanto que a largura da última peça é de 3,6 cm, e a sua altura de 5,5 cm.

Estes exemplares (**168, 169, 170, 171, 172, 173 e 174**) têm como contexto um nível de revolvimento de terras, cuja datação não foi possível compreender.

Todas as peças (à excepção do exemplar **167**) são semelhantes a outras que observamos no Coche que está em exposição no MNMC já que o seu estilo decorativo é o mesmo. De facto, ao consultarmos as fivelas provenientes do Museu Nacional dos Coches, percebemos que se tratam de peças praticamente iguais, tendo sido aplicadas nos arreios dos cavalos. Referimo-nos à peça A 2623²¹, bem como ao exemplar A 2635²².

Apesar de não termos encontrado quaisquer paralelos para as fivelas que parecem recriar pequenas máscaras, é perfeitamente aceitável que possam ter pertencido a um mesmo Coche, talvez integrado no Século XVII.

²¹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=150937>

²² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=150861>

Fíbulas

As fíbulas são objectos de adorno que têm como função ligar uma ou mais peças de vestuário (caso por exemplo das capas ou túnicas). Estas podem igualmente servir como elo de ligação entre duas peças de couro, como um cinto ou um correame.

Na nossa amostra encontram-se 5 exemplares de fíbulas, correspondendo aos números **175, 176, 177, 178 e 179**. No nosso entender, estamos perante dois tipos distintos: o tipo 1, que pela sua forma, robustez e decorações teriam como funcionalidade a ligação de peças de vestuário e seriam, ao mesmo tempo, objectos de adorno (**175, 176 e 177**) e o tipo 2 que pela sua robustez, seria utilizado na união de duas peças de couro (**178 e 179**).

Tipo 1

No tipo 1 integram-se as fíbulas **175 (Estampa XLI, 1), 176 (Estampa XLI, 2) e 177 (Estampa XLII, 1)**. A peça **175** apresenta um “arco fita forme, torcido e rebaixado é decorado longitudinalmente por dois sulcos. A charneira é rectangular, mediana e com um enrolamento para o exterior; cartela quadrangular e decorada por três finas molduras. O botão terminal do pé é cónico.” (Ponte, 2006: 478)²³.

O seu contexto de proveniência relaciona-se com um aterro contemporâneo da construção do Criptopórtico – século I (Silva, 2004: 15).

Segundo a obra *A cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, o mesmo exemplar encontra como paralelo o número 4 da variante do tipo Aucissa (Silva, 2007: Est. CII, 4). Segundo o autor, esta tipologia deve ser inserida nos “meados do século I d.C.” (Silva, 2007: 275).

É também muito semelhante ao número 227 do *Corpus Signorum das Fíbulas*, tendo correspondência com a tipologia Ponte 42/1a. Segundo a autora, esta tipologia relaciona-se com os séculos I e II (Ponte, 2006: 470 – Ponte 42/1a, 227).

Já para o número **176**, observa-se um “arco triangular, abatido, de secção semicircular. Decoração do arco bastante sóbria; charneira com enrolamentos interiores, de perfil rectangular, curto, sem chanfros; pé longo; eixo e pé com botões terminais. O fusilhão é recto e descanso triangular”²⁴. O seu diâmetro é de 3,4 cm.

²³ Uma vez que esta peça é do tipo Ponte 42/1a, decidimos usar a descrição de Salete da Ponte, já que esta é extremamente completa e bastante elucidativa.

²⁴ Recorremos de novo às descrições de Salete da Ponte, já que esta se insere no tipo Ponte 42/1b.

Relaciona-se com um nível que poderá “corresponder a uma base de sustentação de um pavimento lajeado”, do século I (Carvalho, 1998: 140).

De facto, segundo a obra de Armando Coelho Ferreira da Silva, o exemplar **255** tem como paralelo o número 17, da variante Aucissa (Silva, 2007: Est. CII, 17) – relacionado com os meados do século I.

De acordo com o *Corpus Signorum das Fíbulas*, este artefacto tem como paralelo o número 238, estando integrado no tipo Ponte 42/1b. (Ponte, 2006: 472 – Ponte 42a/1b, 238). Como foi referido, Salete da Ponte insere o tipo Ponte 42 entre os séculos I e II.

A peça **177** resume-se apenas ao fuzilhão de uma fíbula. É possível observar-se um travessão horizontal, em que nas suas extremidades se localizam dois pequenos elementos subcilíndricos que possibilitariam o movimento do fuzilhão. O seu comprimento é de 4,3 cm.

Desconhecemos o seu contexto arqueológico. Todavia, esta parece ter como paralelo o número 256, integrado no tipo Ponte 42b/1, cuja cronologia relativa se fixa entre os séculos I e II (Ponte, 2006: 475 – Ponte 42b/1a, 256).

Tipo 2

No tipo 2 integram-se os indivíduos **178 (Estampa XLII, 2)** e **179 (Estampa XLII, 3)**. No exemplar **178** verifica-se que as extremidades são compostas por dois elementos sub-piramidais. Estas são ligadas por um travessão sub-cilíndrico. Parece que esta é uma peça forjada através de um molde.

Já para o número **179** as extremidades são compostas por duas semi-esferas. Estas são ligadas por um travessão subcilíndrico em forma de "T". Parece que esta é uma peça forjada através de um molde.

Desconhecemos os contextos de proveniência quer da peça **178** como da **179**. Apesar destes exemplares estarem bastante incompletos, parece-nos muito provável que se possam associar grupo dos “Passadores em T”.

Estes “passadores” serviam como fivela. Uma das extremidades encaixaria num lado do couro, e a zona em “T”, seria introduzida na outra extremidade, criando uma tensão entre o couro e a peça.

No Catálogo de Armas e Equipamento Nazari (dinastia que reinou Granada desde meados do Século XII, até à sua conquista pelas forças cristãs, no final do Século

XV), podemos encontrar uma fíbula em tudo semelhante à nossa – mesmo no facto de não ter qualquer decoração. Contudo, a autora assume que “Son numerosos los ejemplos conservados totalmente iguales a estos, que se encuentran fechados en epoca romana y visigoda como antecedentes directos del período hispanomusulman y que se mantienen sin evolucion alguna en su forma, tanto en el ejemplo mas liso como el decorado” (Marinetti Sánchez, 2013: 51).

Em Escarigo (Figueira de Castelo Rodrigo), foi exumado um objecto deste tipo (completo, e em excelente estado de conservação), estando em consonância “com os finais do Século XV e a primeira metade do Século XVI” (Martins, 2001: 251). A autora apresenta duas peças, sendo que a segunda é proveniente do Castelo de S. João da Foz do Douro (Martins, 2001: 257 – Figura 5).

Apesar das peças da nossa amostra não se encontrarem completas, é possível observar-se semelhanças inequívocas. Contudo, há que destacar o facto de os exemplares **178 e 179** serem menos trabalhados, já que não apresentam quaisquer tipos de decorações ou depressões nos elementos que as compõe.

Assim, seria interessante que trabalhos futuros se debruçassem sobre a problemática da existência fíbulas deste tipo em contextos mais antigos (como propõe Marinetti Sánchez), sejam romanos ou visigóticos. O importante seria perceber as diferenças morfológicas entre estas peças de contextos mais antigos, com as de cronologia mais recente, a partir Século XII em diante.

3.4 Grupo das *Ligulae*

O conjunto que apresentaremos de seguida acaba por corresponder a um grande leque funcional – traduzindo-se em *três Ligulae* (n^{os} **180**, **181** e **182**). As suas aplicações funcionais não se relacionavam “somente como instrumentos de *toilette*, mas tinham também aplicações na farmácia, medicina, cirurgia, pintura e em diversas indústrias” (França, 1971: 18).

A peça **180 (Estampa XVI, 1)** corresponde a uma pequena espátula de cobre ou liga de bronze. O corpo apresenta uma forma subcilíndrica com secção da mesma forma. A zona da espátula apresenta uma forma sub-triangular, com secção sub-rectangular, onde é possível observar uma pequena depressão. O seu comprimento é de 2,5 cm.

O seu contexto de proveniência não é conhecido. No entanto, encontrámos dois exemplares vindos de Conímbriga que são bastante semelhantes a esta peça. A peça 259 de Conímbriga (Alarcão *et alii.*, 1979: Pl. XXXVI, 259) apresenta uma pequena diferença, uma vez que possui a cabeça mais arredondada, enquanto que a espátula da nossa amostra apresenta uma cabeça sub-triangular. O exemplar da estação arqueológica de Condeixa-a-Velha estará relacionado com os Séculos III e IV. Esta serviria para “retirer les onguents de spots, à les mélanger ou à les appliquer, mais aussie à nettoyer les oreilles” (Alarcão *et alii.*, 1979: 146).

A peça 10 (França, 1971: Est. II, 10) é igualmente muito parecida com o objecto da nossa amostra – sendo que a autora a classifica como sendo igualmente romana.

O objecto **181 (Estampa XVI, 2)** corresponde a uma espátula mais alongada, onde uma das extremidades é plana, enquanto a outra apresenta uma ligeira curvatura. Entendemos que esta tenha sido resultado das dinâmicas pós-deposicionais, mas assumimos a possibilidade de também ter sido intencional, havendo assim um motivo prático e funcional para a sua existência.

Esta peça foi exumada de um aterro contemporâneo da construção do criptopórtico, datado do Século I.

Nas “escavações dos terrenos da Faculdade de Letras de Coimbra”, foi encontrada uma peça muito idêntica ao objecto **181** – sendo que a autora também o integra numa cronologia romana (França, 1971: 20, Est. II, 7).

Entendemos que a peça **182 (Estampa XVI, 3)** deve ser integrada no mesmo grupo tipológico, embora com algumas distinções funcionais. Este objecto parece tratar-se de um instrumento cortante, uma vez que a sua extremidade inferior é afilada, observando-se que esta zona se encontra achatada, fazendo lembrar uma lâmina de bisturi. Relativamente ao seu contexto arqueológico, este relaciona-se com “um nível de abandono de época moderna” (Silva, 2003: 14).

De facto, este instrumento poderia ser utilizado na medicina, mais concretamente na cirurgia. Contudo, as operações médicas realizadas na altura deveriam centrar-se apenas na “excision de las fistulas lagrimales, la exci3n de verrugas, la secci3n del prep3cio en la circuncisi3n, la incisi3n de los tejidos en el saco del hidrocele (acumulo de l3quido en la bolsa del test3culo), el tratamiento de abscesos y quistes d3rmicos” (Borobia Melendo, 2007: 184).

No mesmo trabalho sobre o “Instrumental m3dico-quir3rgico en la “Hispania” romana”, encontra-se uma pe7a muito semelhante à pe7a **182** (Borobia Melendo, 2007: L3mina 10). O autor classifica este artefacto como sendo uma “Aguja quir3rgica”, onde se encontram pe7as de “todo tipo, en cuanto a sua morfologia y material de fabricaci3n” (Borobia Melendo, 2007: 189).

Em suma, importa destacar que dentro da nossa amostra, as *Ligulae* acabam por ter uma grande dispers3o funcional, que deve ser sempre tida em conta. Contudo, atraves3 do estudo de paralelos, a cronologia de uso destes materiais parece ser contempor3nea à ocupa73o romana do actual MNMC.

3.5 Grupo de Objectos de Adorno

Anéis

O anel é um objecto de adorno pessoal. Este poderá ter várias formas, inúmeros significados, bem como a interpretação do seu uso deverá ter sempre em conta todos estes parâmetros, e ainda a sua contextualização espaço-temporal.

A nossa amostra dispõe de 21 anéis (nº **183** a **203** – Estampa XVII, XVIII, XIX e XX). Optou-se por subdividir estes objectos a partir da matéria-prima que os compõe. Assim sendo, o tipo 1 corresponde aos anéis de vidro – onde se incluem os exemplares **183, 184, 185, 186, 187, 188 e 189**; o tipo 2 traduz-se nos anéis de azeviche – onde se encontram as peças **190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, e 198**; finalmente, o tipo 3 resume-se às peças de cobre ou liga de bronze – compreendido pelos anéis **199, 200, 201, 202 e 203**.

Tipo 1

O tipo 1 corresponde aos anéis cuja matéria-prima é o vidro. Estes correspondem aos números **183, 184, 185, 186, 187, 188 e 189** (Estampa XVII, e Estampa XVIII, 1). Todos estes objectos já se encontram publicados, sendo classificados como pertencendo ao período romano (Alarcão, 1971: 25-43). Todos estes espécimes apresentam uma forma circular, com uma secção subcilíndrica. Os seus diâmetros variam entre os 1,5 e 2 cm.

Apesar de partilharem a mesma matéria-prima, existem algumas distinções morfológicas. Desde logo o **183 (Estampa XVII, 1)** que se caracteriza pelo vidro negro translucido bem como pela presença de uma pedra de anel de forma subcircular onde se observa a presença de algumas agulhas e, em cuja base, existe um revestimento de cor turquesa. A única informação que temos acerca do seu contexto de proveniência, relaciona-se com as fundações “do novo pavilhão contíguo ao portal de S. Tomás (MNMC), a 1,50 m. do terreno actual sobre uma camada de *opus signinum*.” (Alarcão, 1971:42).

Já o número **187 (Estampa XVII, 5)** apresenta uma cor Azul-Cobalto, sendo o único neste tom. O único dado que temos acerca do seu contexto arqueológico é que foi encontrado “nos entulhos do criptopórtico” (Alarcão, 1971: 42). Sabemos que pelo menos desde o final do Século XI, o actual espaço do Museu Nacional de Machado de

Castro sofreu ora pequenas obras, ora grandes reestruturações. Assim, das “sucessivas obras que se foram realizando não – de ter resultado entulhos”, sendo possível que, “em grande parte, tenham sido lançados para as galerias do criptopórtico” (Alarcão *et alii.*, 2009: 32).

Os anéis **188 (Estampa XVII, 6) e 189 (Estampa XVIII, 1)** apresentam uma cor negra, embora se observe ao longo da parte superior e inferior do aro, em paralelo, decoração aplicada de pequenas saliências, também estas em vidro. Partilham o mesmo contexto arqueológico da peça **125**.

As peças **184 (Estampa XVII, 2), 185 (Estampa XVII, 3) e 186 (Estampa XVII, 4)** apresentam uma cor negra, sendo esta a grande característica que as distingue dos restantes exemplares deste tipo. O seu contexto arqueológico é o mesmo das peças **187, 188 e 189**.

Em termos comparativos, os números **184, 185, 186 e 187** integram-se no Tipo 8 de Guiraud, inserindo-se numa cronologia do Século II e III. (Guiraud, 1989: 197).

Tipo 2

O tipo 2 inclui as peças feitas a partir do azeviche, onde se inserem os números **190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, e 198 (Estampa XVIII e XIX)**. De facto, estas 9 peças representam o número total de peças deste material presente na nossa amostra. O azeviche “é um carvão de baixo grau de incarbonização” (Costa, 2008: 1). Pode ser encontrado em Portugal (muito embora, hoje em dia, a sua exploração seja diminuta, foi bastante explorada até épocas recentes), estando igualmente presente em Espanha. (Costa, 2008: 3).

Os anéis deste grupo tipológico apresentam aro em forma circular, onde a secção pode ser tanto sub-rectangular, como subcilíndrica. Os seus diâmetros variam entre os 1,7 e os 2 cm. Para o anel **131 (Estampa XVIII, 5)** observa-se que as extremidades do aro são reviradas para fora, unidas e trabalhadas de modo a formar uma pequena mesa de forma rectangular.

Os números **190 (Estampa XVIII, 2), 191 (Estampa XVIII, 3) 192 (Estampa XVIII, 4), 193, 194 (Estampa XVIII, 6), 195 (Estampa XIX, 1), 196 (Estampa XIX, 2) e 197 (Estampa XIX, 3)** já se encontram publicados (Alarcão, 1971: 25-43). Estes relacionam-se com os níveis de “entulhos do criptopórtico” (Alarcão, 1971: 42), sendo que o autor os coloca, igualmente, dentro da cronologia que coincide com a ocupação

romana do Fórum de *Aeminium*. Estes números integram-se igualmente no Tipo 8 de Guiraud, circunscrevendo-se numa cronologia associada ao século II e III (Guiraud, 1989: 197).

O exemplar **198 (Estampa XIX, 4)** é o anel que mais se distingue deste tipo 2. De facto, apresenta uma forma circular e secção subcilíndrica, onde as extremidades do aro são reviradas para fora de modo a formar uma pequena mesa de forma rectangular. Nesta pode ler-se a letra “M”, que parece ter sido gravada através de uma pequena incisão no material. Este foi exumado de uma “pequena Lixeira de Época Romana” (Silva, 2004: 15).

Este anel parece corresponder ao Tipo 2 de Giraud, onde a autora o insere entre os Séculos I e III (Giraud, 1989: 181).

Na verdade, todos estes materiais em azeviche parecem estar associados a uma cronologia de uso romana. Segundo Helen Muller (1987: 10), foi com a chegada das forças romanas à Bretanha que a grande extracção de Azeviche de Whitby (região de Yorkshire e Humber) se desencadeou. Este local tornou-se de tal forma importante que o comércio da matéria-prima proveniente desta região chegou até à Germania.

Talvez fosse interessante perceber a origem do material presente nos anéis da nossa colecção, já que poderemos estar perante uma importação fora da própria Península Ibérica. No entanto, só futuros trabalhos poderão responder a esta problemática.

Tipo 3

O tipo 3 é composto por 5 peças produzidas a partir do cobre ou de uma liga de bronze. Inserem-se neste grupo os números **199 (Estampa XIX, 5)**, **200 (Estampa XIX, 6)**, **201 (Estampa XX, 1)**, **202 (Estampa XX, 2)** e **203 (Estampa XX, 3)**.

A peça **199** apresenta forma circular com uma secção sub-rectangular. Na mesa da peça ainda é possível observar-se uma pedra de anel, de cor amarelada – sem que tenhamos conseguido perceber qual o material que a compõe. O seu contexto arqueológico não é conhecido.

Os anéis **200**, **201** e **200** são mais simples, correspondendo a uma forma circular onde a secção da primeira é sub-rectangular, e das restantes é subcilíndrica. Os seus diâmetros fixam-se entre os 1,5 e 2 cm. De destacar que o número **200** apresenta quatro

pequenas “caneluras” ao longo do seu aro. A peça **202** apresenta uma pequena saliência no aro, criando uma pequena mesa.

O contexto arqueológico dos números **200** e **201** não é conhecido, uma vez que apenas possuímos o relatório de progresso das escavações de 2000, da mesma maneira que não tivemos acesso aos relatórios de escavação entre 1929 e 1970. Já a peça **202** relaciona-se com a última acção de depósito no grande entulho localizado na ala sul do Criptopórtico, acção esta que deve ter decorrido entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881). Não conseguimos encontrar quaisquer peças semelhantes às apresentadas.

Caso que não se verifica para a peça **203**. Esta caracteriza-se pela sua forma circular e secção subcilíndrica. O anel é constituído por dois aros, que parecem ser unidos por outro pequeno aro que se encontra entrelaçado, onde além de unir toda a peça cria uma pequena decoração na sua zona superior. O seu diâmetro é de 1,2 cm.

Este foi exumado de um “nível de aterro contemporâneo da construção do Criptopórtico” (Silva, 2009: 66), associado ao Século I. De facto, esta peça poderá ser relacionada com o tipo 6 de Giraud, tendo uma dispersão cronológica “du Ier s. avant J.-C au IVE s. et même au-delà” (Giraud, 1989: 193).

Braceletes

Os braceletes são um objecto de adorno que se pode usar no braço ou no pulso, sendo transversal a várias culturas, tradições, ocupações e regionalismos.

Na nossa amostra estão presentes três braceletes (nº **204 – 206, Estampa XXI**). Importa referir que todos estes exemplares são feitos a partir de cobre ou liga de bronze.

A peça **204 (Estampa XXI, 1)** caracteriza-se pela sua possível forma oval (uma vez que não se encontra completa), e secção sub-rectangular. É constituída por um aro que se estreita na zona do fecho, onde se verifica uma torsão com extremidades em espiral. Esta ocupa cerca de um quarto da peça. A peça foi trabalhada através do batimento do fio, o que aliás se pode observar no aro do reverso, onde se encontra um sulco que traduz esta realidade. O seu diâmetro é de 4,7 cm.

Não conhecemos o seu contexto de proveniência, já que este foi exumado aquando dos trabalhos realizados entre 1929 e 1970.

Em Conímbriga encontrou-se uma peça muito semelhante à da nossa amostra, onde se observa que o padrão de entrelaçados dos aros de metal é bastante idêntico.

(Alarcão *et alii.*, 1979: Pl. XXXIII, 199). Segundo os autores, esta peça deverá ser balizada entre os anos de 310 e 450 (Alarcão, 1979: 139).

O indivíduo **205 (Estampa XXI, 2)** apresenta uma forma sub-elipsoidal, com secção subcilíndrica. Este é composto por dois aros de bronze sendo ligados em dois pontos distintos, a partir de uma torsão dos ditos aros. O seu diâmetro é de 5,2 cm.

Desconhecemos igualmente o seu contexto arqueológico, já que a peça foi exumada durante os mesmo trabalhos já anteriormente referidos.

Em termos de paralelos, e apesar de não termos encontrado nenhuma peça com semelhanças assinaláveis, admitimos que esta possa ser incluída na mesma categoria morfológica do número **204**, já que ambas são constituídas por dois aros que a certo ponto são entrelaçados, criando assim a forma de um bracelete.

Contudo, em termos da sua cronologia de uso nada podemos acrescentar. Por um lado não temos quaisquer informações estratigráficas acerca do achado da peça **205**. Por outro, o facto de esta técnica ser a mais simples no que toca à criação deste tipo de objectos, traduz-se numa grande acessibilidade quer de instrumentos, quer da própria matéria-prima: o que pode resultar numa grande extensão diacrónica.

O número **206 (Estampa XXI, 3)** traduz-se num bracelete de forma ovalada e secção subcilíndrica. Esta é composta por um único aro, onde as suas extremidades são reviradas para fora – ao contrário dos outros braceletes, este não é fechada em si própria. O seu diâmetro é de 4,1 cm.

Desconhecemos igualmente o contexto arqueológico, bem como não foram encontrados paralelos para esta peça.

Os braceletes são objectos relativamente banais e transversais a todas as comunidades humanas. A partir da nossa pesquisa não foi possível encontrar mais paralelos para os indivíduos em estudo. Entendemos, porém, que não será sinal da sua raridade, mas sim dos apertados prazos a que estamos sujeitos. Temos esperança que estudos posteriores possam colmatar esta lacuna.

Contas de Colar

As contas de colar traduzem-se em pequenos objectos, cuja forma mais comum é a circular com secção subcilíndrica, embora também se registem outras formas, como a cilíndrica, esférica, floriforme, entre outras. Estes pequenos objectos possuem um orifício central para que pudessem ser introduzidos num fio, criando assim um colar.

Foram identificadas 24 contas de colar na nossa amostra, correspondendo ao intervalo entre o número **207** ao **212**. Optámos por fazer uma divisão com base na sua matéria-prima, e posteriormente, foram subdivididas pelas suas diferenças morfológicas.

Assim sendo, o tipo 1 corresponde às contas de colar feitas a partir do vidro, onde se integram 7 indivíduos (**nºs 207 – 230**).

Nesta categoria, o tipo 1.1 traduz-se em 7 contas de vidro, com forma subcircular (**nºs 207, 208 e 209**); o tipo 1.2 corresponde às contas de vidro, com forma bitroncocónica (**nº 210**); no tipo 1.3 inserem-se as contas de vidro de forma floriforme (**nº 211**); o tipo 1.4 caracteriza-se pelas contas de vidro cuja forma é oval (**nº 212**); finalmente, o tipo 1.5 representa as contas de vidro onde a forma se traduz numa gota de água (**nº 213**).

No tipo 2, encontram-se as 17 contas de colar feitas a partir de uma pasta vítrea (**nºs 214 – 230**).

Assim sendo, o tipo 2.1 corresponde as contas de pasta vítrea cuja forma é subcircular (**nºs 214 – 223**); no tipo 2.2 integram-se as contas de pasta vítrea com forma sub-esférica (**nºs 224-228**); e finalmente, o tipo 2.3 traduz-se nas contas de colar de pasta vítrea, onde se verifica uma forma subcilíndrica (**nºs 229 e 230**).

Tipo 1 – Contas de Vidro

Tipo 1.1

As contas de colar de vidro de forma subcircular englobam os números **207 (Estampa XXII, 1)**, **208 (Estampa XXII, 2)**, e **209**. A primeira conta apresenta uma cor azul claro, observando se uma forma circular e secção subcilíndrica. O seu diâmetro é de 1 cm.

A segunda (nº **208**) caracteriza-se pela cor verde amarelada, possuindo uma forma circular e secção subcilíndrica, onde o seu diâmetro é de 1,6 cm. A peça **209** conserva uma cor verde, sendo o seu diâmetro de 1,2.

Apesar de não conhecermos o seu contexto arqueológico, as três peças já se encontram publicadas no artigo “Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos”, na revista *Conímbriga*. Neste artigo, Jorge de Alarcão classifica estas contas como sendo do período romano. (Alarcão, 1971: 42).

De facto, as contas monocromáticas acabam por ser bastante comuns, não só em período romano, como em períodos mais recuados, sendo esta moda “más antigo y es intemporal” (Ruano Ruiz, 1996: 46).

Tipo 1.2

O tipo 1.2 caracteriza-se pela sua forma bitroncocónica – correspondente à peça **210 (Estampa XXII, 3)**. Esta apresenta uma cor âmbar, onde a sua perfuração se encontra nas extremidades desta conta, sendo o seu diâmetro de 1,8 cm.

Não conhecemos o seu contexto arqueológico, mas esta encontra-se publicada no artigo supracitado, partilhando o mesmo espaço cronológico, ou seja, o período romano (Alarcão, 1971: 42).

Tipo 1.3

O presente subgrupo resume-se à peça **211 (Estampa XXII, 4)**, e caracteriza-se pela sua forma floriforme em meia-lua, e secção subcilíndrica. Esta conta de vidro apresenta uma cor âmbar, onde o seu diâmetro se fixa nos 1,5 cm.

Desconhecemos o seu contexto arqueológico, embora esta já se encontre publicada tendo sido associada ao período romano. (Alarcão, 1971: 42).

No que toca ao seu estudo de paralelos, encontraram-se peças bastante semelhantes no sítio do *Castillo de Doña Blanca*, em Cádiz. Neste trabalho de Ruano Ruiz, o autor associa a morfologia deste tipo de contas à tipologia denominada *Agallonadas*, sendo inserida no Século IV a.C. (Ruano Ruiz, 2001: 58). Estas aparecem “en España alrededor del siglo VII al VI a.C”, sendo o “siglo III [a.C] el limite cronológico” (Ruano Ruiz, 1996: 65)

Demos igualmente conta de peças muito semelhantes às nossas em Santo Tirso, nomeadamente no sítio do Castro do Monte Padrão. Refirmo-nos às peças 198 e 203 do

Museu Abade Pedrosa (Moreira, 2007: 100 e 101). A sua cronologia relaciona-se com as comunidades entre os Séculos I e III (Moreira, 2007: 34).

Apesar de não conhecermos o contexto arqueológico da peça em questão, a sua cronologia relativa não deverá recuar até períodos tão antigos, até porque as cronologias mais antigas do MNMC situam-se no Século I – data da construção do Fórum Augustano. As contas de colar provenientes do Castro do Monte Padrão acabam por reforçar a ideia de que esta tipologia seria usada dentro desta baliza cronológica.

Tipo 1.4

No tipo 1.4 insere-se a peça **212 (Estampa XXII, 5)**, sendo que esta se caracteriza por uma forma oval, e perfil em subcilíndrico (havendo uma convexidade no anverso, sendo o reverso chato). O vidro da conta é o verde-claro, onde se observa um diâmetro de 1,5 cm.

Não se conhece o seu contexto arqueológico, porém, esta já se encontra publicada no artigo anteriormente referido, partilhando a mesma cronologia que as peças anteriores, ou seja, o período romano. (Alarcão, 1971: 42).

Tipo 1.5

O tipo 1.5 traduz-se na conta de colar de vidro, cuja forma é uma gota de água (nº **213, Estampa XXIII, 1**). A sua perfuração encontra-se nos extremos da conta, apresentando uma lapidação mista; A parte superior e intermédia é octogonal. A inferior é de forma semi-esférica.

Esta peça foi encontrada durante as escavações entre 1929 e 1970, e por isso não conhecemos o seu contexto de proveniência. Infelizmente, e ao contrário do que se passa com as contas até aqui apresentadas, esta não se encontra publicada, sendo por isso inédita.

Dada a sua forma particular, não conseguimos encontrar quaisquer paralelos para esta peça. Esperamos que trabalhos futuros possam colmatar esta lacuna, uma vez que esta é completamente distinta de todos os outros exemplares, podendo talvez fornecer dados cronológicos e culturais mais precisos.

Tipo 2 – Contas de Colar de Pasta Vítreo.

Tipo 2.1

O tipo 2.1 engloba os números **214 (Estampa XXIII, 2), 215, 216 (Estampa XXIII, 3), 217 (Estampa XXIII, 4), 218 (Estampa XXIII, 5), 219 (Estampa XXIII, 6), 220 (Estampa XXIV, 1), 221 (Estampa XXIV, 2), 222 (Estampa XXIV, 3) e 223 (Estampa XXIV, 4)**, e caracteriza-se pelas contas de colar de pasta vítrea, cuja forma é a subcircular com secção subcilíndrica. Os seus diâmetros variam entre os 1,1 e 1,9 cm.

Os números **214, 215, 216, 217 e 218** apresentam uma cor azul-escura, enquanto que nos números **219 e 220** se observa uma cor azul-clara; finalmente, a cor branca está presente nas pastas vítreas das peças **221, 222 e 223**. No que toca aos seus contextos arqueológicos, a peça **215** está relacionada com uma camada que antecede a construção do criptopórtico, mas onde já aparecem materiais ligados com a ocupação romana, como ânforas e *sigillata* (Carvalho, 1998: 46).

As contas **216 e 221** estão relacionadas com um nível de circulação onde existe uma lareira associada, estrutura que foi destruída aquando da construção do fórum (Carvalho, 1998: 47).

Os exemplares **217, 218, 220, 221, 222 e 223** são provenientes de uma pequena lixeira de época romana (Silva, 2004: 15). Finalmente, a conta **219** está relacionado com um grande aterro romano, resultante da construção do fórum, datado do século I.

Como foi referido anteriormente, este tipo de contas monocromáticas têm uma diacronia bastante lata, já que são conhecidas em período do Bronze, do Ferro e Romano.

Tipo 2.2

No tipo 2.2 inserem-se as peças **224 (Estampa XXIV, 5), 225 (Estampa XXIV, 6), 226 (Estampa XXV, 1), 227 (Estampa XXV, 2) e 228 (Estampa XXV, 3)**, definem-se pela sua forma sub-esférica, com uma secção subcilíndrica, onde o seu diâmetro varia entre os 0,6 e 1,9 cm. A pasta vítrea das peças **224, 225 e 226** caracterizam-se pela sua cor azul-escura, enquanto que a peça **227** apresenta uma pasta vítrea branca.

As as contas **224 e 225** foram exumadas de um grande aterro romano datado do século I (Carvalho, 1998: 46). O exemplar **226** está relacionado com a última acção de deposição do grande aterro da ala sul do Criptopórtico, relacionado com anos entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Já o indivíduo **227** faz parte de um grande aterro romano, datado aquando da construção do complexo forense (Silva, 2009: 66).

Relativamente à peça **228** a sua pasta vítrea é azul, mas apresenta uma decoração oculada. Observam-se três círculos concêntricos brancos que são preenchidos por dois círculos azuis, tendo estes dimensões distintas.

O seu contexto arqueológico está relacionado com um nível de ocupação que antecedeu a construção do fórum de *Aeminium*, embora nesta U.E apareceram algumas ânforas e fragmentos de *sigillatas*. Relativamente a esta conta oculada nº **228**, encontrou-se um paralelo muito semelhante na inumação VII de Bonjoan em Ampúrias (Almagro Gorbea, 1955: figura 258 -3) – sítio arqueológico que acaba por relatar uma ocupação grega, romana e alto medieval deste espaço em Girona. Este enterramento é associado “a una época posterior al año 49, en que Ampurias se convirtió en minicipio romano.”

No que toca à ancestralidade de uso destas contas em território nacional, temos o exemplo do Tesouro de Gaio, em Sines, associado aos Séculos VI-IV a.C, ou como os exemplares presentes em Garvão, do Século III a.C. (Ruano Ruíz, 1996: 54).

Recentemente um estudo de carácter arqueométrico abordou uma excelente colecção de contas de colar, provenientes de sítios com uma implementação fenícia comprovada²⁵, onde se concluiu que o seu período cronológico “muy amplio, abarcadesde el siglo VIII a.C. en la necrópolis de Las Cumbres hasta las cuentas del siglo II a.C. en la necrópolis de Numancia.” (Palomar *et alii*, 2009: 60).

Sabemos que a cronologia de implementação dos fenícios, quer em Santa Olaia, quer em Abul se enquadra entre os meados do século VII a.C, e o século VI a.C. (Arruda, 2005: 38 e 40).

Talvez estas contas possam ter uma influência de carácter orientalizante, ainda que muito distante, já que a cronologia relativa do contexto da peça **228** deverá ser o século I da nossa era.

²⁵ Caso do *Castillo de Doña Blanca, Las Cumbres, Puig de Molins e El Cigarrelo*

Tipo 2.3

O tipo 2.3 corresponde às peças **229 e 230 (Estampa XXV, 4)**, e engloba as contas de pasta vítrea, com forma subcilíndrica, de secção da mesma forma. Ambos os números apresentam uma cor âmbar.

O contexto arqueológico da conta **229** relaciona-se com um grande aterro romano relacionado com a construção do complexo forense, enquanto que o número **230** tem como contexto de proveniência um nível de ocupação que antecedeu a construção do criptopórtico.

A cronologia das contas de colar no contexto romano de Aeminium

Quanto a nós, as contas de colar presentes na nossa amostra enquadram-se no *terminus post quem* do Fórum de Aeminium.

Julgamos que será perfeitamente plausível assumir que alguns exemplares²⁶, dadas as suas proveniências estratigráficas, possam ser integrados num leque de produções regionais, antes até da implementação do próprio Fórum de Cláudio.

Assim, entendemos que trabalhos futuros deveriam ter em consideração esta problemática, não só para entendermos melhor a realidade das comunidades pré-Romanas de Coimbra, mas também para que possamos discutir problemáticas relacionadas com a influência Fenícia neste espaço. Sendo Santa Olaia “o primeiro sítio orientalizador identificado em Portugal” (Maia, 2000: 8), e dada a sua proximidade geográfica, talvez não seja totalmente descabido pensar num hipotético contacto entre as comunidades indígenas de Coimbra, e as populações vindas do Oriente.

Acus Crinalis

O *Acus Crinalis* é um objecto cuja funcionalidade estaria relacionada com a fixação de várias peças de vestuário, assim como ferramenta essencial na criação de penteados, quase que exclusivamente ligados ao *Mundus muliebris* (expressão latina que designava o Mundo da Mulher) (França, 1968: 69). Na nossa amostra encontram-se um total de dezassete peças de osso, sendo que treze estão inseridas no presente

²⁶Nomeadamente as peças **214, 215, 216, 221, 223, 228 e 230**.

conjunto, correspondendo ao intervalo entre os números **108 e 120 (Estampa XXVI, XXVII, XXVIII e XXIX)**.

O termo *Acus Crinalis*, de origem latina, continuava a utilizar-se na Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, como está comprovado em Isodoro de Sevilha, já que *acus* seria entendido como “Needles are those things by means of wich, in adorning the hair of women, a bunch of hair is retained that it may not flow more loosely and scatter about in a disordered way. (*Etym.19.31.9*)” (*apud Stephens,2008:113*)²⁷.

Contudo, seria principalmente na elaboração dos toucados que este tipo de peças deveria ter uma maior expressão. Os arranjos no cabelo estariam mais presentes na vida daqueles que teriam um estatuto social mais elevado, uma vez que seriam as escravas a ajudar a sua senhora a fazer os arranjos do cabelo. Não devemos entender, porém, esta prática como “menor” ou pouco valorizada pela sociedade romana, já que inscrições encontradas, por exemplo, na Argélia mostram-nos que existiria uma hierarquia de trabalho neste ramo, o que tornaria toda esta prática numa profissão perfeitamente estabelecida no período romano (Rascón Marqués *et al.*, 1995: 299).

Dadas as suas diferenças morfológicas, foi-nos possível perceber a existência de cinco tipos distintos deste tipo de objectos: o tipo 1 corresponde às agulhas (dentro da mesma classificação de *Aci Crinalis*) – **231, 232 e 233**.

O tipo 2 é composto pelas peças que apresentam uma cabeça sub-esférica – **234 e 235**. O tipo 3 destaca-se pela cabeça subcilíndrica que se observam nas peças – **236 e 237**.

O tipo 4 caracteriza-se pela forma sub-piramidal da cabeça dos indivíduos, presentes nos números **238, 239, 240, 241 e 242**. Finalmente no tipo 5 inserem-se o objecto **243**, que apresentam uma cabeça sub-quadrangular.

²⁷ De notar que optámos por usar as transcrições da investigadora, de forma a não incorrer em erros de interpretação

Tipo 1

Quanto ao tipo 1, onde se encontram os números **231, 232 e 233 (Estampa XXVI, nº 1,2 e 3** – respectivamente), enquadram-se na categoria de agulhas de osso. Estas caracterizam-se por apresentar uma forma sub-rectangular – com a secção da subcilíndrica, onde no topo da peça é possível observar-se um pequeno orifício circular, destinado à introdução da linha. Os seus comprimentos variam entre os 5,5 e os 7,5 cm, enquanto que o seu diâmetro varia entre os 0,4 e 0,6 cm.

Desconhecemos o contexto arqueológico do individuo **231**. Contudo, os contextos de proveniência das peças **232 e 233** estão relacionados com níveis de abandono e de derrube do fórum de *Aeminium*.

Este “ter-se-á mantido até ao Século V” (Alarcão *et alii.*, 2009: 25), e de facto os materiais encontrados apontam nesse sentido – estando presentes fragmentos de *Terra Sigillata* Africana Clara A e C pelo que de uma forma geral, podemos dizer que esta tipologia de cerâmica “abarcam el siglo III hasta fines del V y, en algunos casos, principios del VI.” (Paz Peralta, 1991: 175).

As agulhas em osso em questão devem relacionar-se com a elaboração de toucados romanos, já que alguns penteados seriam de tal forma complexos e arrojados que necessitariam de pontos – seja para a sustentação do cabelo, seja por motivos estilísticos. Dada a variedade de tipos de fio a usar, as próprias agulhas deveriam ser de acordo com este tipo de factores. A sua extensão e diâmetro deveriam ter em conta o tipo de pontos a rematar, uma vez que técnicas diferentes envolveriam, certamente, instrumentos diversificados (Stephens, 2008: 120).

Para estas agulhas encontram-se paralelos em Torre de Aguilá, cuja cronologia se debruça sobre o Século II (Rodríguez Martín, 1991-1992: 187 – Figura II, nº 6).

Destaque também para os exemplares de Conímbriga. (Alarcão *et alii.*, 1979: 83-84 – Pl. XIII, nº 333, 319 e 317). Os autores admitem que estes objectos “ne servaient pas aux seuls travaux de couture ni exclusivement aux tissus; ils aidaient aussi à confectionner des articles en peaux, cuir et paille.” (Alarcão *et alii.*, 1979: 81).

Todavia, as peças presentes na nossa amostra apresentam uma certa fragilidade, característica essa que, no nosso entender, tornaria estes instrumentos poucos adequados ao trabalho de tecelagem e cosedura do couro. Dada a sua espessura (que se encontra entre os 0,4 e 0,6 cm), tornar-se-iam estas peças pouco adequadas para coser panos mais finos, mas talvez fossem mais adequadas na elaboração de peças em lã (tal como hoje

existem as agulhas de tricô). Relativamente ao trabalho em vime, parece-nos que seria igualmente complicado, uma vez que as peças de metal seriam muito mais adequadas a este tipo de trabalhos. Não apenas pela sua dureza, mas também pela própria “elasticidade” que este tipo o metal apresentaria, já que este poderia ser exposto a muito mais pressão, sem partir, tornando-se mais adequado a esse tipo de actividade.

De notar que não descartamos a possibilidade deste tipo de agulhas ser aplicado, exclusivamente, na elaboração de toucados.

Tipo 2

O tipo 2 caracteriza-se pela cabeça sub-esférica dos alfinetes de osso. Neste inserem-se os números **234 e 235 (Estampa XXVII, 1 e 2)**. Além da cabeça apresentar uma cabeça com forma sub-esférica, de secção circular, no corpo observa-se uma forma subcilíndrica, com a secção igual à da cabeça. Os seus comprimentos centram-se nos 5,5 cm²⁸, enquanto que o diâmetro da cabeça ronda os 0,7 cm.

Desconhecemos o contexto arqueológico do número **234**, o mesmo não se verifica para o **235**, tendo como proveniência um nível de abandono provavelmente relacionado com o século V.

Encontramos como paralelo o exemplar 101 de Conímbriga, onde a sua cronologia se relaciona com os séculos I a III (Alarcão *et alii.*, 1979: 128 – Pl. XXIX, nº 101).

Em Torre de Aguilã, encontramos peças idênticas aos nossos alfinetes de cabeça sub-esférica, associados neste caso, a um período compreendido entre o século I e VII (Rodríguez Martín, 1991-1992: 194 – Figura III, nº 15).

Tipo 3

O tipo 3 destaca-se pela presença de alfinetes com cabeça subcilíndrica (**236 e 237; Estampa XXVII, 3 e 4**). Além da forma da cabeça, importa realçar a concavidade existente entre a cabeça e o corpo, sendo este de forma subcilíndrica, com a secção da mesma forma, sendo o revés plano. Ambos possuem 7,7 cm de comprimento, enquanto que a cabeça apresenta um diâmetro de 0,7 cm.

²⁸ De notar que nenhum destes exemplares se encontra completo.

O número **237** relaciona-se com um contexto de abandono do Fórum, enquanto que o exemplar **238** tem como contexto arqueológico um grande aterro de terras, associado ao século I.

Destacamos as semelhanças com os alfinetes de “Cabeza Rueca” da vila romana de Torre de Aguilar, onde os seus contextos arqueológicos abarcam o intervalo entre os Séculos II e VII (Rodríguez Martín, 1991-1992: 198 – Figura IV, nº 19).

Importa evidenciar as peças 108 e 107 provenientes de Conímbriga, já que são em tudo idênticas às nossas. Estas estão relacionadas com o século V, já em plena invasão bárbara (Alarcão *et alii.*, 1979: 128 – Pl. XXIX, nº 108 e Pl. XXX, nº 107).

Tipo 4

Os alfinetes que apresentam uma cabeça em forma sub-piramidal inscrevem-se no tipo 4, abarcando os números **238, 239, 240, 241 e 242 (Estampa XXVIII, 1, 2, 3 e 4; Estampa XXIX, 1)**.

Em termos morfológicos, a peça **238** além de apresentar uma cabeça sub-piramidal, observa-se que o seu revés é plano - sendo que a forma e secção do corpo subcilíndrica. Dado o facto de esta peça se encontrar fracturada, o seu comprimento é de 4,1 cm (deveria ser maior), enquanto que o diâmetro da cabeça ronda os 0,6 cm.

Este relaciona-se com um nível de abandono e derrube do próprio fórum, relacionado com o século V. Esta peça tem um paralelo com outra de Conímbriga, sendo que a última se relaciona com um estrato associado aos séculos I e III (Alarcão *et alii.*, 1979: 128 – Pl. XXIX, nº 104).

Os indivíduos **239, 240 e 241** apresentam uma cabeça com uma forma sub-piramidal, de secção circular, onde o seu topo é ligeiramente piramidal. Já o corpo é de forma subcilíndrica, com a secção da mesma forma. Em termos de comprimento, estas apresentam dimensões entre os 7 e os 9cm, enquanto que no que toca aos diâmetros da cabeça situam-se entre os 0,5 e 0,8cm.

Quer as peças **239** como a **240** têm como contexto arqueológico níveis de abandono do Fórum de *Aeminium*, referente ao século V. Já o indivíduo **240** foi encontrado aquando da escavação do último depósito de terras do grande aterro da ala sul do Criptopórtico, período compreendido entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Estes têm como paralelo os números 82 e 80 respectivamente, de Conímbriga – sendo que a sua presença se verifica em estratos datados entre os Séculos I até ao IV (Alarcão *et alii.*, 1979: 127 – Pl. XXIX, nº 82 e Pl. XXIX, nº 80). No que toca à peça **240**, e tendo por base as semelhanças morfológicas bem como os contextos de proveniência, conclui-se que os vários tipos vão aparecendo de uma forma transversal à ocupação romana deste espaço, sem que se possa associar uma baliza cronológica a cada característica morfológica. Apesar de este ter um contexto que se relaciona com o final do Século XVI, o estudo de paralelos, não só desta peça, mas de todo o conjunto, fez-nos perceber que esta terá uma cronologia funcional dentro da ocupação romana. Contudo, devido às grandes obras de reestruturação do então Paço Episcopal, o seu contexto primário de deposição acabou por ser destruído. Já o exemplar **241** do nosso estudo tem como análogo o número 103, relativo ao assentamento de Conímbriga (Século I – II) (Alarcão *et alii.*, 1979: 128 – Pl. XXIX, nº 103).

Apesar do alfinete **242** ser inserido na mesma tipologia dos alfinetes de cabeça sub-piramidal, distingue-se pelo facto de a sua cabeça ser facetada, apresentando uma secção sub-rectangular. Talvez esta característica possa evidenciar a possibilidade de o artesão nunca ter finalizado o seu trabalho.

Este foi exumado de um nível de abandono do complexo forense, datado do século V. O exemplar 96 de Conímbriga acaba por ser em tudo semelhante à peça da nossa amostra, estando relacionado com o século IV (Alarcão *et alii.*, 1979: 127 – Pl. XXIX, nº 96).

Tipo 5

Esta tipologia apresenta apenas um indivíduo, traduzindo-se no número **243** (**Estampa XXIX, 2**). Esta peça distingue-se de todas as outras pelo facto de a cabeça apresentar uma forma sub-quadrangular, onde o seu revés é plano. A sua secção é igualmente subcilíndrica, e entre a cabeça e o corpo observa-se uma acentuada concavidade. Em termos métricos, esta volta a destacar-se, já que se registam 8,7 cm de comprimento e 1,2 cm de diâmetro da cabeça – traduzindo-se no maior *acus* da nossa amostra

Felizmente o seu contexto arqueológico é conhecido, traduzindo-se num nível de destruição do Fórum romano, relacionado com o século V.

De facto, não foi encontrado nenhuma peça semelhante a este exemplar, seja num artigo, publicação, ou mesmo na base de dados MatrizNet – onde estão inseridos grande parte dos materiais expostos nos museus de Portugal.

Talvez esta ausência de dados esteja relacionada com a sua raridade, e por conseguinte, o seu carácter inédito.

Enquadramento dos Acus Crinalis no Fórum de Aeminium

A partir da análise das várias U.Es de onde aparecem estes materiais, aliados ao estudo de paralelos com materiais de outros sítios arqueológicos, acabou por confirmar que não será possível associar uma morfologia concreta, a uma baliza cronológica mais afinada (caso por exemplo das *sigillatas*), suspeita aliás que os próprios materiais exumados do MNMC acabaram por levantar.

Esta reflexão acaba por ser ratificada uma vez que no mesmo tipo morfológico, encontramos artefactos cuja cronologia relativa é distinta, mas principalmente, pelo facto de que os materiais de Conímbriga que partilham as mesmas características morfológicas, serem geralmente associados a cronologias mais recuadas (séculos I, II e III), enquanto que grande parte da nossa amostra tem como contexto de proveniência níveis de derrube e de abandono do fórum de *Aeminium*, processo que está relacionado com o século V.

Assim, o que talvez seja plausível de afirmar é que, segundo a realidade que temos em mãos, é que os contextos deste tipo de objectos não parecem mais antigos do que o Século I, como a sua dispersão diacrónica não ultrapassará o Século V.

Grande parte dos paralelos encontrados para a nossa amostra de *Acus Crinalis* têm como contexto de proveniência as escavações de Conímbriga, ainda durante a década de 70. Uma vez que estes dois polos populacionais são contemporâneos um do outro, poderá colocar-se a questão das trocas comerciais entre si. No entanto, no actual estado de conhecimento sobre esta temática é impossível perceber se haveria um centro produtor deste tipo de objectos, ou se eram comercializados para outras regiões; ou até se eram produzidos localmente.

A sua distinção funcional

Como foi possível observar, o *Acus Crinalis* pode variar na sua dimensão, na sua cabeça, na secção do seu corpo, bem como no facto do revés da peça poder ser completamente plano. Estas diferenças nas suas características intrínsecas não serão,

certamente, meras alterações estilísticas. Janet Stephens apresenta um bom ensaio de arqueologia experimental que nos pode levar a tirar ilações importantes. Ao recriar os penteados romanos (segundo a autora, e ao contrário do que a comunidade científica propõe, estas técnicas não se podem basear nas abordagens modernas relacionadas com esta prática), acabou por distinguir, igualmente, os vários tipos de agulhas e alfinetes. Segundo a mesma, os alfinetes designados geralmente de *acus crinalis*, devem ser entendidos como *hair bodkins* (que na tradução literal, significa “furador de cabelo”) (Stephens, 2008: 112). Em termos técnicos, estes teriam de ser usados sempre em cabelos longos, de forma a sustentar o conjunto de cabelos enrolados ou retorcidos. A cabeça destes *acus* ocupa sempre destaque neste tipo de penteados, já que esta ficaria sempre visível – daí existirem alguns exemplares onde as cabeças são bastante decoradas.

Em termos do fabrico deste tipo de materiais, podemos dividir este processo em fases distintas. A sua elaboração iniciava-se pelo corte das epífises de um osso longo, sejam tíbias, fémures ou metatarsos – regra geral seriam ossos de bovívdeo. Esta dedução baseia-se no único exemplo de uma oficina de *Aci Crinalis* em Portugal, onde Abel Viana encontrou uma grande abundância de ossos deste animal – tendo sido a matéria-prima para a elaboração dos ditos alfinetes (*apud* Rascón Marqués *et alii.*, 1995: 304)²⁹.

Após limpar o osso – processo que deveria envolver cal viva, o mesmo deveria ser dividido possibilitando a criação de vários exemplares da mesma peça de osso.

Todas estas técnicas deveriam ser aplicadas com a peça humedecida, através do uso de água quente, ou com substâncias mais ácidas como o leite azedo ou o vinagre. Para o desbaste e polimento do osso deveriam ser usados objectos bastante cortantes (como por exemplo serras, seja de lâmina, seja de fio; martelos, cinzéis ou até pequenas cunhas) mas que proporcionassem uma grande precisão no processo de raspagem (entendemos que o processo de elaboração da peça **242** tenha ficado por aqui). O acabamento destas peças passaria por uma limagem da peça, usando por exemplo a pedra-pomos, ou até areia (Rascón Marqués *et alii.*, 1995: 305-307).

Contudo, deveremos interrogar-nos sobre o porquê destes diferentes fabricos. Já que se conhece uma grande variedade e complexidade de penteados romanos, certamente que os seus executantes precisariam de utensílios com características

²⁹ Neste caso concreto não conseguimos ter acesso ao estudo de Abel Viana, mas entendemos que é grande importância para esta temática. VIANA, A. (1944): O Fabrico do “Acus Crinalis” de Osso. In: *Brotéria: Cristianismo e Cultura*. pp. 361 – 373.

diferentes para que se tornasse mais fácil (ou mesmo possível) certos tipos de arranjos, bem como a aplicação de diversas técnicas. Sugerimos, deste modo, que estas diferenças seriam premeditadas e funcionais.

Assim, entendemos que os vários tipos de cabeça destes objectos, ou dimensões e formas existissem para tornar o penteado único. Já que esta seria uma profissão importante no seio do *Mundus muliebris*, seria normal cada profissional ter o seu próprio cunho pessoal na elaboração de cada toucado – o que, em casos mais vincados, poderia envolver o fabrico de *acus crinalis* específicos para alguns profissionais, como aliás acontece hoje em dia, quando certas ferramentas ou utensílios são elaborados a partir das directrizes específicas da pessoa que faz a encomenda.

3.6 Grupo do Medalhão e Sinete

Medalhão

O artefacto **244 (Estampa XXX, 1)** corresponde a um medalhão. Este poderia ser usado num equipamento militar, ou poderia ser uma peça que seria fixada numa estrutura móvel, ou não. A sua matéria-prima é o cobre ou liga de bronze.

Este apresenta uma forma Oval, de secção sub-rectangular. É possível ver-se um rebite na sua parte superior, bem como um pequeno orifício na parte inferior. A julgar pelo diâmetro destes dois elementos, onde hoje está o dito orifício deveria estar outro rebite igual ao que se encontra na parte superior da peça. O seu diâmetro é de 3,7 cm.

No que toca à sua representação iconográfica, parece estar representado um brasão onde é possível observar-se as cinco quinas, bem como uma coroa no topo do mesmo. No entanto, a peça encontra-se num estado de conservação muito delicado, o que se traduziu na impossibilidade da sua impressão. Aliás, a sua leitura é difícil, uma vez que o desgaste da peça acaba por “apagar” alguns dos seus traços originais. Julgamos que seria importante, em trabalhos futuros, que esta pudesse ser analisada à luz de novas metodologias e técnicas de análise, para que se percebesse o seu contexto histórico.

Infelizmente, desconhecemos o seu contexto de proveniência.

Sinete

A peça **245 (Estampa XXXI, 1)** traduz-se num Sinete. Este deveria ser usado, principalmente, no acto de lacrar as cartas e documentos oficiais, já que ainda conserva o selo.

Este tem uma forma campanular, observando-se um orifício no topo da peça, de onde ainda se conserva uma corrente. Na base da peça está presente o selo, ainda que em negativo. Tem um comprimento de 6 cm, sendo que o selo apresenta 3 cm de diâmetro.

Este foi encontrado no último nível de deposição do aterro da ala sul do Criptopórtico, relacionado com os finais do século XVI.

Felizmente, este encontra-se em excelente estado de conservação. Após a impressão do positivo do selo, bem como do desenho, é possível ler-se, “+ S(elo) DE :

IOANE : ANES “. No campo encontra-se um brasão povoado por uma aspa e rematado por uma cruz bicornata. Este poderá indicar o facto de ter pertencido a um indivíduo da Nobreza. Em termos cronológicos, datará, muito provavelmente, do século XIII ³⁰.

Decidimos assim consultar a obra “Chancelaria de D. Afonso III”, de forma a tentar perceber a existência de um “Ioanes Anes” em Coimbra. Contudo, não conseguimos detectar nenhuma referência a este nome, relacionado com a dita cidade.

Assim, conservamos a esperança que trabalhos futuros possam esclarecer esta problemática, e quem sabe, perceber com clareza a quem pertenceu este selo aqui apresentado.

³⁰ Gostaríamos de agradecer profundamente o grande auxílio que o Doutor Saul Gomes nos deu, ao ler e interpretar este selo. Sem a sua ajuda não teria sido, de todo, possível.

3.7 Grupo dos Objectos Cortantes

Punhais

Os punhais entram na categoria das armas brancas. Esta arma deveria ser usada mais no contexto da defesa quotidiana do indivíduo, e não no campo de batalha. Contudo, este tipo de objectos poderá ser igualmente relacionado com um instrumento de auxílio às tarefas do dia-a-dia da pessoa que a detinha, seja para a abrir cartas ou para outro tipo de funcionalidades.

Desta forma, encontram-se dois exemplares de punhais na nossa amostra, sendo o ferro a sua matéria-prima (**246 e 247; Estampa XII, 1 e 2**).

A peça **246 (Estampa XXXII, 1)** caracteriza-se pela sua forma sub-rectangular (tendo a secção igualmente sub-rectangular). Ambos os lados apresentam uma ligeira convexidade, onde a sua base é rectangular de forma e secção subcilíndrica. Aqui deveria encaixar então um punho, embora se desconheça o seu material de que era feito. Este exemplar trata-se de um punhal precisamente pelo facto de a sua lâmina ser composta por duas convexidades, formando assim dois gumes. O seu comprimento é de 17,2 cm, enquanto que a sua largura máxima se fixa nos 2,8 cm.

O seu contexto arqueológico relaciona-se com a última acção de deposição de terras no grande entulho da ala sul do Criptopórtico, cuja cronologia se encaixa entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Durante a nossa pesquisa bibliográfica, encontramos alguns punhais embora nenhum deles se assemelha aos exemplares da nossa amostra. De facto, esta situação não deverá ser associada à raridade destas peças, mas antes, ao seu estado de conservação que não nos deixa fazer qualquer leitura relevante das suas características.

O objecto **247 (Estampa XXXII, 2)** não se encontra completo. Apresenta uma forma sub-rectangular, sendo a secção da mesma forma. Ambos os lados da peça aparentam ter uma ligeira convexidade, o que se poderá traduzir em dois gumes – e daí a sua classificação como punhal. A sua base é cilíndrica sendo de forma e secção subcilíndrica. A peça dista 10 cm de comprimento, e 2,2 cm de largura.

Esta encontra-se fracturada já que é possível observar uma interrupção abrupta e heterogénea no metal. Aliado a isto, nota-se que a meio da lâmina existe uma grande deformação do metal, criando duas convexidades que não nos parecem ser intencionais, mas sim resultado do mau estado de conservação.

A peça **247** partilha o mesmo contexto arqueológico da **246**. Partilha também o facto de não se ter encontrado nenhuma peça que fosse idêntica à da nossa amostra. Neste caso, há que ter em conta o mau estado de conservação do indivíduo, aliado ao facto de não se encontrar inteira.

Ponteira de Bainha

As ponteiras de bainha seriam a zona onde uma lâmina encaixaria, ao ser guardada na sua bainha. Esta lâmina poderia ser de uma adaga, punhal ou mesmo de uma espada. É possível que estes objectos fossem revestidos de um tipo de material como o couro, ou que encaixassem numa peça de madeira. Uma vez que as ponteiras correspondem à última zona da bainha, teriam de ser suportadas por algum elemento. Assim sendo, e assumindo que estas peças estariam integradas numa peça de matéria perecível, é perfeitamente aceitável que já não se encontre presente.

Neste conjunto integram-se 5 peças, correspondendo aos números **248, 249, 250, 251 e 252 (Estampa XXXIII)**. É possível perceber que os indivíduos **248 e 249** são de cobre ou liga de bronze, enquanto que os números **250, 251 e 252** têm como matéria-prima o ferro.

Ponteira de Bainha de cobre ou liga de bronze

Neste subgrupo estão inseridas as peças **248 e 249 (Estampa XXXIII, 1 e 2)**. A ponteira de bainha **248** caracteriza-se por apresentar uma forma sub-triangular, sendo composta por uma cabeça de forma esférica achatada de onde partem duas hastes, que na verdade correspondem a duas folhas de metal distintas, onde uma se sobrepõe a outra. Estas estão fissuradas de onde é possível ver o seu interior, que é oco. O seu comprimento é de 5,1 cm, o diâmetro da cabeça é de 2,6 cm e a largura da zona das hastes é de 1,6 cm. Infelizmente, desconhecemos o contexto arqueológico desta peça.

Contudo, em Mértola encontra-se uma peça em tudo semelhante à nossa. Aquando da escavação de um assentamento rural, com ocupações “Caliphal, Taifal and possibly the early Almoravid periods (10th to the 12th centuries)”(Boone, 1992: 63), encontra-se uma ponta de bainha muito idêntica à da nossa amostra, uma vez que se

resume a duas folhas de metal, onde são ligadas por um elemento esférico (Boone, 1992: figura 10 A).

Já fora do território nacional, nas escavações do castelo de Rubercy, em Calvados (pequena vila no Noroeste Francês), foi exumada uma outra peça, em tudo muito semelhante à peça **248** (Lorren, 1977: 156 – figura 29, 10). Neste caso, os autores propõe uma ocupação balizada entre “la seconde moitié du XII et le début du XIII siècles” (Lorren, 1977: 128).

Apesar de de não se poder “reconstituir a história das edificações no espaço do antigo forum nos obscuros séculos que decorreram do VI ao XI” (Alarcão *et alii.*, 2009: 26), lançamos a hipótese desta peça poder ser integrada entre os Séculos X e XIII, já que os paralelos encontrados atestam a sua existência durante esta baliza cronológica. Embora o ano de 1064 tenha sido marcado pela conquista definitiva de Coimbra, entendemos que este espaço possa ter sido ocupado durante a administração Islâmica desta cidade. No entanto, só futuros trabalhos, à luz de novos dados poderão problematizar esta realidade.

Relativamente à peça **249**, trata-se de uma ponta de bainha de forma sub-rectangular, com uma secção subcilíndrica. É possível observar duas aplicações metálicas que contornam a peça, que se localizam nas duas extremidades da peça, respectivamente. Esta peça tem 5 cm de comprimento, por 2,5 cm de largura.

O seu contexto arqueológico relaciona-se com o ultimo momento de formação do grande aterro da ala sul do criptopórtico, acção que deverá ter ocorrido entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Ponteira de Bainha de ferro

Neste subconjunto de ponteira de bainha de ferro incluímos as peças **250** (**Estampa XXXIII, 3**), **251** (**Estampa XXXIII, 4**) e **252**. O objecto **250** caracteriza-se pela sua forma em “U”, de secção subcilíndrica, sendo oca no interior. Mede de comprimento 5 cm, e 2 cm de largura. O seu contexto arqueológico está associado à última acção de depósito do grande aterro da ala sul do Criptopórtico, relacionado com os finais do século XVI.

Já a peça **251** apresenta uma forma sub-rectangular, com uma secção subcilíndrica, sendo uma peça oca. Numa das suas extremidades é possível observar-se uma depressão, bem como uma falha no metal. Entendemos que seria possível que

existisse um elemento externo que de certa forma estivesse agregado à peça em questão. O seu comprimento é de 5,1 cm, enquanto que a sua largura ronda os 2,4 cm. Esta peça partilha o mesmo contexto arqueológico da peça anterior, ou seja, o ultimo momento de deposição das terras do grande aterro da ala sul do Criptopórtico.

Encontrámos um paralelo muito semelhante. Referimo-nos à bainha 64 do catálogo da obra *Pera Guerreira*, sendo esta proveniente do castelo de Alenquer – relacionada com os séculos XIV ou XV (Barroca *et alii*, 2000: 345). As dimensões são muito idênticas, bem como a sua forma. Numa das extremidades é possível observar-se uma pequena argola metálica, que parece ter sido unida à ponta de bainha – talvez seja este o elemento que não se encontra na peça **251**.

Quanto ao indivíduo **252**, possui uma forma subcilíndrica, com uma secção da mesma forma. A peça encontra-se fragmentada, sendo possível observar concreções verdes no seu interior – talvez o objecto introduzido nesta bainha fosse feito a partir de uma liga de bronze. O seu comprimento é de 5 cm.

Está igualmente relacionado com o grande entulho da ala sul do Criptopórtico, embora se encontrasse na U.E que descreve o terceiro momento de deposição de terras, acção que ocorreu entre 1495 e 1521 (Silva, 2012: 881). Não foram encontrados quaisquer paralelos para este exemplar.

Facas e Cabo de Facas

As facas são instrumentos indispensáveis no quotidiano humano, quer em situações ligadas aos vários ofícios, quer no dia-a-dia doméstico. De facto, estes instrumentos cortantes são transversais à existência humana, embora os seus métodos de elaboração, bem como a matéria-prima usada para o seu fabrico tenha sofrido grandes alterações ao longo do próprio caminho do Homem.

As facas distinguem-se dos punhais ou adagas pelo facto da sua lâmina ser completamente recta de um lado, e do outro se observar uma convexidade – sendo este o gume.

No presente estudo encontram-se representadas 5 facas (n.ºs **253**, **254**, **255**, **256** e **257**), e um cabo de faca (n.º **258**). Todos estes exemplares são feitos a partir do ferro.

A peça **239** (**Estampa XXXXIV, 1**) caracteriza-se pela sua forma sub-rectangular (tendo a secção sub-rectangular), onde apenas um dos lados da lâmina

aparenta ter uma ligeira convexidade. A sua base não se encontra presente. Apresenta um comprimento de 5,5 cm.

Desconhece-se qual seria o seu contexto arqueológico já que esta foi exumada aquando das escavações entre 1929 e 1970.

Para a faca **240 (Estampa XXXIV, 2)** observa-se uma forma sub-rectangular, sendo a secção da mesma forma. Um dos lados da lâmina é recto e o outro é ligeiramente convexo. A sua base é cilíndrica, onde aparenta ter sido unido posteriormente o seu cabo de metal. Este é de forma sub-rectangular de secção subcilíndrica. Aqui deveria encaixar então um cabo de madeira – material esse que já não chegou até nós. O seu comprimento é de 11,7 cm.

Esta foi exumada de um nível que descreve a última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, que decorreu entre os anos de 1578 e 1592. (Silva, 2012: 881).

O exemplar **241 (Estampa XXXIV, 3)** apresenta uma forma sub-rectangular, bem como uma secção da mesma forma. Um dos lados da lâmina é recto e o outro é ligeiramente convexo. A sua base não se encontra presente. O seu comprimento fixa-se nos 9,7 cm.

Este partilha o mesmo contexto arqueológico da peça **240**, sendo este relacionado com os finais do século XVI.

A faca **242 (Estampa XXXV, 1)** tem uma forma sub-rectangular, de secção igualmente sub-rectangular. Um dos lados da lâmina é recto e o outro é ligeiramente convexo, sendo este de forma sub-rectangular de secção subcilíndrica. Aqui deveria encaixar então um cabo de madeira – material esse que já não chegou até nós. O seu comprimento ronda os 13,7 cm.

Esta peça foi encontrada na mesma U.E das peças **240 e 241**, traduzindo-se na última acção de depósito do entulho da ala do Criptopórtico, balizado entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Já o indivíduo **243 (Estampa XXXV, 2)** apresenta uma forma e secção sub-rectangulares, onde um dos lados da lâmina é recto e o outro é ligeiramente convexo. A sua base não se encontra presente, e o seu comprimento é de 9,7 cm.

O seu contexto de proveniência é precisamente o mesmo das peças **240, 241 e 242**.

O cabo de faca corresponde ao número **244 (Estampa XXXV, 3)**. Observa-se uma forma, bem como secção sub-rectangular, com extremo inferior arredondado. São visíveis três pequenos cravos que serviriam para unir e consolidar esta peça, visto que foi trabalhada a partir de duas folhas de metal. O seu comprimento fixa-se nos 11,2 cm.

Associa-se novamente, com o entulho da ala sul do Criptopórtico, mais precisamente com o último depósito datado dos finais do século XVI.

No que toca à procura de paralelos, não se encontrou nenhuma peça com semelhanças evidentes. Esta situação deve-se, particularmente, ao facto do estado de conservação, quer da nossa amostra, quer dos exemplares que fomos encontrando, não ser definitivamente o melhor.

Todavia esperamos que trabalhos futuros possam abordar esta temática de uma forma mais cuidada e extensa, suprimindo as lacunas deste trabalho.

3.8 Grupo dos Objectos ligados à Segurança

Chaves

As chaves e as fechaduras são um elemento importante no quotidiano do ser humano. São estas que permitem a abertura dos mecanismos de segurança (correspondendo às fechaduras) para as quais foram desenhadas. A esta maior segurança pessoal alia-se uma maior estabilidade social, sendo esta uma componente fundamental para qualquer comunidade humana, tanto no passado, como na actualidade.

Na nossa amostra encontram-se um total de 13 chaves (n^{os} **259-271**, **Estampa XXXVI, XXXVII, XXXVIII, XXXIX e XL**), e uma fechadura (n^o **272**, **Estampa XL, 2**).

No que toca às chaves, todos os espécimes são feitos a partir do ferro. Em termos morfológicos, a palheta e o corpo são bastante idênticos (variando nas suas dimensões), mas existem algumas diferenças na pega. A partir dessas distinções, podemos identificar três tipos distintos: O tipo 1 que se caracteriza por uma pega ovalóide (onde se integram os indivíduos **259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267 e 268**); tipo 2: que se destaca por uma pega de forma circular (onde se incluem as peças **269 e 270**), e finalmente o tipo 3 que se distingue pela pega losangular (n^o **271**).

Parece-nos que todo este conjunto se integra nas fechaduras de “Giro”, mecanismo que “el hombre há desarrollado hasta el siglo XX y que ya era conocido en época romana, toma su denominación del movimiento de la llave en su función de apertura-cierre” (Fernández Ibáñez, 2008: 228).

Tipo 1

Neste grupo estão inseridas as peças **259 (Estampa XXXVI, 1)**, **260 (Estampa XXXVI, 2)**, **261 (Estampa XXXVI, 3)**, **262 (Estampa XXXVII, 1)**, **263 (Estampa XXXVII, 2)**, **264 (Estampa XXXVII, 3)**, **265 (Estampa XXXVIII, 1)**, **266 (Estampa XXXVIII, 2)**, **267 (Estampa XXXVIII, 3)** e **268 (Estampa XXXIX, 1)**. A principal característica do tipo 1 é o facto da sua pega ter uma forma ovalóide, de secção sub-retangular, de onde os números **259, 260, 261, 262 e 263** ainda conservam um pequeno orifício no meio da pega. No corpo observa-se uma forma subcilíndrica (com a secção da mesma forma). A palheta é de forma sub-quadrangular, de secção sub-rectangular,

possuindo um pequeno rebordo no seu extremo inferior. Os seus comprimentos variam entre os 4,7 e os 9,2 cm.

Entendemos que as chaves **261**, **264** bem como a **268** estejam relacionadas com o mobiliário doméstico, dado o seu reduzido tamanho – aplicando-se a pequenas arcas ou outros objectos passíveis de possuir pequenas fechaduras.

Desconhecemos o contexto arqueológico da peça **259**. Os números **260**, **261**, **262**, **263**, **264**, **265**, **266**, **267** e **268** estão associados à última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, depositado entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Não encontramos nenhuma peça onde se percebesse semelhanças claras com as peças apresentadas.

Tipo 2

O tipo 2 distingue-se pela pega de forma circular, e secção sub-rectangular. Aqui inserem-se as peças **269** e **270** (**Estampa XXXIX, 2 e 3**). Além da referida forma da pega, observa-se uma forma subcilíndrica (com a secção da mesma forma) no corpo, de onde no extremo oposto à pega se encontra um orifício circular – que teria relação com o mecanismo da própria fechadura. A palheta é de forma sub-quadrangular, de secção sub-rectangular, possuindo um pequeno rebordo no seu extremo inferior. O seu comprimento oscila entre os 6,3 e 9,2 cm.

Não conhecemos os contextos arqueológicos das referidas peças, já que a primeira foi exumada aquando das escavações entre 1929 e 1970, enquanto a segunda está relacionada com os trabalhos de 2000, escavação que apenas possuímos o relatório de progresso.

Em termos de estudo de paralelos, encontrou-se uma chave muito idêntica ao exemplar **270**, sendo este paralelo associado a uma chave que "pelo seu sistema de "dentes" não deve ter pertencido a uma fechadura de porta, mas antes a uma fechadura de um móvel ". (Barroca *et alii.*, 1985/1986: 74, Est. VIII, 16). Esta peça foi encontrada no castelo de Aguiar da Pena, que deverá ter sido abandonado “entre os finais do Século XV e 1527” (Barroca, 1985-1986: 60).

Contudo, a tendência de uso deste tipo de chaves durante o Século XVI, e adiante, parece ser confirmada pelo trabalho de Élvio Sousa, sobre o Quotidiano dos

Séculos XVI – XVIII nos Açores e na Madeira³¹, onde encontramos uma chave muito semelhante ao mesmo exemplar **270** (Sousa, 2011: 312).

Tipo 3

O tipo 3 resume-se às peças, cuja pega apresenta uma forma sub-losangular, de secção sub-rectangular. Integra este conjunto a peça **271 (Estampa XL, 1)**. Como foi referido, a sua pega apresenta uma forma sub-losangular, com uma secção rectangular – onde é visível uma perfuração central. O seu corpo tem uma forma sub-cilíndrica (com uma secção da mesma forma), de onde se observa uma pequena curvatura. A Palheta revela uma forma sub-quadrangular – com uma secção sub-rectangular, apresentando uma pequena fissura a meio da dita palheta, concedendo a esta uma forma de “U”. Apresenta um comprimento de 7,1 cm.

Este foi exumado da U.E que descreve a última acção de depósito do grande aterro da ala sul do Criptopórtico, que ocorreu entre os anos de 1578 e 1592.

Fechadura

Na nossa amostra encontra-se uma fechadura (**272 – Estampa XL, 2**). A sua matéria-prima é o cobre ou liga de bronze. Apresenta uma forma sub - ovalóide. O topo da peça tem a forma de chaveta e secção sub-rectangular. São observáveis cinco pequenos orifícios, bem como a ranhura para a introdução da chave. No revés da peça é possível ver o mecanismo que permitiria a abertura da fechadura, embora este se encontre muito incompleto

O seu contexto arqueológico está relacionado com a última acção de deposição do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, datado dos finais do Século XVI (Silva, 2012: 881).

Uma vez que o seu mecanismo de tranca não se encontra completo, não conseguimos perceber como funcionaria o seu sistema de segurança.

³¹ Excelente Trabalho que acaba por abarcar quase todos os aspectos da vida do Quotidiano da época Moderna.

3.9 Grupo das Dobradiças e Apliques Decorativos

Dobradiças de Arca ou Livro

As dobradiças fazem parte do sistema mecânico que permite a abertura e o fecho da estrutura ou objecto da qual fazem parte; isto é, uma dobradiça pode ser integrada num grande portão, numa pequena porta; ou até em pequenas arcas ou livros.

Dadas as reduzidas dimensões das duas dobradiças presentes na nossa amostra (n^{os} **273** e **274**), estas devem ter sido aplicadas em arcas ou livros. De destacar também a grande estilização que caracterizam estas peças - o que nos indica que a sua utilização seria não só funcional, mas também decorativa. A matéria-prima que compõe ambas as peças é o cobre ou uma liga de bronze³².

O número **273 (Estampa XLI, 1)** é caracterizado por uma forma e secção sub-rectangular. Na sua zona superior a peça apresenta uma acentuada convexidade, que corresponde à própria dobradiça. Junto a esta é observável um pequeno orifício, possivelmente para pregar esta peça à superfície de aplicação. A peça é bastante trabalhada. Apresenta vários motivos vegetalistas e geométricos bastante estilizados. Nas duas extremidades a peça apresenta a cabeça de dois animais: O que nos parece ser um Leão e um Lobo.

Não sabemos o estado de conservação desta peça quando foi sujeita a processo de restauro, embora nos pareça que o facto dos orifícios da peça estarem completamente libertos de quaisquer concreções poderá indiciar que nunca existiu um elemento de fixação à superfície de encaixe, e por conseguinte, a peça nunca foi usada com a funcionalidade para a qual foi concebida.

O seu contexto arqueológico está relacionado com a terceira (e por isso a penúltima) acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico. Uma vez que foram exumados 13 numismas cuja série termina em D. Manuel, e estando esta unidade selada, torna-se viável balizar esta unidade entre 1495 e 1521 (Silva, 2012: 881).

Já para o indivíduo **274 (Estampa XLI, 2)** observa-se uma forma e secção sub-rectangular. A peça é bastante trabalhada, já que todo o perfil da peça é ondulado.

³² Importa aqui referir que as peças sofreram um processo de tratamento e limpeza e restauro no Museu Monográfico de Conímbriga e, graças ao excelente trabalho realizado, é nos possível ter uma visão muito clara destas peças.

Observam-se três orifícios que estão localizados, sensivelmente, em cada extremo da peça, e um ao centro. A dobradiça encontra-se intacta, embora o material se encontre algo retorcido nesta parte da peça – o que nos parece ter sido derivado de uma acção pós-deposicional. Numa das extremidades da peça é possível ver uma pequena decoração que se traduz num conjunto de três meias luas, que rodeiam um dos pequenos orifícios. Talvez estas formas correspondam à letra “C”, de Coimbra. Todavia, apenas trabalhos futuros poderão responder a esta problemática.

De qualquer forma levantamos a questão sobre a utilização desta peça enquanto dobradiça, já que não se observa nenhum tipo de vestígios de um pequeno elemento dentro dos seus orifícios – o que pode revelar que nunca foi usada.

Associa-se à última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptoportico, acção que deve ter ocorrido entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Apliques Decorativos

Os apliques decorativos podem ser empregues em vários tipos objectos e superfícies. Por vezes podem servir não só como elementos decorativos, mas também no reforço da própria peça a aplicar.

Na nossa amostra encontram-se 9 apliques decorativos, correspondendo aos números **275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282 e 283**.

O número **275 (Estampa XLII, 1)** caracteriza-se por uma forma sub-retangular, com uma secção de mesma forma. Observa-se um pequeno rebordo oval no centro da peça. Ainda conserva os espigões que encaixariam na superfície a aplicar. Pelas dimensões dos espigões, a superfície a que este objecto iria ser afixado deveria ser couro, ou outra superfície com baixo grau de dureza. O seu comprimento é de 3,3 cm.

O seu contexto arqueológico não é conhecido, uma vez que este é proveniente das campanhas entre 1929 e 1970.

A peça **276 (Estampa XLII, 2)** já se encontra publicada no trabalho *Fórum de Aemnium* (Carvalho, 1998: 168, Est. XLII, 11). Esta tem uma forma de meia-lua, e no meio observa-se um elemento de fixação que está verticalmente fixo na própria peça. Esta relaciona-se com uma camada de abandono, que estava selada por uma outra U.E de onde foi exumada uma moeda do século IV (Carvalho, 1998: 140).

Infelizmente, não conseguimos encontrar peças idênticas para que pudéssemos fazer um estudo comparativo. Temos esperança que trabalhos futuros possam colmatar esta lacuna.

Já as peças **277, 278, 279, 280, 281, 282 e 283** partilham o mesmo contexto arqueológico. Está relacionado com a última acção de depósito no grande entulho da ala sul do Criptopórtico, balizado entre os anos de 1578 e 1592. No entanto, estas peças apresentam uma grande variedade morfológica.

A peça **277 (Estampa XLII, 3)** apresenta uma forma sub-elipsoidal (de secção sub-rectangular) onde se observa a existência de um pequeno prego que é igualmente visível no revés da peça. Na sua zona superior arranca um elemento em forma de “U” – com secção subcilíndrica, a peça apresenta alguns elementos vegetalistas bastante estilizados, bem como algumas incisões. Talvez este seja um elemento pertencente a um fecho de um livro. O seu comprimento é de 3,6 cm.

O exemplar **278 (Estampa XLII, 4)** distingue-se pela sua forma sub-rectangular – com a mesma secção. É possível observar dois pequenos pregos, que são igualmente visíveis no revés. No topo da peça arranca um pequeno elemento cilíndrico, com a mesma secção. Talvez este seja um elemento pertencente a um fecho de um livro. A peça apresenta também alguns elementos vegetalistas bastante estilizados. Esta tem um comprimento de 3,2 cm.

No aplique **279 (Estampa XLII, 5)** observa-se uma forma sub-elipsoidal (de secção sub-rectangular) – semelhante a uma folha; percebe-se a existência de um pequeno prego que é igualmente visível no revés da peça. O seu comprimento é de 3,6 cm.

O indivíduo **280 (Estampa XLII, 6)** possui uma forma sub-rectangular, de secção da mesma forma. No topo da peça é visível um rectângulo, onde se observa um pequeno prego (visível também no revés da peça). Na zona inferior, é visível uma forma sub - triangular, onde se encontram quatro pequenos orifícios. Talvez este seja um elemento pertencente a uma bainha de espada, ou a um correame ligado à cavalaria. A peça mede 4,6 cm.

As peças **281, 282 e 283 (Estampa XLIII, 1, 2 e 3)** são extremamente semelhantes entre si. Caracterizam-se pela sua forma sub-elipsoidal, de secção subcilíndrica. Na sua parte inferior é observável um pequeno prego, que é visível no reverso das peças. No extremo superior ambos os lados apresentam uma concavidade

acentuada, terminando numa forma recta. Daqui arranca um pequeno elemento de forma subcilíndrica, com duas caneluras. No seu extremo superior encontra-se uma pequena argola. No reverso destes artefactos está presente um pequeno rebite de forma subcilíndrica, sendo este fragmentado. Parece-nos que estas peças deveriam servir para a fixação nalguma superfície, e na argola poderia encaixar um eixo, que fizesse com que estas estivessem ligadas a algum tipo de mecanismo de abertura. Colocando a peça na horizontal, parece representar um pequeno peixe. Os seus comprimentos variam entre os 4,1 e 4,5 cm.

3.10 Grupo dos Objectos de Fixação e Reforço

Pregos

O prego é um tipo de material bastante abundante nas escavações arqueológicas. A sua funcionalidade relaciona-se com a fixação e consolidação de estruturas de madeira, sejam estas móveis ou não.

Os pregos são o segundo conjunto mais expressivo desta amostra, totalizando 42 indivíduos (nºs **284-325**). Em termos do tipo de material presente nestas peças, surge sem grande surpresa, uma grande percentagem de pregos de ferro (90,5 %); já o cobre ou liga de bronze é utilizado em 9,5 % do mesmo tipo de peças. (Anexo 24)

Optou-se por fazer cinco distinções tipológicas neste conjunto: o tipo 1, que corresponde aos cravos das ferraduras – onde se inscrevem os números **284 (Estampa XLIV, nº 1), 285 (Estampa XLIV, nº 2) e 286;**

O tipo 2, que se traduz nos pregos com corpo cilíndrico e cabeça em forma de cogumelo – circunscrevendo-se aos números **287 (Estampa XLIV, nº 3) e 288;**

O tipo 3, que se caracteriza pelos exemplares que apresentam um corpo cilíndrico e cabeça achatada – englobando as peças **289 (Estampa XLIV, nº 4), 290 (Estampa XLIV, nº 5) e 291 (Estampa XLV, nº 1);**

O tipo 4 que se distingue pelos indivíduos que têm um corpo de forma e secção sub-rectangulares, onde se inserem os pregos **292 (Estampa XLV, nº 2), 293 (Estampa XLV, nº 3), 294 (Estampa XLV, nº 4), 295 (Estampa XLVI, nº 1), 296 (Estampa XLVI, nº 2), 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, e 322;**

E finalmente, o tipo 5 que corresponde aos espécimes com a cabeça de forma de cogumelo, com o corpo quadrangular – representados pelos números **323 (Estampa XLVI, nº 3), 324 (Estampa XLVI, nº 4) e 325 (Estampa XLVII, nº 1).**

Tipo 1

No tipo 1 estão presentes o que nos parecem ser cravos das ferraduras - **284 (Estampa XLIV, nº 1), 285 (Estampa XLIV, nº 2) e 286.** Estes apresentam uma fractura na zona da cabeça (não se encontra, por isso, presente). O corpo apresenta uma

forma e secção subcilíndrica. A parte inferior da peça é afilada. O seu comprimento varia entre os 1,5 e 2,3 cm.

O seu contexto arqueológico está associado a um nível de grande revolvimento, não sendo possível obter a sua cronologia relativa.

Apesar de não termos encontrado qualquer peça semelhante a esta, entendemos que estes exemplares teriam uma função de cravos precisamente pela falta da cabeça. O processo da aplicação da ferradura no animal pressupõe que, após a introdução deste cravo no casco do animal (de forma a pressionar a ferradura contra o mesmo), se dobre este prego, retirando o excesso que não foi introduzido, quebrando-o.

Tipo 2

Este tipo de pregos caracteriza-se pela sua cabeça em forma de cogumelo, bem como pelo seu corpo cilíndrico - **287 (Estampa XLIV, nº 3)** e **288**. A sua matéria-prima é o ferro.

Estas peças têm uma cabeça circular com uma ligeira convexidade (de secção subcilíndrica), semelhante a um cogumelo. No corpo observa-se uma forma subcilíndrica, com secção da mesma forma. A parte inferior apresenta uma ligeira curvatura, sendo afilada. Os seus comprimentos variam entre os 3,3 e 5,1 cm.

O prego **287** relaciona-se com um grande aterro de época romana, enquanto que o **288** foi exumada no grande aterro da ala sul do Criptopórtico, mais precisamente na última acção de depósito, balizada entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Não encontrámos nenhuma peça semelhante às nossas, não pela sua raridade, mas antes pelo seu mau estado de conservação. Todavia, não é possível associar este tipo a nenhum espaço temporal definido já que aparecem ambos em contextos cronológicos totalmente distintos, embora os contextos arqueológicos sejam muito semelhantes – um aterro.

De facto, sendo estes instrumentos essencial no reforço e consolidação de estruturas de madeira, não será estranho que os contextos de proveniência estejam relacionados com aterros e entulhos, uma vez que estes também são resultantes das várias construções e remodelações deste sítio arqueológico.

Tipo 3

O tipo 2 define-se pelas peças com um corpo cilíndrico e cabeça achatada - **289** (Estampa XLIV, nº 4), **290** (Estampa XLIV, nº 5) e **291** (Estampa XLV, nº 1). Os exemplares **289** e **290** são de ferro, enquanto o **291** é de cobre ou liga de bronze.

Estas peças traduzem-se em pregos com uma cabeça circular achatada, de secção sub-rectangular. O corpo apresenta uma forma subcilíndrica, com secção subcilíndrica. Os seus comprimentos variam entre os 6,4 e 8,9 cm.

Destaque para a peça **291**, pelo facto de ter o menor comprimento, de possuir uma cabeça facetada, da sua matéria-prima ser distinta da dos outros exemplares e de o seu excelente estado de conservação.

A peça **289** está associada com um aterro romano, enquanto que o da **291** se associa a um nível de destruição do Criptopórtico. Infelizmente, não se conhece o contexto da peça **290**.

No que diz respeito à busca de peças semelhantes, os resultados foram de novo infrutíferos. Não devemos deixar de constatar o facto destes pregos se encontrarem apenas em cronologias romanas ou tardo-antigas. No entanto, tratam-se apenas de dois exemplares mal conservados, e por isso não seria de todo sensato fazer qualquer tipo de especulação.

No que concerne à peça **290** a questão é diferente e deveras interessante. O seu estado de conservação é muito bom (de notar que não sofreu qualquer trabalho de restauro), e apesar de ser integrada neste tipo 2, as suas características são distintas de qualquer outro prego. Talvez fosse interessante que trabalhos futuros abordassem este tipo de prego de uma forma mais profunda.

Tipo 4

O tipo 4 inscreve os pregos que apresentam um corpo de forma e secção sub-rectangulares - **292** (Estampa XLV, nº 2), **293** (Estampa XLV, nº 3), **294** (Estampa XLV, nº 1), **295** (Estampa XLVI, 1), **296** (Estampa XLVI, nº 2), até ao número **322**. Todos os indivíduos deste grupo são feitos a partir do ferro.

Este grupo é o melhor representado da nossa amostra, onde se encontram peças num bom estado de conservação, e outras que não. Aliás, não deixámos de notar que, aquando da selecção de pregos para estudo, a grande maioria dos pregos excluídos

(quase sempre devido ao seu mau estado de preservação), possuíam este corpo sub-rectangular.

Assim, os pregos do tipo 4 apresentam um corpo de forma e secção sub-rectangulares. As suas cabeças variam entre o achatado de secção sub-rectangular, como as peças **292, 293, 294 e 295**; e os pregos cujas cabeças são circulares com uma ligeira convexidade (de secção subcilíndrica), semelhante a um cogumelo – exemplo da peça **297**.

Não conhecemos o contexto arqueológico da peça **293**. O prego **292** foi exumado de um nível de aterro de época romana, enquanto que o **298** foi encontrado num nível de abandono também romano.

Os indivíduos **295 e 296** foram resultado da escavação de uma sepultura moderna, enquanto o **297** se encontrava depositado num entulho de época moderna.

Os restantes espécimes (**294, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, e 322**) partilham todo o mesmo contexto, que se traduz na última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, acção balizada entre os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Tipo 5

O tipo 5 corresponde aos exemplares que apresentam uma cabeça de forma de cogumelo, com uma forma sub-quadrangular, com secção da mesma forma- **323 (Estampa XLVI, nº 3), 324 (Estampa LXVI, nº 4) e 325 (Estampa XLVII, nº 1)**. Todas as peças deste quinto tipo têm como matéria-prima o cobre ou a liga de bronze.

As peças **323 e 324** possuem cabeças em formas de cogumelo, enquanto que a peça **325** apresenta uma cabeça sub-piramidal.

Desconhecemos o contexto arqueológico das peças **323 e 324**, enquanto a peça **325** estava depositada num aterro contemporâneo da construção do Criptopórtico, na primeira centúria da nossa era.

Este subconjunto distingue-se não só pela sua morfologia, mas também por nesta estarem integrados 3 dos quatro pregos cuja matéria-prima é o cobre ou liga de bronze, apresentando-se num óptimo estado de conservação.

Em Conímbriga, esta tipologia parece estar igualmente presente, onde encontramos paralelos para as nossas peças nos números 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104 e 105. (Alarcão *et alii.*, 1979: 39 – Pl. VII, nºs 98 -105). Estes são igualmente em

bronze, sendo que estes exemplares acabam por estar presentes tanto em contextos do Século I, como do Século IV, até à ocupação e “destruction de l’habitat barbare” (Alarcão *et alii.*, 1979: 39).

Na necrópole romana de Ampurias é possível encontrar vários exemplares desta tipologia. Refirmo-nos, a título de exemplo, ao depósito de inceneração N° 14 de Rubert (onde se encontram 28 pregos deste tipo, sendo de ferro) (Almagro Gorbea, 1955: figura 79 – 1-28), ou ao prego registado no depósito de inceneração N° 38 de Ballesta (Almagro Gorbea, 1955: figura 36 – 1), entre muitos outros.

Não conseguimos identificar a presença deste tipo de pregos, com estas características, em mais nenhum trabalho. Esta situação não se deve prender, seguramente, com a inexistência deste tipo de objectos, mas principalmente pelos prazos apertados a que estamos sujeitos, não nos sendo possível fazer uma pesquisa mais exaustiva relativamente a este assunto.

De qualquer forma, a problemática relativa à cronologia deste tipo de pregos parece-nos ser importante, uma vez que poderá ser mais um elemento para que possamos relacionar um sítio a um espaço temporal definido. Contudo, só novos contributos poderão ajudar a clarificar esta questão.

Tachas

A tacha é um pequeno aplique que pode ser aplicado para reforço e decoração de uma estrutura móvel (caso de poltronas, ou cadeirões, ou arcas), bem como para arreios de cavalos ou peças de vestuário em couro. Contudo, esta deverá ter servido, simultaneamente, como um elemento decorativo relativo à estrutura onde foi aplicado.

A nossa amostra é composta por oito tachas (**326 – 333, Estampa XLVIII e XLIX**), sendo que todos os exemplares têm como matéria-prima o cobre ou a liga de bronze. Dentro deste dividimos as tachas em três tipos distintos: o tipo 1 caracteriza-se pelas tachas que possuem uma cabeça circular plana – englobando os indivíduos **326, 327 e 328 (Estampa XLVIII, 1, 2 e 3)**;

O tipo 2 corresponde aos objectos em que se observa uma cabeça circular sub-esférica – onde se inserem os números **329, 330 e 331 (Estampa XLVIII, 4, 5 e 6)**.

No tipo 3 inserem-se as peças que apresentam uma cabeça circular sub-piramidal, onde se encontram os exemplares **332, 333 (Estampa XLIX, 1 e 2)**.

Tipo 1

O tipo 1 engloba as tachas com cabeça circular plana – **326, 327 e 328** (**Estampa XLVIII, 1, 2 e 3**). Estas apresentam uma cabeça circular plana, com secção sub-rectangular - os seus diâmetros variam entre os 1,7 e 2,9 cm.

Apenas as peças **327 e 328** conservam o espigão (sendo de forma sub-rectangular e subcilíndrica, respectivamente).

A peça **326** já se encontra publicada (Carvalho, 1998: 168, Est. XLII, 11). Esta apresenta uma decoração floriforme – aliás, tenta mesmo recriar a forma de uma flor. Apresenta três elementos circulares que se destacam em altura, e o rebordo apresenta uma forma ondulada que se assemelha às pétalas de uma flor. O seu contexto de proveniência relaciona-se com uma nível tardo romano, sendo esta U.E selada por um derrube.

Desconhecemos o contexto arqueológico da peça **327**. Já a peça **328** relaciona-se com o entulho da ala sul do criptopórtico, mais precisamente com a última acção de depósito relacionada com os anos entre 1578 e 1592.

O exemplar **326** poderá corresponder a um tachão de arreio de cavalo. De facto, encontrou-se uma peça muito semelhante, floriforme, que serviria como aplique decorativo nos arreios da cabeça do cavalo. (Aurrecoechea Fernández, 1996: 123, Figura 2, nº 8). O autor relaciona esta peça com o Século IV, e pelas suas dimensões propõe que esta tenha sido usada “at the junction of the noseband, noseband spliphead, and cheekpiece or the browband” (Aurrecoechea Fernández, 1996: 108). (Anexo 25).

O exemplar **327** poderá, eventualmente, corresponder a um elemento de equipamento militar romano, traduzindo-se numa tacha que seria inserida numa tira de couro, de forma a criar um avental que protegia a zona pélvica frontal do soldado. (Bishop, 1992: 83, Figura nºs 2 e 3).

Tipo 2

No tipo 2 englobam-se as peças **329, 330 e 331** (**Estampa XLVIII, 4, 5 e 6**). Estas caracterizam-se pela sua cabeça de forma circular sub-esférica, de secção sub-rectangular – os seus diâmetros fixam-se entre os 2,1 e 2,5 cm.

Destaque para a cabeça da peça **329**, já que esta parece representar uma forma de flor, pois que o centro é composto por uma meia esfera e no rebordo observa-se uma forma ondulada, representando as pétalas.

As peças **329 e 331** conservam o espigão, sendo este de forma tubular de secção subcilíndrica, sendo afilado.

Curiosamente, é possível observar que a cabeça do indivíduo **331** possui uma pequena marca circular na zona onde o espigão parece encaixar. Assim, deduzimos que esta peça não foi feita a molde, ou que pelo menos houve uma reparação, já que parece que espigão foi inserido na cabeça da tacha.

Não conhecemos o contexto de proveniência da peça **329**. Quanto ao exemplar **330**, este está associado a um nível de grande revolvimento de terras, onde nem se quer foi possível perceber a sua cronologia.

Já a peça **331** é proveniente da última acção de depósito, do já referido entulho da ala sul do criptopórtico, associado aos finais do século XVI.

Tipo 3

Englobam-se no tipo 3 as peças - **332, 333 (Estampa XLIX, 1 e 2)**. Estas apresentam uma cabeça de forma circular sub-piramidal, com secção sub-rectangular. A cabeça da peça **333** é facetada, observando-se ainda um pequeno rebordo que a contorna. Os seus diâmetros variam entre 1,8 e 2 cm.

Não se conhece o contexto arqueológico desta última peça, enquanto que a **322** partilha a mesma proveniência das peças **328 e 331**, traduzindo-se na última acção de deposição do entulho da ala sul, datado dos finais do século XVI (Silva, 2012: 881).

Argolas

As argolas estariam presentes quase de uma forma constante, na vida do quotidiano das comunidades que partilharam este espaço. Não podemos determinar uma única função para as argolas, uma vez que poderiam ser aplicados em situação completamente distintas; para o reforço e utilização dos arreios dos cavalos, para a ligação de duas estruturas móveis, poderemos até dizer que algumas serviriam de

indumentária pessoal ou, no caso das argolas mais pequenas, poderiam servir como pequenos anéis.

Na nossa amostra encontramos 14 exemplares deste tipo de objecto. (n^{os} **334 - 347, Estampas L, LI, LII e LIII**). Podemos subdividir este conjunto em dois: o conjunto das argolas de ferro – onde se circunscrevem os números **334 e 335 (Estampa L, 1 e 2)**; e o conjunto de argolas cuja matéria-prima é o cobre ou a liga de bronze – correspondendo às peças **336 (Estampa LI, 1), 337 (Estampa LI, 2), 338 (Estampa LII, 1), 339 (Estampa LII, 2), 340 (Estampa LII, 3), 341 (Estampa LII, 4), 342 (Estampa LII, 5), 343 (Estampa LIII, 1), 344 (Estampa LIII, 2), 345 (Estampa LIII, 3), 346 (Estampa LIII, 4) e 347 (Estampa LIII, 5)**.

As Argolas de ferro

As argolas de ferro (**334 e 335**) apresentam duas formas distintas. A primeira apresenta uma secção sub-rectangular, encontra-se fraturada, e parece haver um arranque, sendo que apenas se encontra presente o seu início, apresentando um diâmetro de 1,6 cm. O seu contexto arqueológico relaciona-se com um nível de ocupação que antecede a construção do fórum. Contudo, o facto de esta se encontrar incompleta não nos possibilita a sua leitura funcional.

A peça **335** apresenta uma secção subcilíndrica, onde o seu diâmetro se situa nos 2,7 cm. No entanto o seu contexto arqueológico não é conhecido. Pela grande quantidade de concreções que esta peça apresenta, especialmente uma grande mancha branca, parece indiciar que a sua deposição se deu num ambiente muito revolvido, onde associamos esta mancha a um pedaço de estuque que por acções pós-deposicionais ali ficou concrecionado – evidenciado talvez o seu uso numa estrutura.

Argolas de cobre ou liga de bronze

Este conjunto de argolas é composto por 12 indivíduos, onde se inserem os números **336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346 e 347**. Todas estas peças apresentam uma secção subcilíndrica, à excepção do número **344 (Estampa LIII, 2)**, onde se observa uma forma sub-rectangular, bem como uma falha onde esta deveria ser unida.

No que toca aos seus diâmetros, o indivíduo **336** destaca-se pelas suas maiores dimensões, medindo 6,4 cm. De facto esta peça deverá ter sido usada num contexto onde fosse necessário um elemento que aguentasse bastante pressão, já que esta peça é bastante pesada e sólida.

Não se conhecem os contextos arqueológicos das peças **337, 338, 339 e 340**. A argola **336** foi exumada aquando da escavação de uma *Cloaca* romana, embora dada a sua grande deposição de terra e materiais ao longo dos séculos, o seu contexto arqueológico não seja fiável.

Já as peças **341, 342, 343, 344, 345, 346 e 347** partilham o mesmo contexto arqueológico, que se traduz na última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, relacionado com os anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

Embora mais de metade das argolas de cobre ou liga de bronze possua um contexto seguro, não nos é possível perceber melhor a sua funcionalidade. De facto, como foi anteriormente referido, estas poderiam ter usos extremamente diversificados. Talvez possamos admitir que os exemplares **345, 346 e 347** possam ter sido usados como pequenos anéis, ainda que sejam peças relativamente “toscas” e sem qualquer tipo de ornamento.

3.11 Grupo das Ferraduras

As ferraduras são aplicadas de forma a proteger os cascos dos animais de transporte ou de trabalho – caso do gado equídeo e bovídeo. Estas podem apresentar diferentes curvaturas, bem como formas distintas, características estas que deverão estar ligadas “à natureza do animal e dos serviços que este prestava ao Homem” (Ponte, 1987: 159).

Na nossa amostra encontram-se seis ferraduras (n.ºs **348, 349, 350, 351, 352 e 353**), todas feitas a partir do ferro. Partilham igualmente o mau estado de conservação.

Dividimos estas peças em dois tipos distintos: o tipo 1, que se caracteriza por uma ferradura cuja curvatura apresenta uma menor amplitude (n.º **348, Estampa LIV, 1**); e o tipo 2, onde se insere a ferradura que apresenta uma curvatura mais larga (n.º **348, Estampa LV, 1**).

Devido ao mau estado de conservação, aliado ao facto de se resumirem a um pequeno fragmento do seriam originalmente, as peças (**350 Estampa LVI, 1; 351 Estampa LVI, 2; 352, Estampa LVI, 3; e 353, Estampa LVII, 1**) não foram integradas em nenhum tipo, e por isso serão apresentadas individualmente.

Tipo 1

O tipo 1 corresponde à ferradura que apresenta uma curvatura mais fechada (n.º **348**). Esta caracteriza-se pela sua forma em “U”, com secção sub-rectangular. As larguras de ambos lados da ferradura têm alguma discrepância - que talvez seja resultado da grande deterioração do metal.

Dada a profunda oxidação do metal, não são visíveis as craveiras. Observa-se uma grande presença de pedra de pequeno calibre (variando entre os 0,3 e 0,6 cm), bem como concreções por agregação de outros materiais, onde se incluem pequenas manchas e bolsas de cor amarelada e branca - talvez possam corresponder a restos de estuque ou argamassas de uma estrutura. Apresenta uma altura de 10,8 cm, e um diâmetro de 10,4 cm.

O seu contexto de proveniência relaciona-se com a última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, sendo a sua cronologia relativa os últimos anos do século XVI -1578 a 1592, (Silva, 2012: 881).

As diferentes curvaturas nas ferraduras têm como explicação o tipo de animal a que estas deveriam ser aplicadas. Isto é, as ferraduras mais largas deveriam ser usadas em equídeos, sendo que as com menor curvatura “se adequava mais ao estilo do pé do gado muar e do bovino” (Ponte, 1987: 159).

No Castelo do Sabugal Velho foram igualmente exumadas duas ferraduras idênticas ao exemplar **348** do nosso estudo, sendo estas de uma cronologia entre os séculos XI e XIII. (Osório, 2002: 793 – Estampa 8)

Nos materiais metálicos n^{os} 140 e 141, provenientes da Vila de São Cucufate é possível entrar em contacto com peças semelhantes ao mesmo exemplar da nossa amostra. A sua cronologia relativa deve estar associada aos meados do século XVI. (Ponte, 1987: Est. XV – 140, 141)

Tipo 2

Neste segundo tipo integra-se a peça **349**, que apresenta uma curvatura mais dilatada. Observa-se uma forma em “U”, com secção sub-rectangular. Uma das faces da ferradura parece ser convexa, sendo que a outra é ligeiramente côncava, onde também se observa uma "moldura" em que o metal está a um nível superior.

É possível notar uma pequena depressão, que talvez possa ser intencional, servindo para um melhor encaixe nos cascos do animal. Num dos lados ainda se observa o orifício para a introdução do cravo.

Observa-se ainda uma profunda oxidação do metal, bem como uma grande presença de pedra de pequeno calibre (variando entre os 0,3 e 0,6 cm), bem como se observam concreções por agregação de outros materiais, onde se incluem pequenas manchas e bolsas de cor amarelada e branca - talvez possam corresponder a restos de estuque ou argamassas de uma estrutura. A peça apresenta uma altura de 10,4 cm, bem como um diâmetro de 11,7 cm.

Esta peça partilha o mesmo contexto de proveniência do exemplar **349**.

Dada a sua maior curvatura, talvez esta peça tenha servido como ferradura destinada a um equídeo (Ponte, 1987: 159).

Durante os trabalhos de escavação da primeira campanha no Castelo de Penamacor, que acabaram por confirmar “ocupações medievais e moderna (séculos XIII – XVII)” (Silvério *et alii.*, 2004: 473) foi exumada uma ferradura que tem algumas

semelhanças com o nosso exemplar, pese embora o seu melhor estado de conservação. (Silvério *et alii.*, 2004: figura 29).

Também na Vila de São Cucufate foi exumada uma ferradura que em tudo se assemelha com a nossa, cuja cronologia relativa se centra no século XVI. (Ponte, 1987: Est. XV – 142).

Os restantes exemplares de ferraduras

Neste grupo encaixam as peças que não foi possível associar nem ao tipo 1, nem ao tipo 2 – onde se integram os números **350, 351, 352 e 353**. A principal razão dessa não integração é o mau estado de conservação destes exemplares.

Antes de passar à apresentação descritiva dos indivíduos, importa destacar que todos eles têm o mesmo contexto de proveniência: estes foram exumados na U.E que testemunha a última acção de depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, relacionado com anos de 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881). Não foi encontrado nenhum paralelo para nenhuma das peças deste grupo.

A ferradura **350** apresenta uma forma sub-elipsoidal com uma secção sub-rectangular. O fragmento parece corresponder ao extremo inferior de um dos lados da ferradura. Ainda se observa o orifício para a introdução do cravo.

Observa-se ainda uma profunda oxidação do metal, bem como uma grande presença de pedra de pequeno calibre (variando entre os 0,3 e 0,6 cm), bem como se observam concreções por agregação de outros materiais, onde se incluem pequenas manchas e bolsas de cor amarelada e branca - talvez possam corresponder a restos de estuque ou argamassas de uma estrutura. Tem um comprimento de 6,9 cm.

A peça **351** tem uma forma sub-triangular, com uma secção sub-rectangular. O fragmento parece corresponder à zona angular da ferradura. Apresenta as mesmas concreções que as peças anteriores, bem como a mesma proposta de interpretação dessas presença. A sua altura é de 5 cm, e tem uma largura de 6,8 cm.

O indivíduo **352** apresenta uma forma sub-rectangular com uma secção sub-rectangular. O fragmento parece corresponder ao extremo inferior de um dos lados da ferradura, onde ainda se observa o orifício para a introdução do cravo. Apresenta igualmente uma grande quantidade de concreções. Tem um comprimento de 11 cm.

Já o número **353** caracteriza-se pela sua forma sub-triangular com uma secção sub-rectangular. O fragmento parece corresponder ao extremo inferior de um dos lados

da ferradura, onde é visível um pequeno rebordo da face que nos entendemos que seja a interna. O seu estado de conservação é, novamente, bastante mau, onde são visíveis grandes concreções de pedra, e outro tipo de material. O seu comprimento é de 12, 2 cm.

Com base na análise da nossa amostra, parece-nos que não é possível perceber nenhuma diferença morfológica relacionada com os vários espaços temporais. As ferraduras acabam por ser sujeitas a um incrível desgaste, não só pela sua aplicação prática, mas também pela qualidade do material que seria usado – já que, para objectos desta natureza, não deveria ser fundido o ferro de melhor qualidade .

3.12 Grupo dos Objectos com baixa representatividade

O presente conjunto traduz-se nas peças que, por não apresentarem uma representatividade significativa, não foi criado um grupo próprio para a sua análise. Assim, num universo de 383 peças, 15 enquadram-se nesta categoria (nºs 354-368).

Colchete

A peça 354 (Estampa LVIII, 1) já se encontra publicada no *Fórum de Aeminiun* – obra que se debruça sobre os trabalhos entre 1992 e 1998 no MNMC, sendo classificado como sendo um colchete de armadura militar (Carvalho, 1998: 168, Est. XLII, 11). Segundo o autor, “estas presilhas poderiam ter servido nos cinturões militares para fixar a correia que suportava o punhal sobre o *cingulum*” (Carvalho, 1998: 164).

Este é feito a partir do cobre, ou liga de bronze e apresenta uma base circular de secção sub-rectangular. Daqui parte um pequeno elemento, que se encontra cravado nesta base. Este apresenta uma forma de “L”, sendo que na sua extremidade se encontra um aro de forma circular. Tem um comprimento de 2cm, e uma largura de 0,7cm.

Este está relacionado com o início do processo de abandono do Criptopórtico. No entanto, Pedro Carvalho insere estes materiais nas duas primeiras centúrias da nossa era (Carvalho, 1998: 164).

Elemento de reforço e conexão

O exemplar 355 (Estampa LVIII, 2) corresponde, no nosso entender, a um elemento de reforço e conexão, usado nos arreios de animais. A sua matéria-prima é o cobre ou a liga de bronze.

Este caracteriza-se pela sua forma subrectangular - com a secção da mesma forma. Numa das suas extremidades existem dois orifícios que poderiam funcionar com um eixo. Na outra extremidade, a peça tem uma pequena abertura, de forma sub - rectangular e bastante estreita - percebendo-se assim que a peça é oca. Observam-se igualmente dois pequenos rebordos juntos a esta abertura que criam uma pequena concavidade. É igualmente visível um pequeno cravo que foi introduzido na peça, mas

que a extremidade se encontra partida. A peça apresenta uma ligeira curvatura. O seu comprimento é de 5,2 cm, e a sua largura é de 1,8 cm.

Em termos funcionais pensamos que este objecto, uma vez que possui orifícios para a introdução de um eixo, deveria ser encaixado à zona terminal de um correame. Na extremidade oposta deveria ser introduzido um outro correame, uma vez que aqui se encontra uma pequena boca (revelando que a peça é oca por dentro), e se nota a presença de um cravo na sua zona superior, talvez destinado a prender a peça de couro então introduzida.

Aliado a isto, a sua curvatura poderia servir para encaixar melhor, por exemplo, na zona da barriga do animal, de forma a sofrer menos pressão e ser menos desconfortável para o dito animal.

O seu contexto arqueológico é-nos desconhecido. Encontrámos, porém, uma peça semelhante em Évora (Ponte, 1986: Est. VI, 22.2 e 23). Embora não concordemos com a classificação de “Placa de Cinturão” que lhe é dada, a autora relaciona estes objectos com a “2ª metade do séc. I d.C e a 1ª metade do séc. II d.C” (Ponte, 1986: 107).

Guizo

O número **356 (Estampa LVIII, 3)** resume-se a um guizo, que conserva ainda o elemento que ao chocar com as paredes da peça, produz o som de chocalho. A sua matéria-prima é o cobre ou a liga de bronze, onde se observa uma forma ovalóide. A peça ainda conserva a cabeça com orifício para a sua aplicação. O seu diâmetro é de 1,4 cm.

Desconhece-se o seu contexto arqueológico.

Para esta peça encontrou-se um paralelo em Sainte-Madeleine, em La Môle (perto de Marselha). (Ribot, 1985: Fig. 29, 8). Este sítio foi classificado como sendo um “habitat entre les XIe et XIVe siècles” (Ribot, 1985: 134).

Já em território nacional, em Machico (Madeira) encontramos um guizo cuja cronologia coincide com o nosso – Século XVI (Sousa, 2011: 497, Figura 1363)

Peças de Jogo

As peças **357 (Estampa LVIII, 4)** e **358 (Estampa LVIII, 5)** foram identificadas como sendo peças de jogo. De facto, a última assemelha-se muito com um peão de Xadrez, tendo a particularidade de ser a única peça de madeira em toda a nossa amostra. Já a primeira peça, parece-nos ser também uma peça do mesmo jogo, e apesar de estar fracturada, assemelha-se a um rei.

Anilha

O indivíduo **359 (Estampa LIX, 1)** foi relacionado com uma anilha. Esta caracteriza-se pela sua forma sub-triangular, de secção sub-rectangular. É possível perceber a zona de união da peça, bem como algumas pequenas depressões. Talvez estas queiram indicar que a anilha em questão foi fabricada manualmente. A sua largura é de 2,1 cm.

O seu contexto de proveniência está associado a um nível de grande revolvimento de terras, onde não foi possível perceber a sua cronologia relativa.

Infelizmente, não conseguimos detectar nenhum paralelo semelhante a esta anilha.

Charneira de Lingueta

O exemplar **360 (Estampa LIX, 2)**, traduz-se numa charneira de lingueta. Esta peça serviria para reforçar arcas, ou portas.

A peça apresenta uma forma cabeça circular no extremo superior, de onde arrancam duas “pernas” que na sua parte inferior sofre uma curvatura de quase 90°. Dado o facto de ter uma grande quantidade de estuque incrustado na peça, esta poderá ter servido para a construção ou consolidação de uma estrutura. Toda a peça apresenta uma secção sub-rectangular. O seu comprimento é de 5,1 cm.

Encontrou-se uma peça semelhante, novamente em Sainte-Madeleine (ocupação entre os séculos XI e XIV) (Ribot, 1985: Fig. 24, 6).

Pinça

A peça **361 (Estampa LIX, 3)** foi classificada como sendo uma pinça. Nesta, observa-se que a cabeça tem uma forma subcircular, com secção sub-rectangular. Verificámos que tem um elemento rectangular que divide a cabeça das pernas. Estas são

de forma sub-rectangular, com secção da mesma forma. O seu comprimento é de 5,3 cm. O seu contexto de proveniência não é conhecido.

Apesar de nos termos deparado com bastantes pinças ao longo da longa lista bibliográfica que consultamos, nenhuma se enquadrava no perfil da nossa peça.

Pendente

O indivíduo **362 (Estampa LX, 1)** traduz-se num pendente. Este caracteriza-se pela sua forma sub-triangular, com secção sub-rectangular. No topo da peça, observa-se um orifício para que seja introduzido um elemento que sustente este pendente. A peça apresenta uma forma de bolota. Na sua parte superior, observam-se pequenas incisões no metal delimitadas por um rebordo em forma de leque. Abaixo deste, encontra-se uma pequena depressão, de onde arranca uma forma sub-triangular com uma ligeira concavidade. Esta forma e decoração têm como propósito a recriação da forma de uma bolota. Este pendente tem um comprimento de 4,8 cm, e uma largura de 1,7 cm.

Não se conhece o seu contexto de proveniência, nem foram encontrados paralelos para esta peça.

Ponteiro

O exemplar **363 (Estampa LX, 2)** traduz-se num ponteiro, sendo este um instrumento usado para o recorte e extracção da pedra; mas também poderá ser usado na carpintaria.

A sua cabeça é circular achatada, de secção sub-rectangular. O corpo apresenta uma forma rectangular, com a secção da mesma forma. A parte inferior encontra-se afilada. Mede 11,7 cm de comprimento, e tem 1,4 cm de largura no corpo. Já o diâmetro da cabeça fixa-se nos 3,2 cm.

O contexto de proveniência desta peça relaciona-se com uma sepultura moderna. Apesar de não se saber se este instrumento se relaciona directamente com o indivíduo ali inumado, a sua presença poderá indicar uma homenagem à pessoa, bem como à sua arte.

Encontrou-se um paralelo de um ponteiro, sendo este proveniente das ocupações islâmicas do século X e XI, de Liétor. (Navarro Palazón, 1996: 71 – figura 43; Est. XLII, 52)

Tenaz

O número **364 (Estampa LXI, 1)** resume-se a uma tenaz. Esta teria um sem número de funcionalidades, desde processos ligados à metalurgia, siderurgia, produção cerâmica, e afins. No fundo, a sua função seria a de manobrar algo que estivesse envolto num ambiente demasiado quente para ser manobrado manualmente.

Apenas uma das pás se encontra presente, visto que o arranque da outra pá se encontra fracturado. Esta apresenta uma forma rectangular. Daqui arrancam dois cabos que na sua extremidade inferior sofre uma curvatura em "U" (em apenas num dos cabos é possível observar esta curvatura. A zona do mecanismo que possibilitaria o processo de movimento da tenaz encontra-se totalmente oxidado. O seu comprimento é de 14,7 cm.

O seu contexto está relacionado com o grande entulho da ala sul do Criptopórtico, mais concretamente com a última acção de depósito, relacionada com os finais do século XVI.

Correntes

Os números **365 (Estampa LXII, 1)**, **366 (Estampa LXII, 2)**, **367 (Estampa LXII, 3)** e **368** correspondem a fragmentos de correntes. Estas poderiam ter imensas funcionalidades. Uma vez que estamos num local extremamente relacionado com o Clero (pois que o actual Museu Nacional de Machado de Castro foi outrora o Paço Episcopal de Coimbra), este tipo de materiais poderá estar associado a pequenos objectos como: pequenas cruces e outras representações iconográficas, até a fazerem parte integrante dos cilícios usados pelo Clero durante este período. O número de argolas que compõe estas quatro correntes varia entre os 8 aos 45.

Todos estes fragmentos partilham o mesmo contexto de proveniência, que se traduz novamente no último depósito do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, cuja cronologia é o final do século XVI.

Todavia, não descartamos a hipótese de estes pertencerem a uma cota de malha, já que se encontrou um paralelo muito idêntico, proveniente dos Paços do Concelho de Palmela. Este está relacionado com os finais do século XV, e inícios do século XVI. (Barroca *et alii.*, 2000: 265 – nº 13).

3.13 Grupo das Peças Indefinidas

Este conjunto é dedicado às peças cuja funcionalidade não foi possível compreender. Contudo, entendemos que não deveriam ser deixadas de fora, já que a Ciência é sempre um processo contínuo e construtivo, e o que hoje se desconhece, amanhã poderá ser alvo de uma melhor análise.

Assim sendo, neste conjunto integram-se 15 peças indefinidas. (**369 - 383, Estampa LXIII, LXIV, LXV e LXVI**). Neste conjunto, 11 destas peças são feitas a partir do cobre ou liga de bronze (**369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376 e 377**); 4 têm como matéria-prima o ferro (**378, 379, 380 e 381**); a peça **382** foi feita a partir de osso, e finalmente, desconhecemos o material que compõe o exemplar **383**.

Infelizmente, não foram encontrados quaisquer paralelos para a grande maioria destas peças.

Peças feitas a partir do cobre ou liga de bronze

Neste subconjunto incluem-se 9 peças. Apenas foi encontrado um paralelo, mais concretamente para a peça **312**.

O número **369 (Estampa LXIII, 1)** apresenta uma forma difusa, que faz lembrar um “L” deformado, observando-se uma secção sub-rectangular. Tem um comprimento de 2 cm, e largura de 1,2. O seu contexto de proveniência não é conhecido.

A peça **370 (Estampa LXIII, 2)** tem uma forma sub-rectangular, com a secção da mesma forma. Do seu extremo superior arranca um elemento circular – de secção sub-rectangular, onde é visível uma perfuração rectangular. Este possui uma pequena “orelha, de forma circular e secção subcilíndrica, onde é visível um orifício circular. Tem um comprimento de 3,8 cm.

O seu contexto arqueológico está associado ao grande entulho da ala sul do criptopórtico, mais propriamente à última acção de depósito, relacionada com os anos entre 1578 e 1592 (Silva, 2012: 881).

O exemplar **371 (Estampa LXIII, 3)** caracteriza-se pela sua forma sub-rectangular com uma secção da mesma forma. É possível observar vestígios de uma

película dourada. Tem um comprimento de 2,5 cm. Não conhecemos o seu contexto de proveniência.

O indivíduo **372 (Estampa LXIII, 4)** destaca-se pela forma sub-quadrangular. No seu extremo superior a peça tem uma ranhura de forma rectangular. No extremo inferior a peça apresenta um pequeno rebite, de forma subcircular, que se estende para a parte do revés da peça. A peça possui 2 cm de lado. Desconhece-se o seu contexto de proveniência.

No espécime **373 (Estampa LXIII, 5)** observam-se dois elementos: O primeiro apresenta uma forma ovalóide com uma abertura na sua zona inferior – de secção sub-rectangular. Nesta abertura encaixa um pequeno cilindro, de onde arranca uma chapa de forma sub-rectangular (com a secção da mesma forma), em que na sua zona inferior é visível uma acentuada curvatura em “L”.

O seu contexto arqueológico relaciona-se com o já referido, último nível de deposição do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, associado aos finais do século XVI.

A peça **374 (Estampa LXIII, 6)** é bastante simples, apresentando uma forma sub-rectangular, com uma secção da mesma forma. Mede 3,4 cm de comprimento. Esta partilha o mesmo contexto arqueológico das peças **303 e 309**.

Já no exemplar **375 (Estampa LXIV, 1)**, além da forma e secção sub-rectangulares, observa-se que no topo da peça arranca um elemento em forma de “U”, de secção subcilíndrica - virado para o reverso da peça, em que a parte final é afilada. Abaixo deste elemento encontra-se um pequeno prego (de forma sub-rectangular, com a mesma secção, apresentando uma pequena curvatura), onde a sua parte final assenta sobre um pequeno rebite. Talvez esta peça tivesse como funcionalidade segurar algum objecto, uma vez que o elemento de metal poderia exercer alguma pressão sobre o rebite. Esta tem um comprimento de 3,7 cm.

O seu contexto de proveniência corresponde, novamente, ao depósito dos finais do século XVI, sendo este o último no grande entulho da ala sul do Criptopórtico.

Esta peça é idêntica a uma outra, proveniente das escavações de Alésia, traduzindo-se num grampo utilizado no reforço dos arreios de cavalo (Rabiesen, 1990: 86, Fig. 9, 14 e 15). Neste caso, a produção deste tipo de objectos, neste sítio em concreto, deverá encaixar-se “sur une période très courte, dans les années 50-60 après J.-C. probablement.” (Rabiesen, 1990: 89).

O número **376 (Estampa LXIV, 2)** é composto por um elemento circular central (de secção sub-rectangular). Daqui partem dois elementos tubulares (de secção subcilíndrica), onde nas extremidades existiriam duas argolas. A peça apenas conserva uma das argolas, mas é possível observar a zona de ligação na outra extremidade da peça. Talvez este objecto servisse de elo de ligação entre duas correntes ou correame. Este mede 2 cm de comprimento.

Não conhecemos o seu contexto de proveniência.

Finalmente, a peça **377 (Estampa LXIV, 3)** apresenta uma forma sub-rectangular, com uma secção de mesma forma. Observa-se um orifício que poderia servir para a introdução de um pino de uma fivela. A peça apresenta vestígios de uma película dourada. A peça tem 3,2 cm de comprimento. O seu contexto de proveniência é-nos desconhecido.

Peças de Ferro

Este conjunto é constituído por 4 peças, correspondendo aos números **378, 379, 380 e 381**. Não foram encontrados quaisquer paralelos para estes exemplares.

A peça **378 (Estampa LXV, 1)** tem uma forma sub-triangular (tendo a secção sub-rectangular). Apenas um dos lados aparenta ter uma ligeira convexidade. A sua base é de forma sub-rectangular secção da mesma forma. É visível um elemento sub-quadrangular na sua base, que poderá corresponder a um possível encaixe. O seu comprimento é de 7,1 cm. Não conhecemos o seu contexto de proveniência.

O exemplar **379 (Estampa LXV, 2)** apresenta uma forma sub-rectangular - com a secção da mesma forma. Numa das suas extremidades observa-se uma curvatura acentuada. Observa-se um rebordo que acompanha toda a peça, bem como uma forma losangular. A peça tem um comprimento de 5,8 cm.

Uma vez que esta peça foi exumada aquando as escavações entre 1929 e 1970, não conhecemos o seu contexto arqueológico.

O artefacto **380 (Estampa LXV, 3)** caracteriza-se pela sua forma sub-rectangular, com a secção da mesma forma. Observa-se uma curvatura acentuada. Parece ter vestígios de estuque, o que nos poderá indicar que a sua funcionalidade estaria relacionada com a construção ou consolidação de uma estrutura. A peça apresenta uma grande quantidade de pequenas pedras agarradas à própria peça.

Observa-se também a presença de pequenas bolsas de concreções brancas, que poderá corresponder a estuque. A peça tem 14,7 cm de comprimento.

Esta peça foi exumada aquando a escavação do grande entulho da ala sul do Criptopórtico, mais precisamente no último nível de aterro, realizado entre os anos de 1578 e 1592. (Silva, 2012: 881).

Já o indivíduo **381 (Estampa LXV, 4)** apresenta uma forma m "U", com uma secção sub-rectangular. A sua largura é de 1,8 cm. Não conhecemos o seu contexto de proveniência.

Peça de Osso

Neste conjunto apenas se integra a peça **382 (Estampa LXVI, 1)**. Esta é caracterizada pela sua forma tubular com uma secção subcilíndrica. Observam-se também dois elementos ovais onde, nas suas extremidades, se encontram dois pequenos discos. Tem um comprimento de 6,4 cm.

O seu contexto de proveniência está novamente relacionado com o último nível de aterro (dos finais do século XVI), do grande entulho da ala sul do Criptopórtico.

Não encontramos qualquer paralelo para esta peça.

Peça em Matéria Indefinida

Este conjunto engloba apenas a peça **383 (Estampa LXVI, 2)**. Esta apresenta uma forma sub-triangular. No entanto, a peça na sua totalidade deveria apresentar uma forma sub-elipsoidal. Tem um comprimento de 5 cm, e uma largura de 3,9 cm. O seu contexto de proveniência não é conhecido.

4. Conclusão:

Tal como sumariamente fomos apresentando, o sítio do Museu Nacional de Machado de Castro já vem sendo estudado desde a década de trinta do século passado, se bem que de uma forma intermitente. Contudo, muito tem vindo a ser descoberto, interpretado, reinterpretado, e de certa forma só o estudo da totalidade do espólio recolhido pode responder às problemáticas levantadas pelas escavações, como certamente levantará outras questões pertinentes.

No entanto, neste caso específico, o estudo do material metálico e de osso acaba por não nos fornecer tantas informações relativamente às dinâmicas culturais das comunidades, bem como às cronologias relativas, ao contrário, por exemplo, da cerâmica, que sendo o material mais representativo das escavações é igualmente o que nos dá mais informações de carácter funcional, cultural e cronológico.

Por um lado, o objectivo do nosso estudo centrou-se num tipo de cultura material que tem pecado por escassos dedicados “objectos menores do quotidiano”, já que são muito poucos os estudos totalmente dedicados a este espólio, ou por outra, que tenham sido abordados de uma forma tão aprofundada como o foram os conjuntos cerâmicos. Regra geral, estes materiais acabam por ser enquadrados nas últimas páginas dos artigos ou teses, sendo referidos como “Outros Materiais”, apenas dando conta da sua existência, não havendo por vezes, sequer, quaisquer descrições individuais das peças. Neste sentido, o nosso desafio foi precisamente apresentar essa análise de um acervo proveniente de vários contextos cronológicos.

Por outro lado, muitos destes materiais acabam por sofrer um processo de degradação muito mais acentuado do que a cerâmica, já que, aquando da sua exumação, apresentam apenas algumas formas difusas e imperceptíveis, e em casos mais extremos (o que é frequente) se resumem a pequenas lascas ou fragmentos do objecto, sendo assim impossível, dada a corrosão activa em que se encontram entender a forma ou funcionalidade - muito menos uma baliza cronológica, a menos que estes sejam conjugados com os seus contextos de proveniência e a associação a outro tipo de espólio, como seja a cerâmica.

A verdade é que existem certos objectos, cujas diferenças nas próprias características acabam por nada ter a ver com as dinâmicas cronológico-culturais das

comunidades.

Um caso paradigmático desta realidade é um prego. Um prego tem por funcionalidade associar um elemento a uma estrutura, ou interligar elementos de forma a criar uma estrutura que seja funcional, segura e prática para o seu uso diário. Este será sempre adaptado consoante os vários casos de utilização: para a união de vigas de madeira de forma a criar uma estrutura sólida, que terá de ter a sua largura e comprimento ajustados de forma a que não ceda pela pressão exercida pelos dois elementos; para uma fixação de uma decoração metálica numa porta, que terá um outro tipo de prego, este talvez mais pequeno, e com algum tipo de forma que se insira nos motivos decorativos do elemento metálico. Um prego é, e sempre será um prego, tendo a mesma funcionalidade tanto há dois mil anos, como hoje. Assim, assumimos que possam existir certos tipos de materiais que nos forneçam muito pouca informação acerca das comunidades que os utilizaram – não só pela sua presença constante nas várias fases de ocupação do sítio, mas principalmente pela falta de características distintivas relevantes que nos possibilitem um enquadramento cultural ou cronológico muito preciso.

De facto, para o caso das agulhas, argolas, ferraduras, punhais, facas e chaves, pouco podemos acrescentar ao facto de que estes materiais se centram, quase exclusivamente, no período moderno, mais propriamente entre os séculos XV e XVI. Apesar de grande parte dos seus contextos se relacionarem com aterros e lixeiras, estas se encontravam seladas, e por isso dão-nos muita segurança no que toca a estas relações cronológicas. Todavia, dadas as circunstâncias da sua deposição, grande parte destes materiais encontram-se mal (ou muito mal) preservados, o que condicionou a sua análise e interpretação.

Em relação ao Medalhão **244**, constatamos que este é brasonado mas desconhecemos o seu contexto de proveniência. Seria importante que futuros trabalhos se debruçassem sobre esta peça. O mesmo se aplica ao sinete 245, já que pela leitura do Doutor Saúl Gomes (a quem novamente agradecemos), no selo está a mensagem: “+ S(elo) DE : IOANE: ANES “. Apesar de esta se encontrar num contexto do século XVI, esta peça deverá corresponder a um sinete do Século XIII. Contudo, não nos foi possível perceber a existência deste *Ioane Anes*, onde temos esperança que novos trabalhos possam dar a conhecer esta realidade.

Já para os apliques decorativos, os botões, as fivelas e as tachas, entendemos que, ora pelos seus contextos de deposição, ora pelos paralelos encontrados, estes objectos acabam por testemunhar a grande diacronia de ocupação deste espaço, já que estes representam realidades compreendidas entre o Século I, até ao século XIX.

Contudo, mesmo num caso tão transversal e universal como um prego, podem existir certos aspectos que se podem associar a um período específico, seja por alguma característica específica de fabrico, seja pelo tipo de material de que é feito – o que poderá representar uma fonte de conhecimento que nos pode dar uma visão mais clara sobre o nosso passado, acrescentando até novos dados para o debate arqueológico.

A própria amostra de pregos feitos a partir do cobre ou liga de bronze, de secção sub-quadrangular e cabeça em forma de cogumelo ou piramidal (tipo 5), parecem ser característicos da época romana. Das três peças deste tipo, presentes na nossa amostra, apenas se conhece o contexto de uma (mais concretamente, o prego **325**), correspondendo a um aterro contemporâneo da construção do Fórum Claudiano. Os paralelos desta peça remeteram-nos, exclusivamente, para o período romano.

As contas de colar da nossa **214, 215, 216, 221,223, 228 e 230** podem testemunhar uma ocupação anterior à presença romana neste espaço.

Dentro da amostra de *Acus Crinalis*, todos os indivíduos se encontram dentro da baliza cronológica associada à ocupação romana deste espaço, mas a peça **243** parece ser inédita, e está relacionada com o Século V.

O anel **198** tem uma cronologia associada à ocupação romana deste espaço, e apresenta uma pequena gravação da letra “M”, o que poderá indicar posse. A questão do uso do Azeviche nos anéis romanos é muito interessante, poderemos, eventualmente, estar perante uma importação fora da própria Península Ibérica. De resto este tipo de material acaba também por espelhar a grande diacronia de ocupação deste espaço.

Talvez também seja possível acrescentar mais alguma informação sobre os “obscuros séculos que decorreram do VI ao XI” (Alarcão *et alii.*, 2009: 26).

O Separador de tear vertical (**145**) poderá corresponder a uma ocupação anterior aos séculos VIII ou IX, já que através da introdução do tear horizontal de pedais, o tear vertical entrou em desuso – introdução que deverá ter ocorrido durante a presença cultural muçulmana neste território.

O fuso **121** e a ponteira de baínha **248** podem igualmente fornecer mais informações sobre este período. Curiosamente, todos os paralelos encontrados para estas peças se relacionavam com o espaço temporal associado à presença islâmica em território Ibérico.

No entanto, nenhum destes objectos, agora estudados, tinham como contexto níveis islâmicos, bem como a amostra não nos parece suficientemente representativa para retirar outro tipo de conclusões. Todavia, pela presença destes materiais, a hipótese de uma ocupação islâmica deste espaço poderá ganhar mais força.

No que concerne ao conhecimento mais específico dos alfinetes, os que são caracterizados pela sua cabeça lisa (tipo 1) têm como época de proveniência mais frequente o século XV, enquanto que os que possuem uma pequena incisão na cabeça (tipo 2), aparecem muito mais frequentemente em contextos do século XVI.

Seria interessante que outros futuros trabalhos pudessem abordar a problemática de peças idênticas às fíbulas **178 e 179**. Apesar de desconhecermos o seu contexto de proveniência, podem ser associados aos Passadores em T dos séculos XV e XVI. Contudo, as nossas peças são menos trabalhadas, já que não apresentam quaisquer tipos de decorações ou depressões como aquelas que encontramos nos nossos paralelos. No entanto, talvez fosse interessante perceber se esta distinção morfológica não traz consigo uma distinção cronológico-cultural.

Entendemos que cumprimos com o que nos propusemos fazer no início deste Relatório de Estágio: realizar um estudo competente. Entendemos que o trabalho de inventariação ficou bastante completo, bem como a componente descritiva dos materiais – sendo que a totalidade dos materiais foi descrita com o maior rigor e precisão.

No campo gráfico, pareceu-nos que seria imperativo apresentar um registo fotográfico de toda a amostra (excepção feita aos alfinetes e pregos, uma vez que seria redundante, e por isso escolhemos apenas alguns que melhor representariam as suas tipologias), bem como a elaboração de desenhos, num total de 45 indivíduos, de forma a uma melhor compreensão das realidades materiais. Contudo, nem todos estes desenhos foram apresentados, em detrimento de outros que já se encontravam realizados – qualitativamente melhores que os nossos.

Gostaríamos de poder ter apresentado um trabalho mais completo a nível da pesquisa bibliográfica, bem como da procura de paralelos. No entanto, todo o trabalho

de Inventariação, Marcação e Selecção dos Materiais, Elaboração dos desenhos bem como das Descrições teve uma duração de cerca de 5 meses.

Só a partir de Fevereiro, e ainda que de uma forma intermitente, é que nos foi possível abordar mais aprofundadamente a questão da pesquisa bibliográfica. Assim, e dado o trabalho desenvolvido antes desta fase, aliado ao facto de existir uma escassa bibliografia sobre este tipo de materiais, não foi possível fazer uma pesquisa mais densa, o que nos impossibilitou de abordar mais problemáticas, e por conseguinte, lançar mais hipóteses.

Todavia, entendemos que este Relatório de Estágio se traduz num trabalho sério e competente, sobre uma temática ainda pouco explorada. Assim, parece-nos que este ensaio poderá ser útil para uma melhor compreensão da realidade dos metais, não só pela grande informação a que nos foi possível aceder em trabalhos anteriores (principalmente em relação aos seus contextos de proveniência), mas também pela nossa apresentação gráfica e descritiva, sempre enquadrada no arqueossítio do actual Museu Nacional de Machado de Castro.

Bibliografia:

ALARCÃO, J. (1971): “Mais Algumas Pequenas Coleções de Vidros Romanos”. In: *Conímbriga*, Volume X. pp. 25-43.

ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1982): “O Tempereiro e a Antiguidade no Tear Horizontal de Pedais.” In: *Conímbriga*, Volume XXI. Universidade de Coimbra. pp. 163 – 168.

ALARCÃO, J.; PIERRE, A.; BARRELAS, P.; CARVALHO, P.; SANTOS, F.; SILVA, R. (2009): *O Fórum de Aeminium: Em busca do desenho original*. Museu Nacional de Machado de Castro. Coimbra.

ALMAGRO GORBEA, M. (1955): *Las Necrópolis de Ampurias*. Volume II. Barcelona.

ARRUDA, A. (2005): “O 1º milénio a.n.e no Centro e Sul de Portual: leituras possíveis no início de um novo século”. In: *O Arqueólogo Português*, Série IV, nº 23, 2005. pp. 9-156

AURRECOECHEA FERNÁNDEZ, J. (1996): “Bronze Studs from Roman Spain”. In: *Journal of Roman Military Equipment Studies*. Volume 7. pp. 97 – 146.

AZUAR RUIZ, R. (1985): *Castillo de la Torre Grossa (Jijona)*. *Catálogo de Fondos del Museo Arqueológico*. Volume I. Alicante.

BARROCA, M.; MORAIS, A. (1985-1986): “A Terra e o Castelo: Uma experiência arqueológica.” In: *Portugalia*. Volumes 6 e 7. pp. 37 - 88

BARROCA, M.; GOUVEIA MONTEIRO, J. (2000): *Pera Guerreira: Armamento Medieval no Espaço Português*. Câmara Municipal de Palmela.

BISHOP, M. (1992): “The early imperial “apron””. In: *Journal of Roman Military Equipment Studies*. Volume 3. pp. 81 – 104.

BOAVIDA, C. (2011): “Artefactos Metálicos do Castelo de Castelo Branco (Castelo Branco, Portugal) ”. In: *AÇAFA On-line*. Vila Velha de Rodão. pp. 2 – 45.

BOONE, J. (1992): “The first two seasons of excavations at Alcaria Longa”. In: *Arqueologia Medieval*. Campo Arqueólogo de Mértola. Edições Afrontamento, Número 1. pp. 51-64

BORBIA MELENDO, E. (2007): “Instrumental médico-quirúrgico en la “Hispania” romana”. In: *Sautuola*. Volume XIII. Cantábria. pp. 181 – 196.

CARDOSO, G; LUNA, I. (2012): “Fragmentos do Quotidiano Urbano de Torres Vedras, entre os Séculos XV e XVIII”. In: *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume I. pp. 163-172

CARVALHO, P. (1998): *O Fórum de Aeminium*. Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus. Lisboa.

CATARINO, H. (1997/1998): “O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica – Povoamento rural e recintos fortificados”. In: *Al-ulyã*, Revista do Arquivo Histórico de Loulé, Nº 6.

COSTA, A. (2008): *Estudo Petrográfico e Geoquímico das Ocorrências de Azeviche da Região de Batalha – Portugal*. Dissertação de Mestrado de Geomateriais e Recursos Geológicos. Porto.

CUISENIER, J. (Com. Gen.) (1988): *Un Village au temps de Charlemagne*. Ministère de la Culture, de la Communication des Grands Travaux et du Bicentenaire. Éditions de la Réunion des musées nationaux. Paris.

DE MAN, A.; SOARES, A. (2007): “A Datação Pelo Radiocarbono dos Contextos Pós-Romanos de Conímbriga.” In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 10, número 2. pp. 285-294.

ENCARNAÇÃO, J. (2006): *Epigrafia: As Pedras que Falam*. Coimbra.

FERNÁNDEZ IBÁÑEZ, C. (2007): “Sistemas mecânicos y otros ingenios de seguridad: llaves y cerraduras.” In: *Sautuola*. Volume XIII. Cantábria, 2007. pp. 217 – 236.

FERREIRA, J. (2012): *A Intervenção na Igreja Românica de S. João de Almedina: novos dados e contribuição para o conhecimento e a valorização do espaço*. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia e Território.

FILIPPE, I ; BRAZUNA, S.; MATOS, V.; FREITAS, J. (2002): “Necrópole de S. Martinho: análise preliminar dos dados arqueológicos e antropológicos”. In: *(Era) Arqueologia*. Lisboa. pp. 54 – 79.

FRANÇA, E. (1968): “Alfinetes de Toucado, Romanos, de Conímbriga”. In: *Conímbriga*, Volume VII. Universidade de Coimbra. pp. 67 – 95.

FRANÇA, E. (1971): “Objectos de toilette de Conímbriga”. In: *Conímbriga*. Volume X. Universidade de Coimbra. pp. 5 – 23.

GUIRAUD, H. (1989): “Bagues et anneaux à l’époque romaine en Gaule”. In: *Galia*. Tome 46. pp. 173-211

LORREN, C. (1977): “Le Château de Rubercy. Étude de la demeure principale (c. 1150-1204)”. In: *Archéologie Médiévale diévale*. Centre de Recherches Archéologiques Médiévales. Tome VII. pp. 109-178

MAIA, M. (2000): “Tavira Fenícia: O Território para o Ocidente do Guadiana, nos inícios do I milénio a.C.” In: *Fenício y Território. Actas del II Seminário Internacional sobre Temas Fenícios*. Alicante. pp. 121 – 150

MARINETTO SÁNCHEZ, P. (2013): *Armas y Enseres para la defensa Nazarí*. Museo de Alhambra.

MARTINS, C. (2001): “A Cronologia dos “Passadores em T” e um conjunto cerâmico dos sécs. XV/XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo). In: *O Arqueólogo Português*, Série IV, 19. pp. 247 – 258.

MOREIRA, A. (2007): *Museu Municipal Abade Pedrosa. Coleção Arqueológica*. Câmara Municipal de Santo Tirso.

MULLER, H. (1980): *Jet Jewellery and Ornaments*. Shire Album, nº 52.

NAVARRO PALAZÓN, J.; ROBLES FERNÁNDEZ, A. (1996): *Liétor: Formas de vida rurales en Sarq al-Andalus a través de una ocultación de los siglos X – XI*. Serie Islam y Arqueología. Centro de Estudios Árabes Ibn Arabi – Ayuntamiento de Murcia.

OLEIRO, J. B. (1957): *O criptopórtico de Aeminium*. Associação Portuguesa para o progresso das Ciências. Coimbra.

OSÓRIO, M. (2001): “Metalurgia no povoado fortificado alto-medieval do Sabugal Velho”. In: *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e do Magreb (500 – 1500)*. *Actas do Simósio Internacional sobre Castelos*. Câmara Municipal de Palmela. pp. 791 – 794

PALOMAR, T.; PEÑA-POZA, J.; CONDE, J. (2009): “Cuentas de Vidrio Prerromanas y Arqueometría en Valoración de los Trabajos Realizados en la Península Ibérica”. In: *Zephyrus*, LXIV. pp. 53-62

PAZ PERALTA, J. (1991): *Cerámica de Mesa Romana de los Siglos III al VI d.C. En la Provincia de Zaragoza*. Institución Fernando El Católico. Zaragoza.

PONTE, S. (1986): “Algumas peças metálicas de necrópoles Romanas dos distritos de Portalegre e de Évora.” In: *Conímbriga*, Volume XXV. Universidade de Coimbra, 1986. pp. 102-132

PONTE, S. (1987): “Artefactos romanos e post-romanos de S. Cucufate”. In: *Conímbriga*. Volume XXVI. Universidade de Coimbra, 1987. pp. 133 – 166.

PONTE, S. (2006): *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra.

RABEISEN, E. (1990): “La production d’équipement de cavalerie au 1er s. après J.-C à Alesia (Alise-Sainte-Reine, Côte-d’Or, France)”. In: *Journal of Roman Military Equipment Studies*. Volume 1. pp.73 – 98.

RAPOSO, J.; DUARTE, A. (1995): “Intervenção Arqueológica na Quinta de S. Pedro (Corroios, Seixal)”. In: *Almadan*, IIª Série, Nº 4. pp. 26-33.

RASCÓN MARQUÉS S.; POLO LOPEZ.J; PEDREIRA CAMPILLO.G; ROMÁN VICENTE.P (1995): “Contribución al conocimiento de algunas producciones en hueso de la ciudad hispanorromana de *Complutum*: el caso de las acus crinales”. In: *Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Prehistoria y Arqueología*. Volume 8. pp. 295-340.

RETUERCE VELASCO, M. (1987): “El Templen: Premier testimonio del Telar Horizontal en Europa?”. In: *Boletín de Arqueología Medieval*, nº 1 (Separata). Asociacion Española de Arqueología Medieval. pp. 71 – 78

RIBOT, H. (1985): “Lês fouilles du Castrum de Sainte-Madeleine (Lá Môle, Var).” In: *Archéologie Médiévale*. Centre de Recherches Archéologiques Médiévales. Tome XV. pp. 103-156

RODRIGUEZ MARTÍN, F. (1991/1992): “Los Materiales de Hueso de la Villa Romana de Torre Aguila”. In *Anas – IV – V*. Museo Nacional de Arte Romano, Merida. pp. 181 – 216.

RUANO RUIZ, E. (1996): *Las Cuentas de Vidrio Prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza Y Formentera*. Govern Balear. Ibiza.

SILVA, A. (2007): *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

SILVA, R. (2004): *Intervenção Arqueológica no Museu de Machado de Castro (2003)*. Relatório Inédito. IGESPAR, Lisboa.

SILVA, R (2009): *Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra): Criptopórtico e Fórum de Aeminium*. Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos 2006-2008. Coimbra.

SILVA, R. (2012): “Primeira Abordagem à um Depósito Moderno no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro). A Cerâmica desde meados do Século XV à consolidação Da Renascença.” In: *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume II. pp. 877-890

SILVÉRIO, S.; BARROS, L.; TEIXEIRA, A. (2004): “Escavações arqueológicas no castelo de Penamacor/Cimo da Vila: resultados da primeira campanha (2003). In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 7, Nº 2. pp. 473 – 540.

SOUSA, E. (2011): *Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização material na Madeira e nos Açores (Século XV-XVIII)*. Doutoramento em História Especialização em História Regional e Local. Lisboa.

STEPHENS, J. (2008): “Ancient Roman Hairdressing: on hair(pins) and needles.” In: *Journal of Roman Archaeology*, Volume 21. pp. 111-132

TEIXEIRA, A; GIL, L. (2012): ”Cada Botão Sua Casaca. Indumentária recuperada nas escavações arqueológicas da Fragata de *Santo António de Taná*, naufragada em Mombaça em 1697”. In: *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna*. Volume II. pp. 671 – 682.

TENTE, C. (2007): “Paisagens Humanas alto-Medievais na Vertente Noroeste da Serra da Estrela (Portugal).” In: *Territorio, Sociedad y Poder. Revista de Estudios Mediavales*. Número 2. Universidad de Oviedo.

VARELA GOMES, M; CASIMIRO, T; GONÇALVES, J. (2012): *Espólio do Naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde)*. Contributo para a *Arqueologia da Expansão*. Universidade Nova de Lisboa.

VENTURA, L.; OLIVEIRA, A. (2011): *Chancelaria de D. Afonso III*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Anexos

Anexo 1: Cronograma do Estágio

Cronograma dos trabalhos													
Descrição dos trabalhos	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	
Inventariação	■												
Marcação e Selecção dos Materiais para Estudo		■											
Elaboração dos Desenhos			■	■									
Elaboração das Descrições					■								
Elaboração do Registo Fotográfico e Organização do Catálogo						■							
Organização do Catálogo							■						
Pesquisa Bibliográfica								■					
Pesquisa Bibliográfica e Redação do Relatório de Estágio									■	■			
Redação do Relatório de Estágio											■	*	

* 10 de Setembro: Entrega do Relatório de Estágio na FLUC

**Anexo 2: Planta da Área escavada entre 1992 e 1998
(Carvalho, 1998: 19 – Planta 1)**

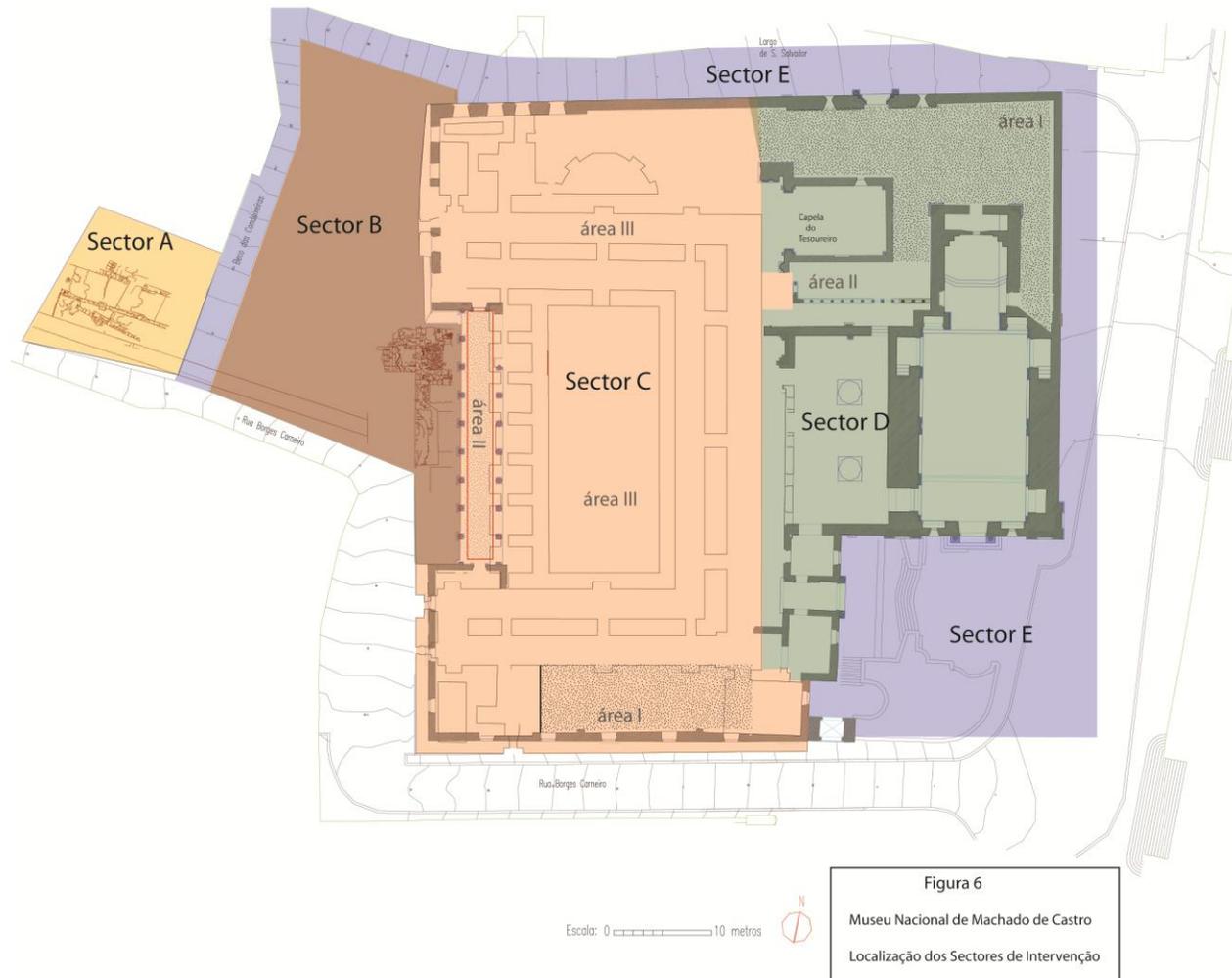


Planta 1

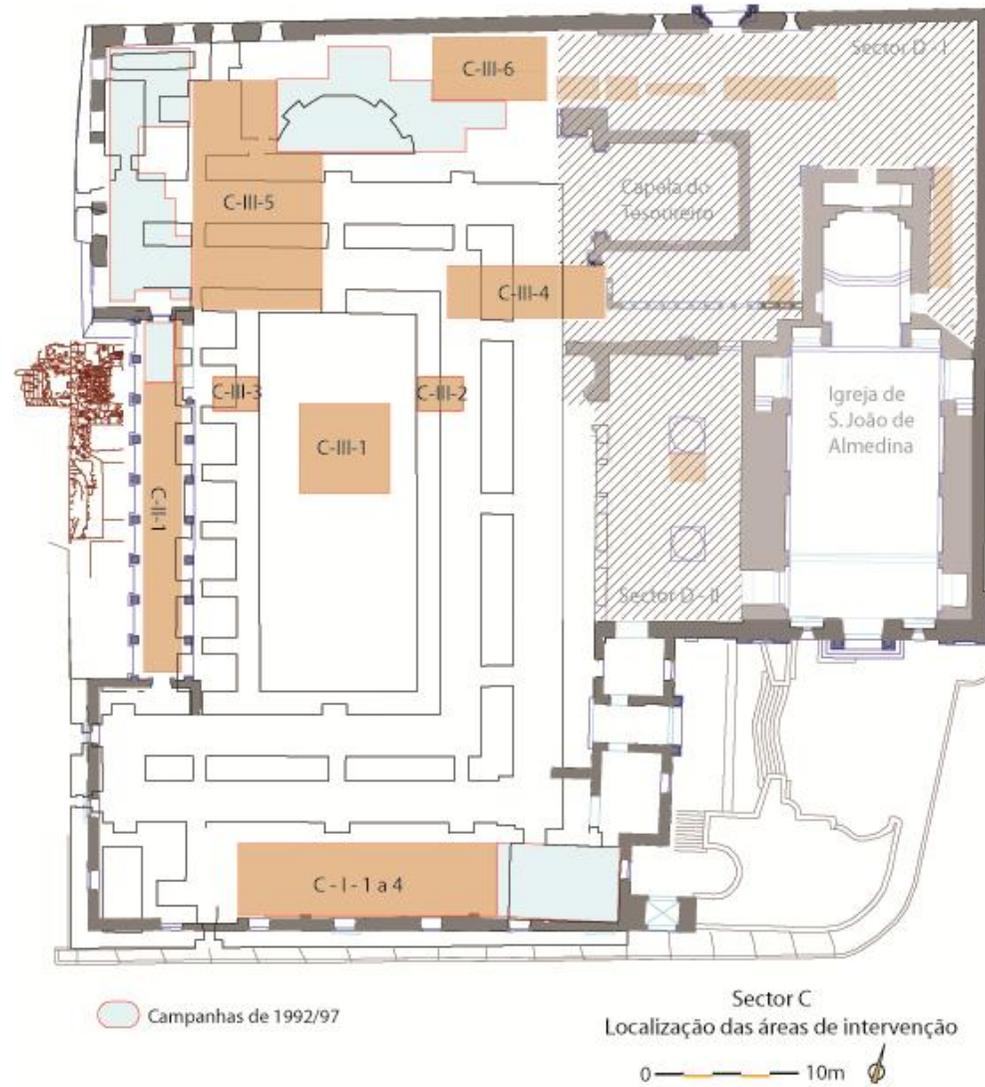
**Anexo 3: Planta da Área escavada de 2001 e 2003
(Silva, 2009: Figura 7)**



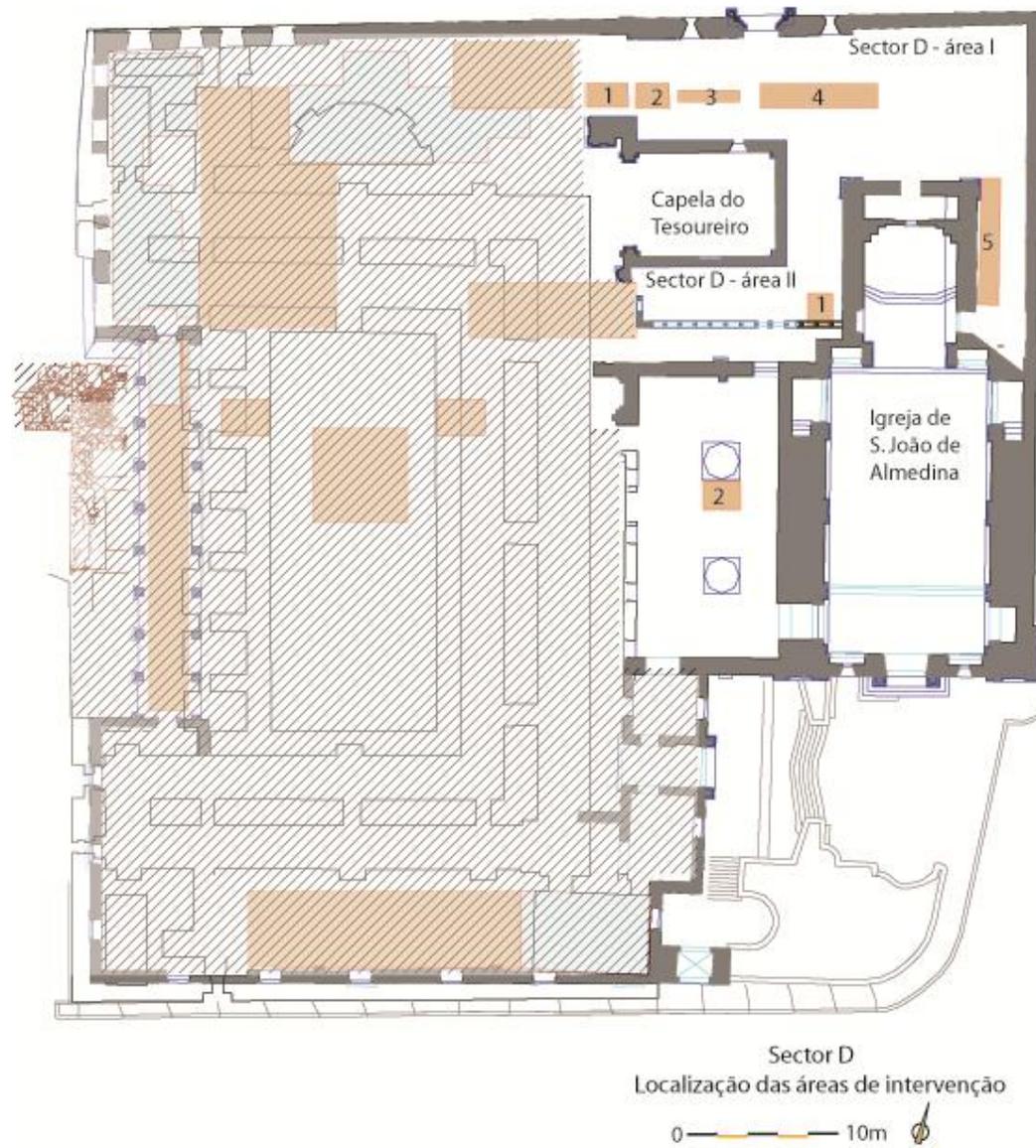
**Anexo 4: Planta da Área escavada entre 2006 e 2008
(Silva, 2009: Figura 6)**



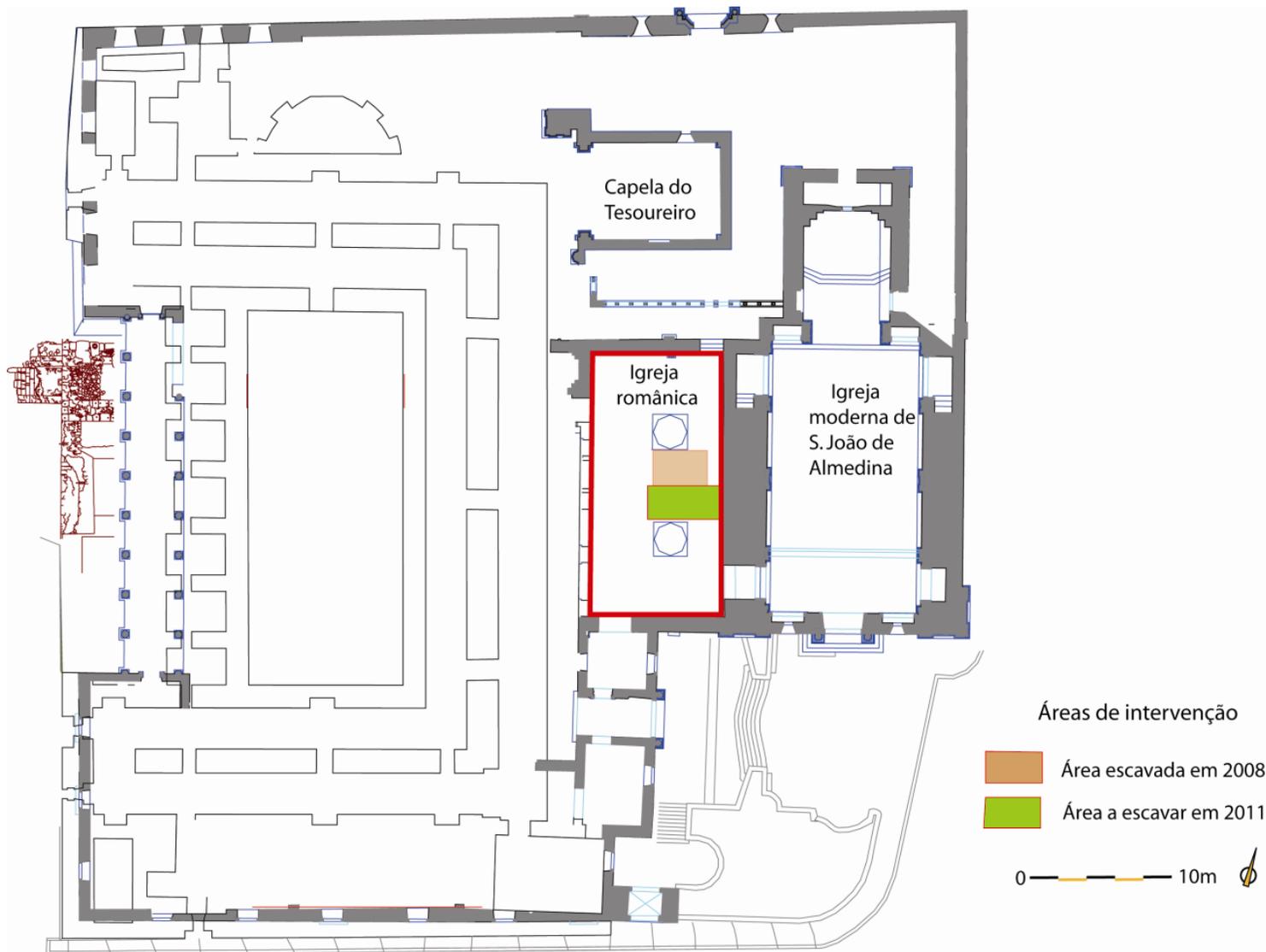
**Anexo 5: Planta da Área do Sector C entre 2006 e 2008
(Silva, 2009: Figura 21)**



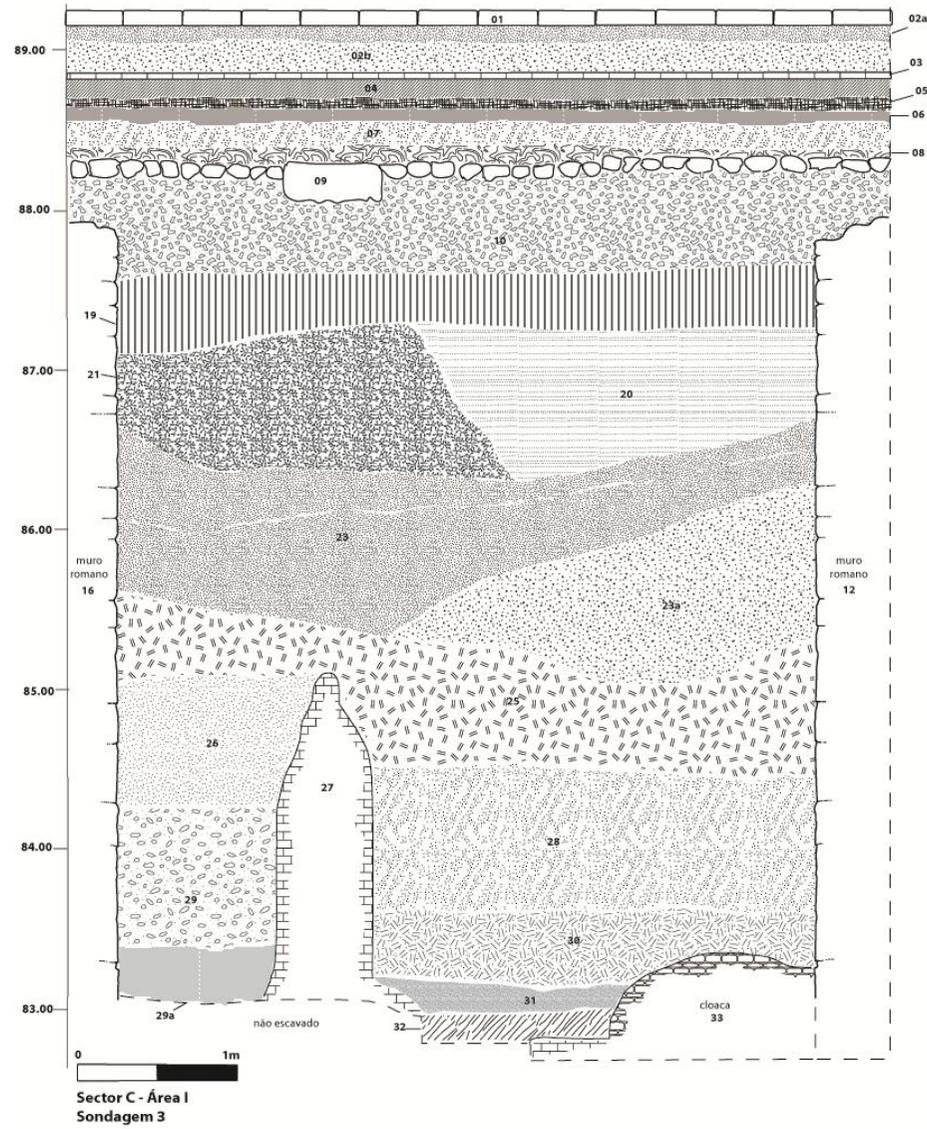
**Anexo 6: Planta da Área do Sector D entre 2006 e 2008
(Silva, 2009: Figura 57)**



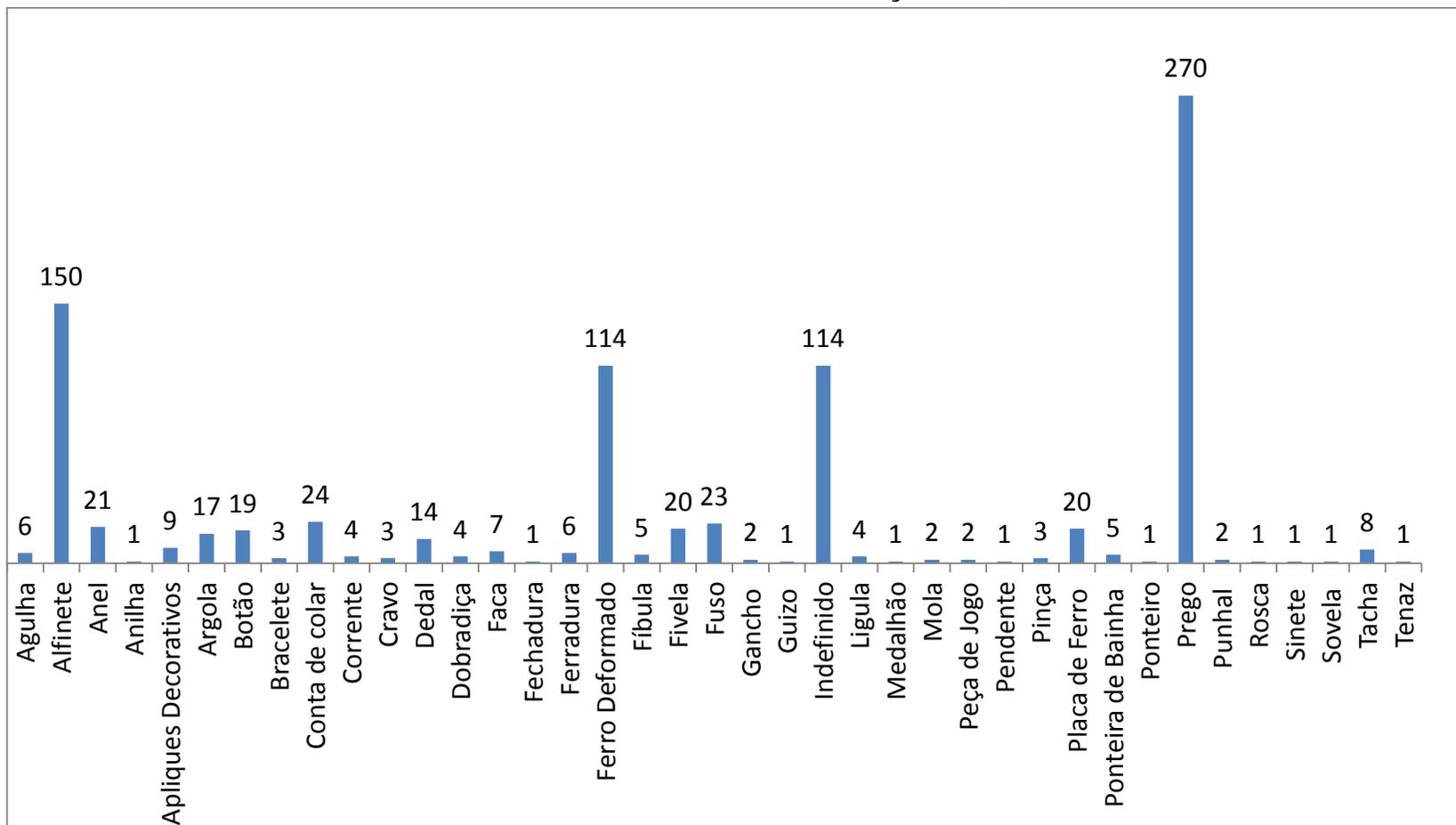
**Anexo 7: Planta da Área escava de 2011
(Ferreira, 2012: Figura 3)**



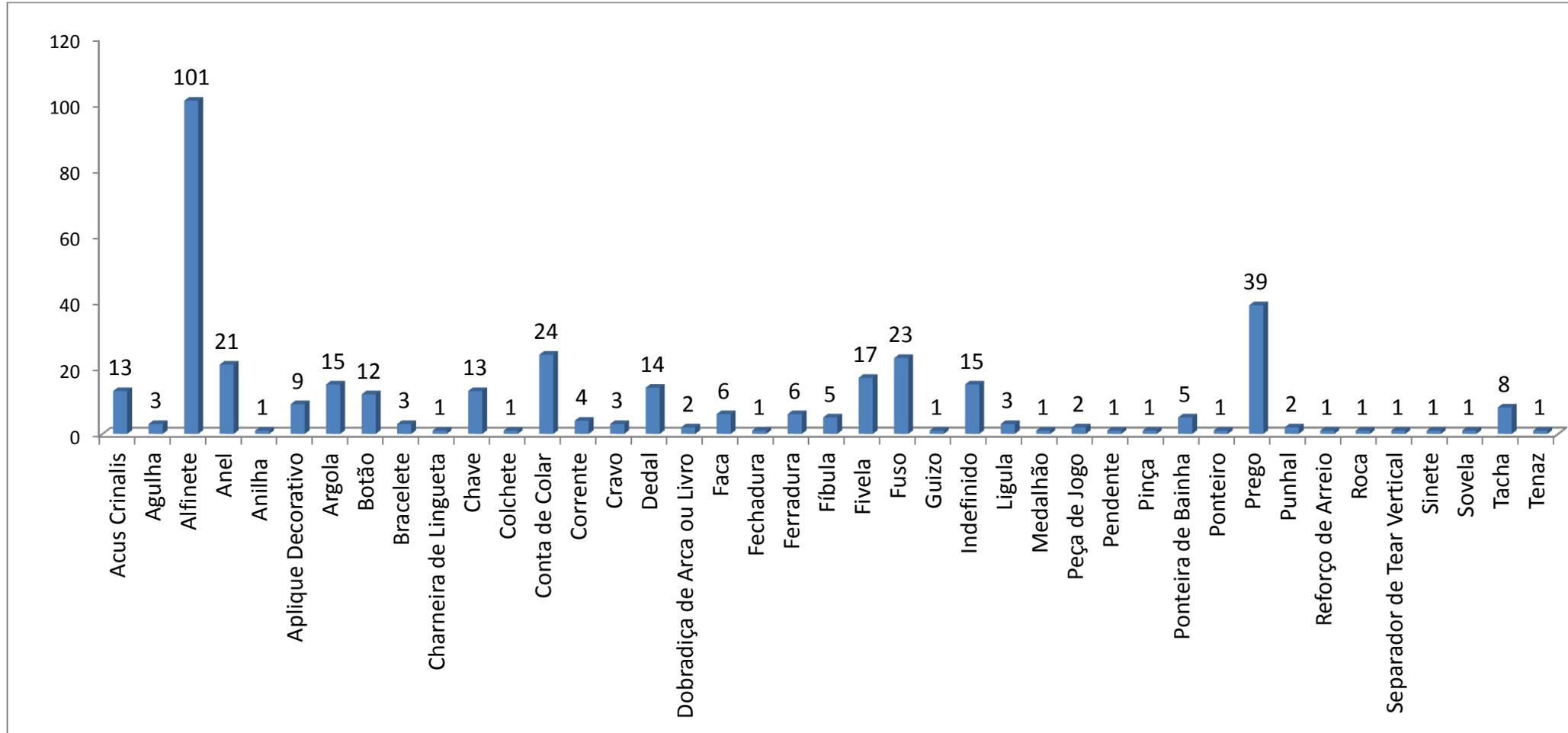
Anexo 8: Estratigrafia da Sondagem 3, da Área I do Sector C
(Silva, 2009: Figura 29)



Anexo 9: Número Total de Peças (891)



Anexo 10: Amostra das Peças submetidas a Estudo (383)



Anexo 11: Acondicionamento da Amostra em Espuma de Politieno



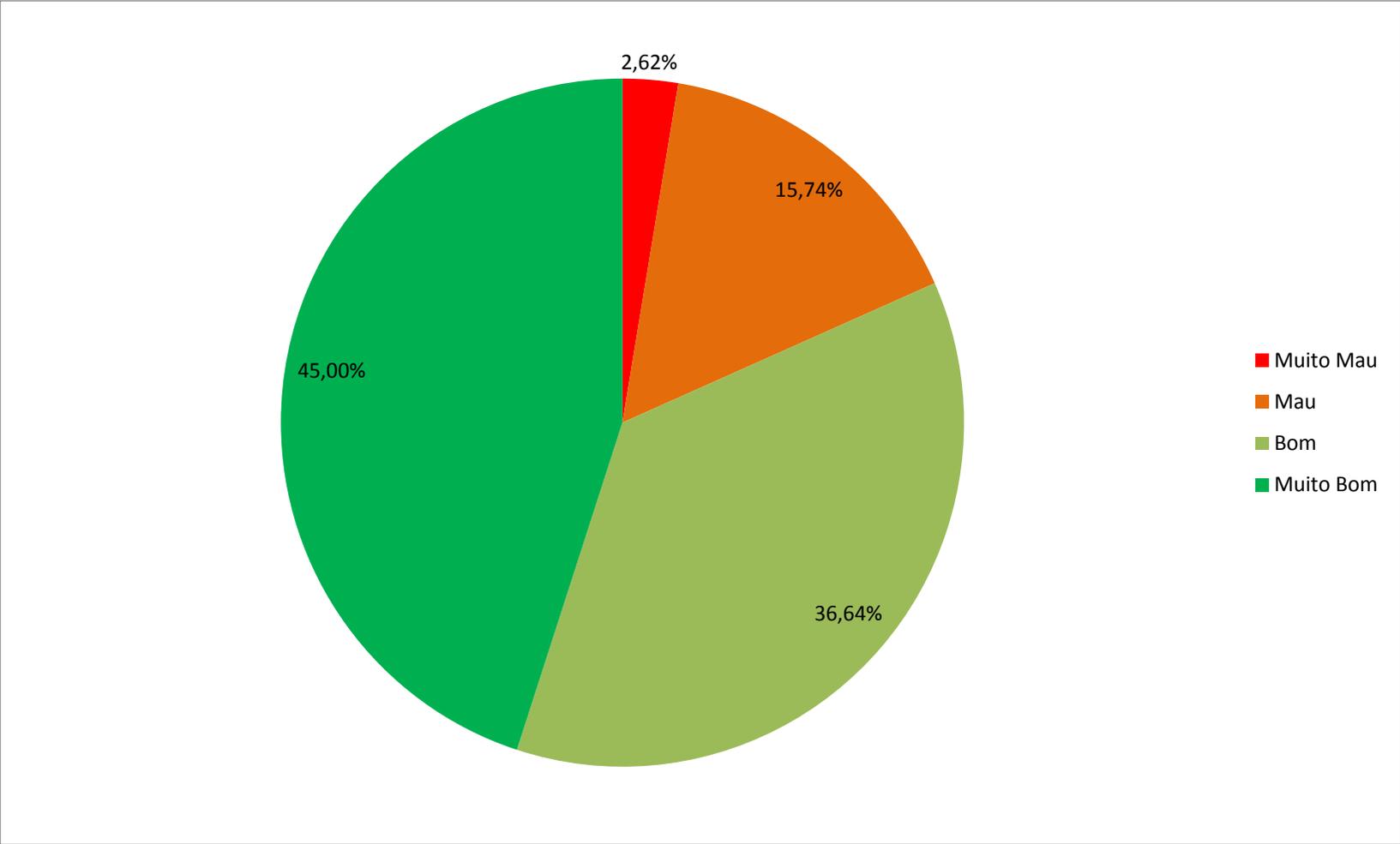
Anexo 12: Ficha Descritiva

Inventário Geral	Campanha da Escavação	U.E e Contexto
Tipo de artefacto		Matéria-prima
Descrição morfológica	Decoração	
Dimensões (em centímetros)	Estado de conservação	
Contexto/Periodização	Paralelos	
Fotografia	Desenho	

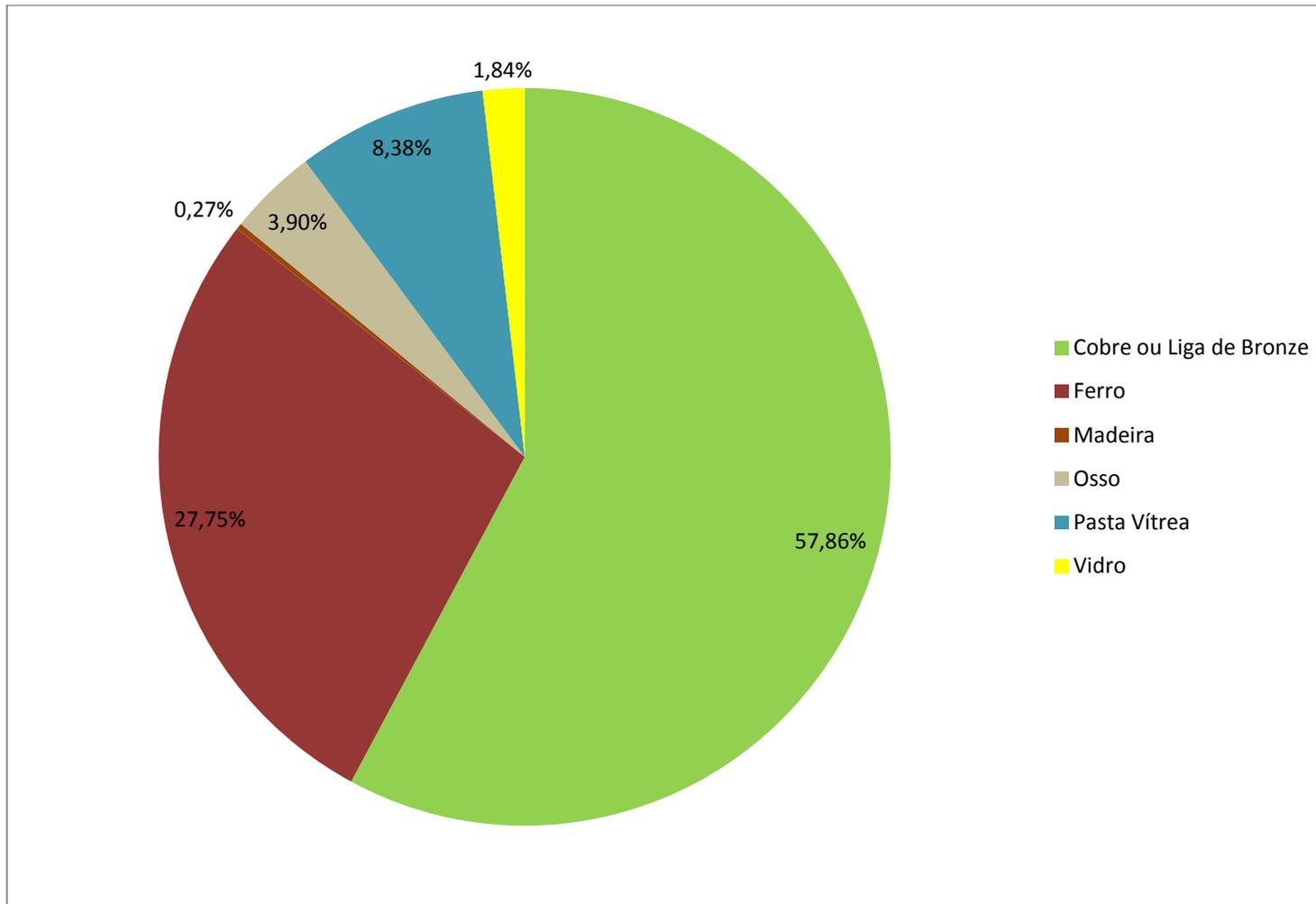
Autor:

Data:

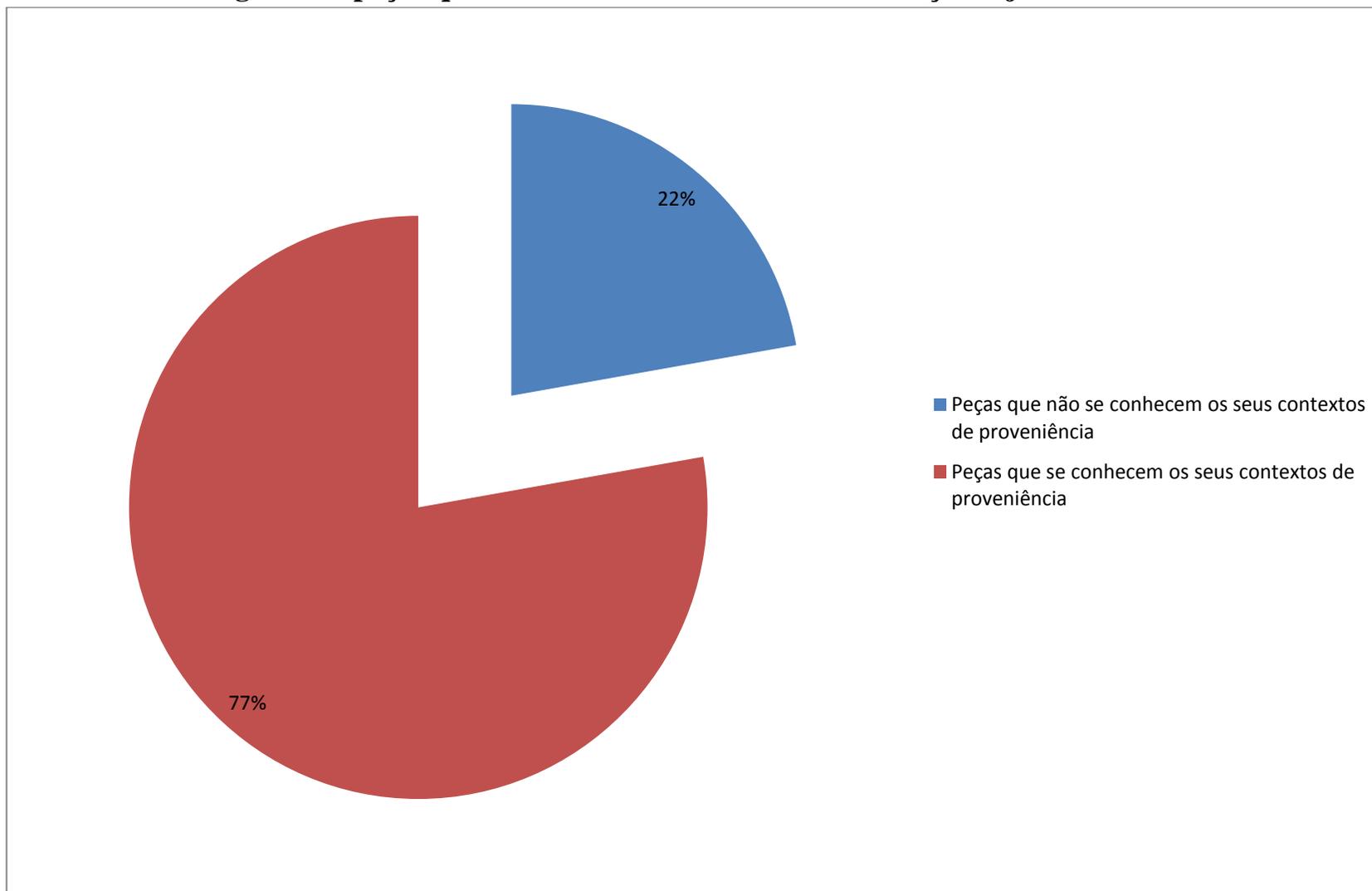
Anexo 13: Percentagens do Estado de Conservação da Amostra



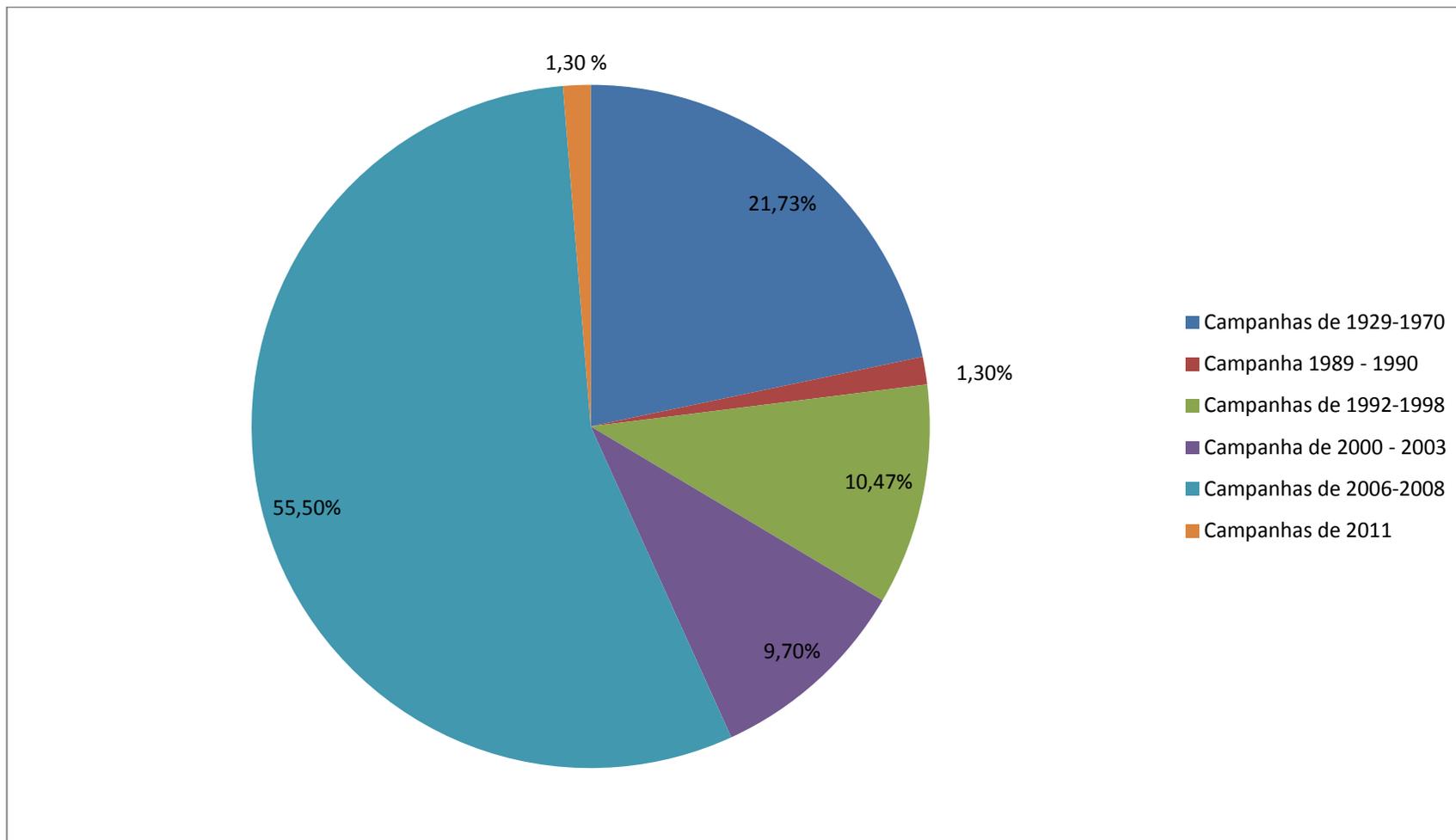
Anexo 14: Percentagens dos Materiais que Compõe a Amostra



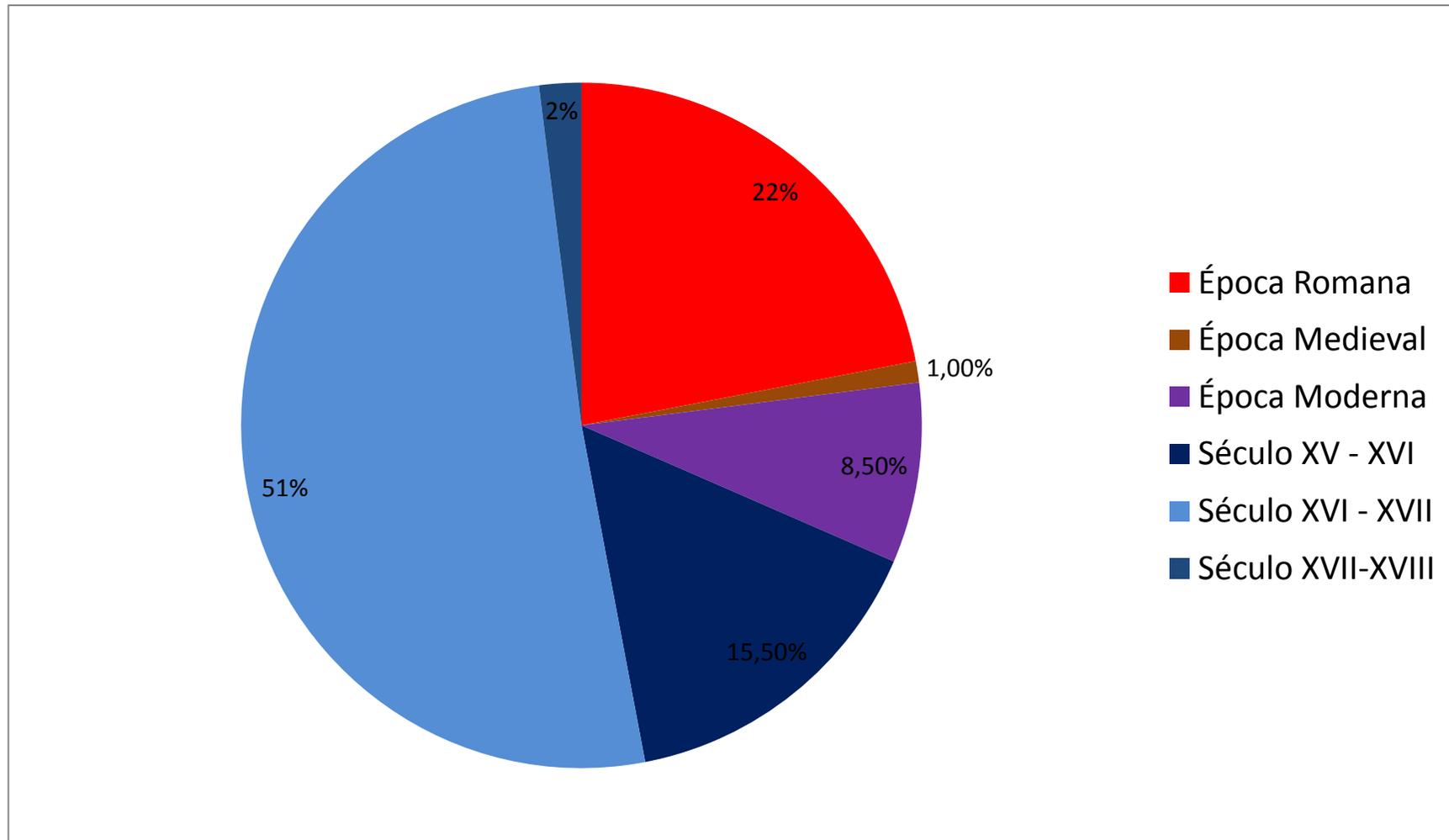
Anexo 15: Percentagens das peças que conhecemos o seu contexto VS Peças cujo contexto nos é desconhecido.



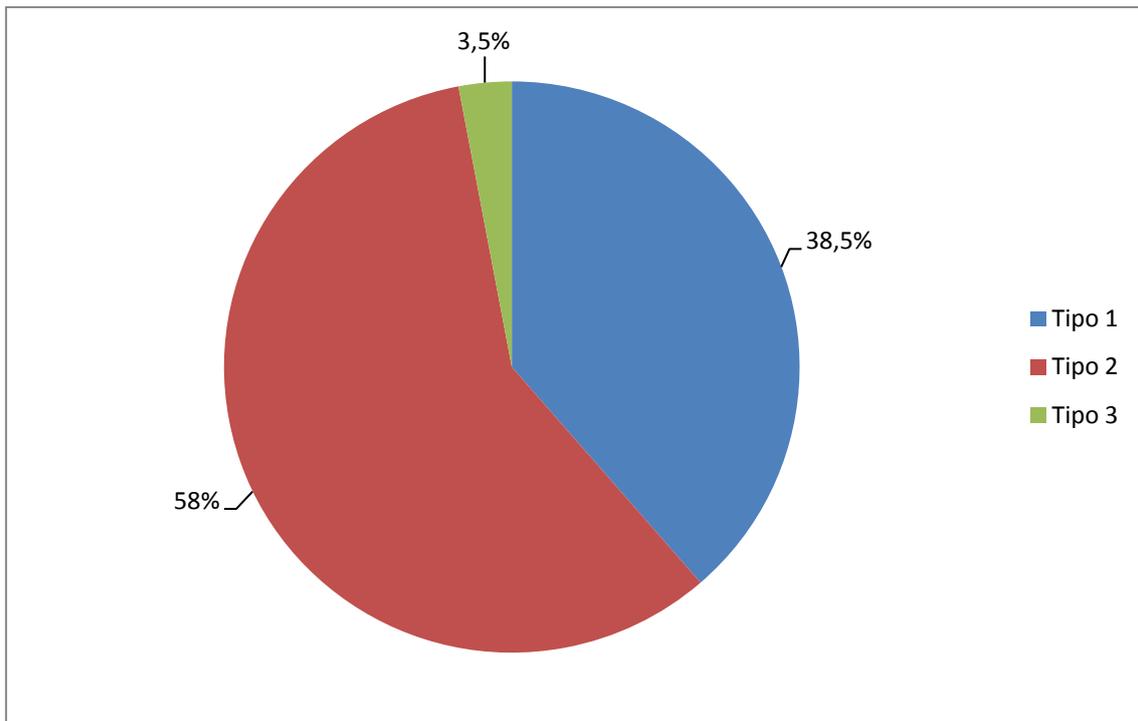
Anexo 16: Proveniência dos Objectos relativamente às Campanhas de Escavação



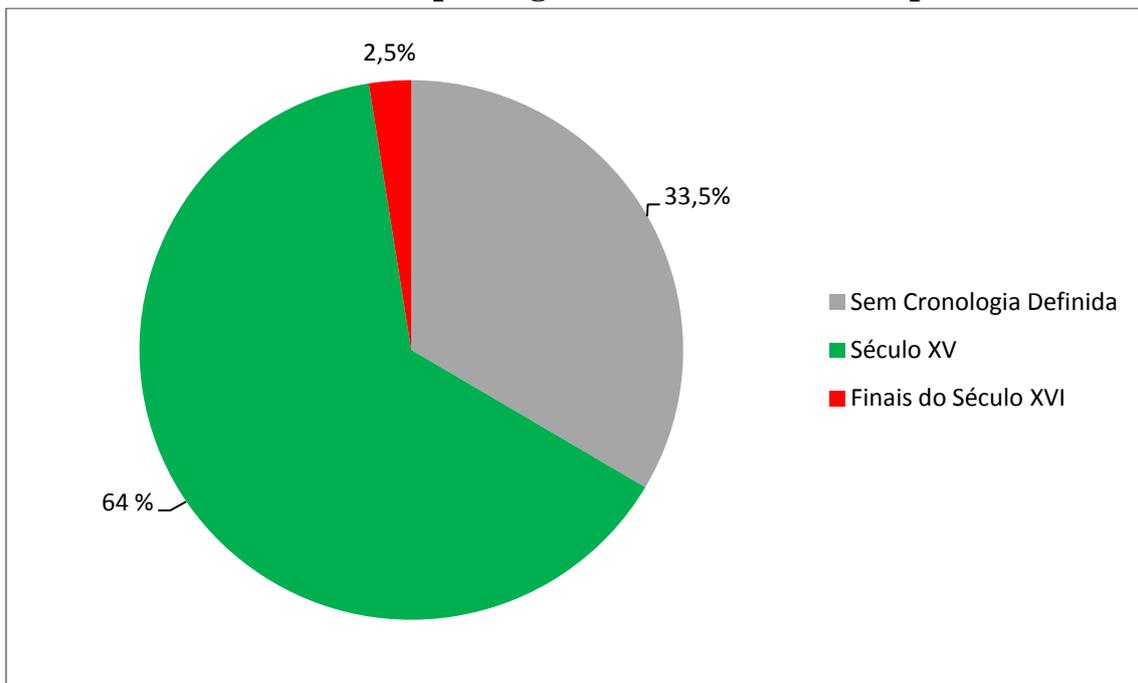
Anexo 17: Percentagens das proveniências dos Objectos relativamente à datação das camadas estratigráficas associadas.



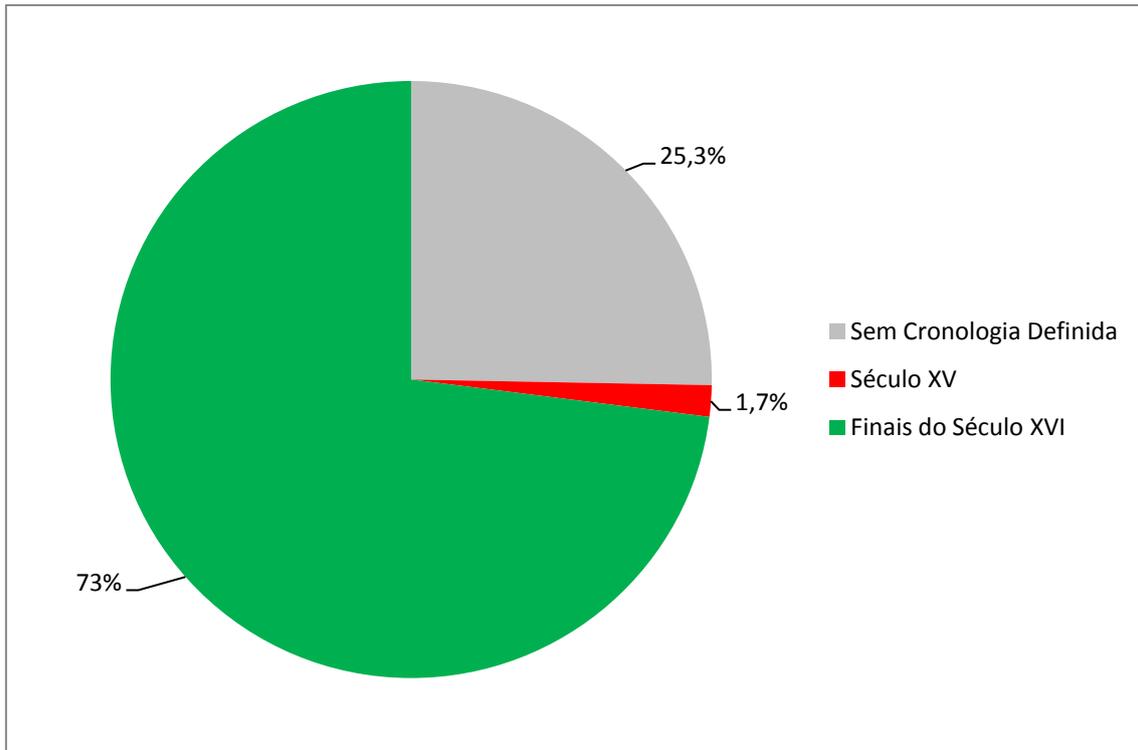
Anexo 18: A representação por percentagem dos vários Tipos de alfinetes.



Anexo 19: Representação por percentagem das cronologias associadas aos contextos arqueológicos dos alfinetes do Tipo 1



Anexo 20: Representação por percentagem das cronologias associadas aos contextos arqueológicos dos alfinetes do Tipo 2



Anexo 21: Esquema proposto para o Tear Vertical. (Cuisenier et alii, 1988: 281)

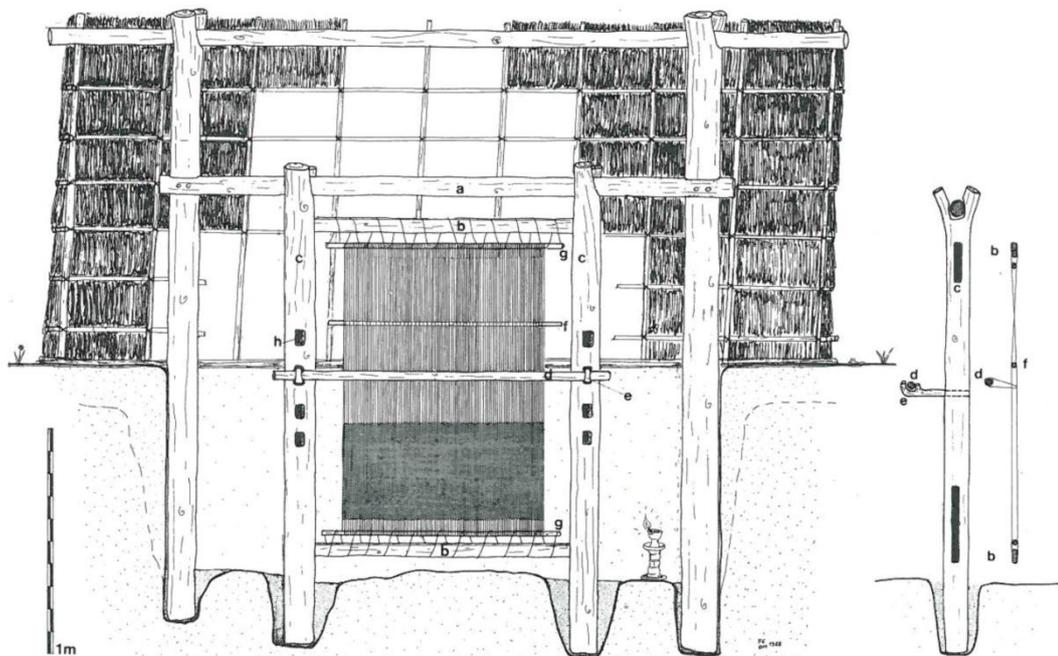


Fig 100 : Essai de restitution d'un atelier (cabane 106 de Baillet-en-France) et d'un métier à tisser vertical à deux barres, d'après les données archéologiques et iconographiques des ix^e et x^e siècles.

Anexo 22 e 23: Proposta de Utilização dos Separadores do Tear Vertical. (Cuisenier et alii, 1988: 280)

Em baixo, o exemplar o Separador 145 da nossa amostra

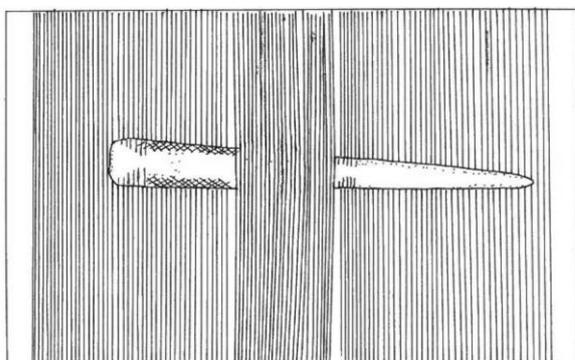


Fig 98 a : Schéma d'utilisation d'une broche en os comme « navette » pour enfileur la trame et former la croisure de la toile.

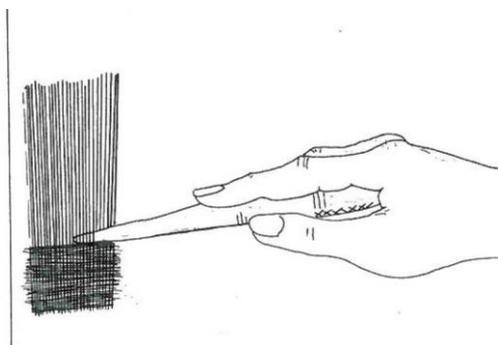
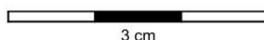
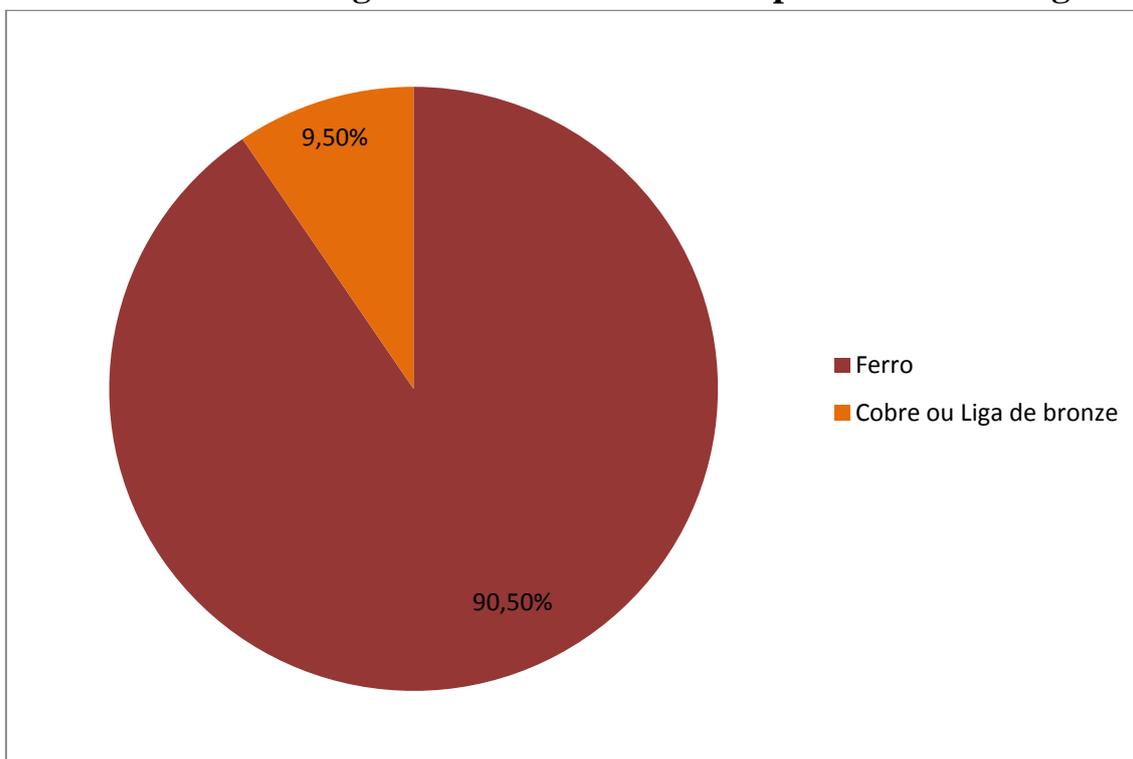


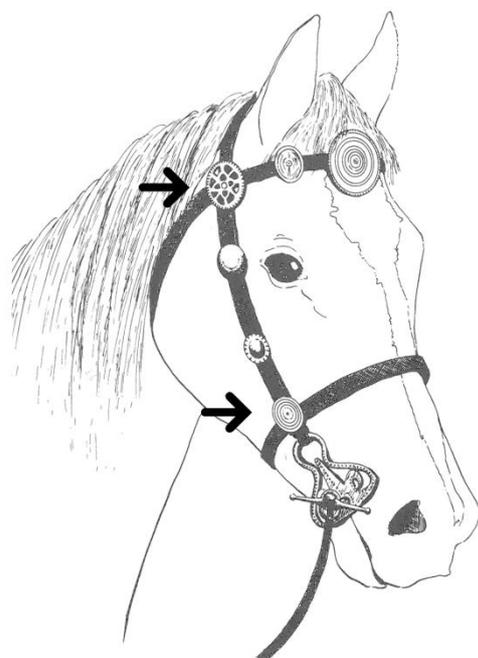
Fig 98 b : Schéma d'utilisation d'une broche en os pour descendre et *lasser* les fils de la trame.



Anexo 24: Percentagem das Matérias-Primas presentes nos Pregos



**Anexo 25: Exemplos de aplicação da tacha 375 nos arreios de cavalo.
(Aurrecochea Fernández, 1996:138)**



1 cm



1 cm